



UDESC

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA INFORMAÇÃO – PPGInfo

NERI FERREIRA FILHO

**NAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA SOB O ENFOQUE DA GESTÃO
DA INFORMAÇÃO**

Florianópolis

2020

NERI FERREIRA FILHO

**NAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA SOB O ENFOQUE DA GESTÃO
DA INFORMAÇÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão de Unidades de Informação – Mestrado Profissional.

Linha de Pesquisa: Gestão da Informação

Orientador: Prof. Dr. Júlio da Silva Dias

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Maria Pereira

Florianópolis

2020

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Setorial do FAED/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Ferreira Filho, Neri

Nas trilhas da ilha de Santa Catarina sob o enfoque da Gestão da
Informação / Neri Ferreira Filho. -- 2020.
168 p.

Orientador: Júlio da Silva Dias

Coorientadora: Ana Maria Pereira

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação,
Florianópolis, 2020.

1. Gestão da Informação. 2. Ecoturismo. 3. Trilhas ecológicas.
4. Trilhas urbanas. 5. Tomada de decisão. I. da Silva Dias, Júlio. II.
Pereira, Ana Maria. III. Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação Profissional em Gestão de Unidades de Informação.
IV. Título.

NERI FERREIRA FILHO

**NAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA SOB O ENFOQUE DA GESTÃO
DA INFORMAÇÃO**

O presente trabalho em nível de Mestrado Profissional foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Flores
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Julibio David Ardigo
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
(Examinador Interno)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de mestre em Gestão de Unidades de Informação.

Profa. Dra. Elaine Rosangela de Oliveira Lucas
Coordenadora do Programa

Prof. Dr. Júlio da Silva Dias
Orientador

Profa. Dra. Ana Maria Pereira
Coorientadora

Florianópolis
2020.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Orientador Dr. Júlio, pela criatividade em mostrar que há várias opções de ideias para construção do texto.

À Professora Coorientadora Dra. Ana Maria, por me conduzir na organização textual, mostrando a importância de um texto bem organizado.

À banca de qualificação pelas contribuições.

Aos Professores do PPGInfo, que por meio das disciplinas e interação em sala mostraram as várias possibilidades que o tema proporciona.

À Fernanda Vasconcelos, pelas revisões.

À nossa turma de mestrado PPGInfo 2018, pelas discussões e contribuições relativas as disciplinas e ao texto.

À Biblioteca Universitária da UDESC, pelo espaço e seus funcionários pelas inúmeras interações e capacitações.

À Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) pela estrutura e principalmente pelo espaço que deixa disponível durante todos os dias do ano, por meio da sala de estudos individuais.

À natureza preservada e exuberante da Ilha de Santa Catarina, com seus espaços ao ar livre, especificamente as Trilhas do Gravatá, Lagoinha do Leste, Caminho do Morro das Feiticeiras e Morro da Oração, este último que conheci recentemente, onde fiz parte de meus estudos, sendo eles de campo ou para revisão dos assuntos relativos às disciplinas e construção dos artigos, foram revisados e aprofundados. Nesses locais percebi que a concentração e o foco foram mais intensos.

“A tomada de decisões, embora siga um roteiro prescritivo, está sujeita a cognição do responsável pela mesma que varia da extroversão à introversão, da sensação à intuição, do raciocínio lógico à sensação e do julgamento à percepção” — K. Jung

RESUMO

A Organização “Nas Trilhas da Ilha”, prestadora de serviços de ecoturismo, com suas atividades localizadas na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis), tem atualmente seu processo decisório comprometido, devido à ausência de uma gestão estruturada de informações. O presente trabalho de pesquisa sugere uma reestruturação na Gestão da Informação (GI) dessa Organização, e apresenta como objetivo geral analisar a gestão da informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”, como apoio à tomada de decisão. Trata-se de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e de campo, e o método escolhido foi o estudo de caso. Sob o ponto de vista da natureza de coleta e análise de dados, possui uma abordagem qualitativa e descritiva. Os resultados, alinhados com os objetivos específicos, proporcionaram uma visão mais ampla da estruturação da gestão na referida Organização. Os dados capturados em ambiente externo geraram um fluxo informacional de extrema relevância para a atualização das informações sobre os caminhos e trilhas, gerando assim um diferencial competitivo, suportando a tomada de decisão. Como resultados alcançados, confrontando-se as pesquisas bibliográficas com as de campo, constatou-se que há pouca atualização de dados em publicações desde o ano de 2005; assim, algumas informações captadas em campo diferem daquelas existentes no material bibliográfico pesquisado em trilha ecológica. Constatou-se também que há possibilidades de sugerir roteiros de trilhas ecológicas e caminhos com as mesmas características em pontos diferentes na ilha de Santa Catarina. Para trilhas urbanas, identificaram-se pontos de atrações ecoturísticas isolados, sem ligação com outros para a formação de roteiros, e sendo assim, foram elaborados 3 roteiros de trilhas urbanas. Por fim, conclui-se que ao analisar a GI como apoio a tomada de decisão de posse de informações confiáveis, a tomada de decisão se torna mais assertiva na presente Organização.

Palavras-chave: Gestão da Informação. Ecoturismo. Trilhas ecológicas. Trilhas urbanas. Tomada de decisão.

ABSTRACT

“Nas Trilhas da Ilha” Organization provides ecotourism services, as its activities are developed in the Santa Catarina Island (Florianópolis), and currently presents its decision-making process compromised, due to the absence of structured information management. The present research suggests a restructuring in the Information Management (IM) for this Organization, presenting as the main objective to analyse the information management of the Organization “Nas Trilhas da Ilha” as a support to decision making. It is an exploratory bibliographic and field research, where the chosen method was the case study. Observing the data collection and analysis procedures, it has a qualitative and descriptive approach. The results were coherent with the specific objectives, providing a broader view of the management structure for this Organization. The external data obtained has contributed to generate an information flow of extreme relevance for updating information on paths and trails, resulting in a competitive differential, and supporting decision making. As achieved results by comparison between bibliographic and field research, it was found that there is little data update in scientific publications since 2005, resulting that some information captured in the field differs from that existing in the bibliographic material researched on ecological trail. It was also found the possible suggestions for propose new routes of ecological trails and paths with the same characteristics at different coordinates in the Santa Catarina Island. For urban trails, some isolated areas for ecotourist attractions were identified, but without connection with other points for the formation of routes, and then 3 routes for urban trails were elaborated. Finally, it was concluded that when analysing the IM as a support for decision making and trough reliable information, decision-making becomes more assertive for the present Organization.

Keywords: Information Management. Ecotourism. Ecological trails. Urban trails. Decision making.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelagem de processo de oferecimento de serviço ao cliente.	25
Figura 2 - Frequência acumulada percentual das respostas para a pergunta: “Quando você pensa no Estado de Santa Catarina qual palavra vem a sua cabeça?”.	31
Figura 3 - Ciclo do conhecimento.	55
Figura 4 – Fluxo de Informações da Organização “Nas Trilhas da Ilha”.....	72
Figura 5 - Como você escolhe sua trilha (Por atrações da paisagem que você pode encontrar durante o percurso?)	85
Figura 6 - Você escolhe por indicação de amigos/conhecidos?	86
Figura 7 – Mapas da Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo <i>Strava</i> . a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta.	92
Figura 8 - Mapas padrão (a) e de satélite (b) da Praça XV de Novembro e seu entorno	94
Figura 9 - Mapas da Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo <i>Strava</i> . a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta.	95
Figura 10 – Mapa de satélite com trajeto de ida, com reconhecimento do percurso da Lagoinha do Leste.....	98
Figura 11 – Mapa de satélite com trajeto de volta, com reconhecimento do percurso da Lagoinha do Leste.....	98
Figura 12 - Mapa – de satélite com trajetos de ida e volta para a Praia da Lagoinha do Leste.	98
Figura 13 - Mapa de satélite com reconhecimento do percurso de ida do Caminho do Morro das Feiticeiras.....	99
Figura 14 – Prototipação em papel do banco de dados.	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição do Local de Compras e por Cidade 2019.....	31
Quadro 2 - Ambientes Organizacionais.....	70
Quadro 3 – Combinações entre palavras-chave em Língua Portuguesa e operadores booleanos: “AND” ou “OR”.....	76
Quadro 4 – Busca Sistematizada na Literatura - Combinações entre palavras-chave em língua Inglesa e operadores booleanos “AND” e “OR”.....	77
Quadro 5 – Busca Sistematizada na Literatura - Combinação entre palavras-chave em Espanhol e operadores booleanos “AND” e “OR”.Gestión de la información "AND" Ecoturismo.....	77
Quadro 6 – Totalizador por Bases de Dados.	78
Quadro 7 - Totalizador de Todas as Bases de Dados Retornados por Idiomas.....	79
Quadro 8 – Confrontação entre trilha e caminho com características similares, pesquisa de campo, reconhecimento de percurso: Trilha da Lagoinha do Leste (Início: Pântano do Sul) - Sul e Caminho do Morro das Feiticeiras - Norte.....	89
Quadro 9 – Confrontação entre pesquisa de campo e bibliográfica – Trilha da Lagoinha do Leste, iniciando pelo Pântano do Sul.....	90
Quadro 10 - Confrontação entre trilhas urbanas com características similares.....	96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABETA	Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo
BD	Banco de Dados
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CI	Ciência da Informação
DEPEA	Departamento de Educação Ambiental
DEPRO	Departamento de Projetos
DEPUC	Departamento de Unidades de Conservação
EA	Educação Ambiental
EMBRATUR	Instituto Brasileiro do Turismo
EUA	Estados Unidos da América
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
FECOMÉRCIO	Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo em Santa Catarina
FGV/EAESP	Escola de Administração de Empresas de São Paulo
FI	Fluxo Informacional
FLORAM	Fundação Municipal do Meio Ambiente
GI	Gestão da Informação
GSMA	<i>Groupe Speciale Mobile</i>
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IC	Inteligência Competitiva
IEATA	Instituto de Estudos Ambientais Trilheiros de Atitude
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IMMA	Ministério do Meio Ambiente
IPUF	Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONGs	Organizações Não-Governamentais
PMF	Prefeitura Municipal de Florianópolis
POCV	Plano de Oferta de Cursos e Vagas
PPGInfo	Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação
SANTUR	Agência do Desenvolvimento do Turismo em Santa Catarina
SCIELO	<i>Scientific Eletronic Library</i>

SESC	Serviço Social do Comércio
SETUR	Agência do Desenvolvimento do Turismo em Santa Catarina
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
TIES	<i>International Ecotourism Society</i>
UCs	Unidades de Conservação
USA	United States of America

LISTA DE SÍMBOLOS



Condições do terreno



Intensidade de esforço físico



Orientação no percurso



Severidade do meio

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	PROBLEMÁTICA	22
1.2	OBJETIVO GERAL.....	22
1.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
1.4	JUSTIFICATIVA	23
1.5	ESTRUTURA DO TRABALHO	26
2	TURISMO SOCIAL SUSTENTÁVEL	28
2.1	ECOTURISMO	32
2.2	TRILHAS ECOLÓGICAS, URBANAS E CAMINHOS	36
2.3	TRILHA ECOLÓGICA E CAMINHO SELECIONADO PARA PESQUISA	43
2.3.1	Trilha da lagoinha do leste e caminho do morro das feiticeira	45
2.4	ROTEIROS DE TRILHAS URBANAS	47
3	GESTÃO DA INFORMAÇÃO (GI).....	51
3.1	TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC).....	58
3.2	INTELIGÊNCIA COMPETITIVA (IC)	64
3.3	FLUXO INFORMACIONAL (FI)	67
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
4.1	ETAPAS DA PESQUISA	77
4.2	DELIMITAÇÃO DA PESQUISA	80
4.3	COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	83
4.4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	85
3.4.1	Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz.....	91
3.4.2	Trilha Urbana: Entorno da Praça XV de Novembro.....	93
3.4.3	Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz	94
3.4.4	Trilha da Lagoinha do Leste	97
3.4.5	Caminho do Morro das Feiticeiras	99
4	CONSIDERAÇÕES	101
	APÊNDICE A – FICHA DE PESQUISA DE CAMPO	116
	APÊNDICE B – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 1	118
	APÊNDICE C – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 2	125
	APÊNDICE D – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 3	131
	APÊNDICE E – TRILHA DA LAGOINHA DO LESTE	137

APÊNDICE F – CAMINHO DO MORRO DAS FEITICEIRAS.....	148
ANEXO A – REFERÊNCIA DE CLASSIFICAÇÃO DE PERCURSO	158
ANEXO B – PROJETO DE LEI N.º 15.951/14 E LEI N.º 5979/02 (BRASIL, 2002)	159
ANEXO C – FOLDER: ROTEIROS DO AMBIENTE	166

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, percebe-se a necessidade constante nos seres humanos de tomar decisões para fazer face à sobrevivência individual ou coletiva, e isso ocorre por meio de um processo que envolve comparação entre duas ou mais alternativas. Em se tratando de Organizações, esse processo ocorre constantemente em todos os níveis organizacionais. Um processo complexo, que visa a escolha dentre as várias alternativas existentes por aquela que proporcione melhores resultados, deixando assim a Organização mais competitiva.

Estrela (2016), salienta que a definição de processo decisório é mais ampla do que ter várias alternativas. Entre elas, escolher a mais adequada para alcançar os objetivos traçados pelo gestor, entendendo assim que é um processo mais complexo, com várias etapas e alternativas, produzindo um resultado satisfatório.

O processo de tomada de decisão faz parte da rotina de uma Organização e incluem alternativas adotadas para chegar a objetivos pré-definidos. Quando se está diante de um problema, pensa-se em várias maneiras de resolvê-lo; normalmente, em uma situação na qual há necessidade de tomada de decisão, depara-se com mais de uma alternativa para solucionar um problema. Dentre essas várias alternativas, escolhe-se uma que tenha mais probabilidade de acerto. Assim, utiliza-se a análise do cenário ao longo da história, como premissa de apoio à tomada de decisão, analisando os dados que se têm disponíveis para projetar ações futuras, apoiando a decisão. Essa análise exige do decisor habilidades para lidar com situações complexas, sendo elas administrativas, internas ou externas, relacionadas a mudanças contínuas do cenário.

O processo de se tomar decisões é complexo em todos os setores da sociedade, seja na esfera pessoal ou organizacional. Até chegar à tomada de decisão envolve fatores determinantes para que essa se torne mais assertiva, diminuindo assim as incertezas do processo.

Para que haja a diminuição de incertezas no processo de tomada de decisão, a Gestão da Informação (GI) se torna relevante, ao manter os dados organizados de forma que, quando recuperados, tornem-se informações e com isso suportem a tomada de decisões estratégicas.

Estruturando a GI, por meio da utilização de tecnologias que se adaptem à Organização, organizando as informações obtidas, melhorando o processo de captação, armazenamento e recuperação dessas informações, estruturara-se a gestão como suporte de apoio a decisão.

O objetivo de analisar o cenário é o de detalhar aspectos em vários contextos do

problema que se deseja resolver, proporcionando a visualização de outros cenários alternativos, e alicerçando assim as escolhas do decisor.

A análise do cenário e a percepção do problema são necessárias, para que formas de resolvê-lo sejam encontradas. Nessa estrutura percebe-se que os atores sociais nesta interrelação são: o decisor, o facilitador e o analista.

Cada um, com seus objetivos específicos, interagem com os outros para a tomada de decisão. O decisor influencia no processo de tomada de decisão, de acordo com seu juízo de valor. O facilitador dá suporte ao decisor, mantendo-o motivado; e o analista, analisa, auxiliando os facilitadores e decisores na estruturação do problema, identificando as possíveis resoluções, no momento certo, segundo a avaliação do cenário de alternativas.

Conforme Estrela (2016), a tomada de decisão conta com informações de diversos tipos para dar suporte ao processo decisório, sendo assim primordial que essas informações armazenadas, tratadas e recuperadas de forma contextualizada sejam de fácil acesso, tornando assim as decisões mais eficientes e eficazes.

Acrescentando ao contexto de Estrela (2016), Bazerman e Moore (2010) explicitam as seis etapas para se aplicar um processo racional de tomada de decisão, sendo elas:

- 1) Definir seu problema, uma análise profunda do cenário poderá localizar e definir o problema e não apenas os efeitos proporcionados por ele;
- 2) Identificar os critérios do problema definido;
- 3) Ponderar sobre os critérios identificando por relevância;
- 4) Gerar alternativas para a solução do problema, tendo assim mais de uma possibilidade de resolver o problema;
- 5) Classificar as alternativas, segundo os critérios;
- 6) Identificar a solução ideal, após percorrer as cinco etapas para a tomada de decisão, identifica-se qual a solução ideal para o problema.

Esse conjunto de alternativas, citadas por Bazerman e Moore (2010), compõem probabilidades de erros e acertos, dependendo da interpretação dos dados de cada gestor. E em se tratando de uma Organização, pode-se considerar como prejuízo ou lucro que estão relacionados com o aporte financeiro e a fidelidade do cliente.

Ao compreender uma Organização é possível entender como funciona um processo de tomada de decisão organizacional. Assim, em um processo de tomada de decisão, quando não há um suporte de informações que possam nortear o gestor, considera-se que há mais probabilidades de erros do que de acertos. Esses acertos podem ser maximizados quando as

informações referentes ao processo de prestação de serviços são retidas e recuperadas, formando um Banco de Dados (BD). Este deve ser sempre atualizado, proporcionando assim maior segurança ao decisor, com análise das informações, apoiando assim a tomada de decisão.

O decisor pode ser influenciado tanto por fatores encontrados no ambiente organizacional interno, quanto por fatores externos do cenário, considerados um pouco mais abrangentes. Os fatores internos se compõem de informações relacionadas à Organização e todo o histórico de atividades; já os externos têm grande influência nos resultados das decisões, pois variações da moeda e a troca de governos, por exemplo, maximizam ou minimizam as perdas e ganhos. Dessa forma é essencial realizar a gestão das informações internas e externas, reunindo, organizando e estruturando essas informações para dar suporte ao processo decisório. Caso contrário, a tendência é que o decisor tome decisões baseado em informações rasas e sem consistência.

Estrela (2016) comenta ainda que o fato de se tomar uma decisão não exclui as incertezas do processo, pois envolve acontecimentos futuros difíceis de se controlar; assim, há sempre um grau de risco.

Por esses motivos o processo de tomada de decisão é mais complexo, pois exige uma análise detalhada de um cenário que possui variações diversas, bem como a definição das informações que são relevantes para a Organização. Quando citamos informações relevantes, entende-se que são as que se destacam por proporcionarem diferenciais competitivos em relação às outras Organizações. Consideram-se diferenciais competitivos em relação à presente Organização, por sua vez, as informações atualizadas de campo e que podem compor um BD, apoiando assim o decisor.

Diante desse contexto, a Organização busca melhorar sua gestão da informação por meio de um BD. Esses dados e informações, que estão disponíveis durante todo o percurso dos caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, que estão localizadas em vários pontos da Ilha de Santa Catarina, se bem geridas podem formar um diferencial competitivo em relação a concorrência. O fluxo de informações que permeia a Organização estudada é muito rico; quando citamos tempo de percurso, atrações da fauna, flora, perfil do caminhante entre outras informações, pois sua abrangência pode se expandir, proporcionando outros estudos relevantes que vão além do objetivo geral e específicos desta pesquisa. Essa identificação e manejo de informações propicia uma análise detalhada da gestão da informação, apoiando assim a tomada de decisão na Organização estudada.

Conforme Araújo, Silva e Varvakis (2017) o fluxo de informações tem como

característica ser muito ativo, atuar em vários ambientes onde as informações circulam, e ter como objetivo transmitir as informações de um emissor para um ou vários receptores, possibilitando assim a geração do conhecimento.

Outrossim, entende-se que uma Organização bem gerida, com informações estruturadas e consistentes, terá melhores condições para suportar a tomada de decisão nas mais diversas situações, sendo elas decisões internas ou com a interação com os clientes. Na presente pesquisa, utilizou-se como suporte informações da Organização de ecoturismo “Nas Trilhas da Ilha”, tendo como sustentação algumas projeções turísticas da Ilha de Santa Catarina, onde a Organização atua.

Com o propósito de aproveitar esse potencial turístico, verificou-se como uma Organização prestadora de serviços pode utilizar-se das práticas da Gestão da Informação para dar suporte à tomada de decisão em decisões estratégicas, estruturando a gestão da informação, e usando das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (câmeras de vídeo, fotos e áudios) para captação de informações de campo e armazenamento em um BD. Escolheu-se como objeto de estudo a proposta de Análise da Gestão da Informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”, como apoio à tomada de decisão. “Nas Trilhas da Ilha” é uma Organização que possui uma série de práticas de gestão da informação não estruturadas, ainda não integradas a sistemas computadorizados, o que justifica esta pesquisa, que une a abordagem teórica com a prática do fazer diário de uma Organização. Armazenando dados sempre atualizados, gerando informações relevantes ao processo de tomada de decisão e organizando o material que já existe na Organização, pois esse se encontra disperso sem GI.

A organização proposta inclui a inserção do material que está disperso na Organização, em meio digital não integrado, e o levantamento por meio de pesquisa exploratória bibliográfica e de campo, para retenção de novas informações relevantes ao processo de tomada de decisão, fazem-se necessárias nessa reestruturação. São dados da Organização: atrações da paisagem (fauna e flora), extensão das trilhas, fontes de água encontradas durante o percurso, grau de dificuldade, orientação, preparo físico, tempo de percurso, tipo de terreno, retenção do perfil do cliente, levantamento fotográfico contínuo (possibilitando assim o acompanhamento do estado da flora e da fauna), animais que são encontrados durante o trajeto, trilhas que se abrem e fecham, por influência humana ou pela ação da natureza, informações essas que se encontram dispersas, não estando concentradas em um BD único, dificultando a localização, recuperação e reutilização. Em suma, a concentração e organização dessas informações em um único local facilitará seu uso e reuso, oportunizando mais agilidade e assertividade nas ações do decisor.

A Organização em estudo pode ser enquadrada como microempresa individual (MEI), porém ainda sem registro formal; somente possui o registro do domínio, que dá acesso à rede de *Internet*, fornece serviços de ecoturismo por meio de caminhos, trilhas ecológicas e urbanas monitoradas: “Nas Trilhas da Ilha – Terra”, com guias/condutores ambientais e culturais (profissionais qualificados), na ilha de Santa Catarina (Florianópolis). Esses guias basicamente possibilitam uma maior interação do visitante com o ambiente em que está inserido, por meio de orientações sobre o percurso, com o objetivo de interpretar os ambientes visitados, repassando essas informações ao visitante com a finalidade de despertar a consciência ecológica e preservação do meio urbano, e com isso, preservando os recursos naturais, históricos e culturais, instigando o visitante durante o caminho, proporcionando possibilidades de bem estar físico e mental. Conforme relatório técnico de Zeferino (2000, p. 67), “[...] o contato com a natureza ainda preservada provoca bem-estar físico e mental no praticante de atividades ao ar livre, principalmente aqueles que se localizam em grandes centros urbanos e procuram atividades relacionadas ao ecoturismo.”.

Todo esse potencial de turismo ecológico e urbano, com praias isoladas, trilhas, costões, vegetação nativa, flora e fauna preservada, história resguardada em construções antigas, leituras históricas e geográficas dos percursos urbanos, que sofrem transformações constantes e contam a história da Ilha de Santa Catarina, que está localizada nas coordenadas geográficas entre 27°22′ e 27°50′ de Latitude Sul e entre 48°25′ e 48°35′ de longitude Oeste. A extensão da Ilha é de 54km de comprimento (norte-sul), por no máximo 18 km de largura (Leste-Oeste) na porção norte, totalizando 424,4 m² em área. O primeiro nome dado à ilha foi Meiembiipe, sendo assim como se referiam à Ilha os índios Carijós, e que significa “elevação do monte ao longo do rio”. No século XVI, a Ilha servia como ponto de abastecimento para barcos que navegavam por suas imediações, com destino ao Rio da Prata. A denominação Ilha de Santa Catarina foi iniciativa do navegador Sebastião Caboto, em homenagem à sua esposa Catarina de Medrano. Em 1679 foi iniciado o povoamento da ilha, com o núcleo Nossa Senhora do Desterro (BECKER; BELMONTE, 2017).

Com todas essas características, a Ilha se mostra uma excelente oportunidade para o investimento de Empresas e Organizações em várias modalidades de ecoturismo. Por esse motivo poderá haver a necessidade de expansão da Organização para: “Nas Trilhas da Ilha – Água”, com atividades aquáticas: trilhas submersas, mergulho, surfe, canoagem, *kitesurf*, *stand up paddle*; e “Nas Trilhas da Ilha – Ar”, com voo de parapente, em uma segunda fase de estruturação.

Durante todo o processo de estruturação da Organização, que teve início no ano de 2000, percebeu-se que algumas informações podem gerar diferencial competitivo em relação à concorrência no momento da tomada de decisões estratégicas, formadas em ambiente externo de prestação de serviços: tipo de terreno, atrações da paisagem, grau de dificuldade, tempo de percurso em horas ou quilômetros, perfil dos caminhantes para cada atividade, atrações da fauna e flora, alterações dos pontos visitados, fechamento e abertura de vários caminhos de acesso aos pontos de visitação, por meio da ação da natureza ou por intervenção humana. Aquelas informações sem potencial estratégico, informações sem relevância para a tomada de decisão, e disponibilizadas no *site* da Organização podem possibilitar uma fonte de consulta rica em detalhes continuamente atualizados. Assim, o turista e potencial visitante terá mais informações para definir seu destino ecoturístico. Com esses argumentos, a estruturação e análise da gestão da informação para suportar a tomada de decisão se fazem necessárias.

Essas informações, a cada atividade nas saídas a campo dos guias, podem ser capturadas e enviadas para um BD, e atualizadas constantemente, para que tornem a tomada de decisão mais assertiva, direcionando o cliente para atividades de acordo com seu perfil, e redirecionando-o em caso de problemas com o acesso a esses pontos ou por solicitação do cliente para caminhos ou trilhas com possibilidades de encontro de atrações da paisagem específicas. O cruzamento desses dados no BD proporcionará ao decisor informações de várias trilhas ou caminhos com característica semelhantes, proporcionando assim outras possibilidades em outras regiões com as mesmas características.

Entre as principais características dessa Organização, pode-se destacar: prestação de serviços, disseminação de práticas sustentáveis para preservação dos caminhos e trilhas ecológicas, contemplação da natureza, práticas esportivas e a implantação do ecoturismo em áreas urbanas, com trilhas urbanas. Por meio do acesso ao link CiberAção, onde são disponibilizadas informações que possibilitam ações para preservação do meio ambiente, unindo a comunidade a ações de preservação do ambiente local. Com isso tem-se uma relação mais próxima com a comunidade nativa, promovendo a interação e a preservação do meio onde a Organização atua.

Como ambiente administrativo, possui uma plataforma *Web*, denominada: www.nastrilhasdailha.com.br, que se encontra em manutenção, e conta com a seguinte estrutura de layout, conforme listado abaixo:

- Sistema de login e senha para acessar a área administrativa, onde é possível manipular os conteúdos e as configurações do *site*;

-Painel de controle, onde o administrador faz configurações do *site*, manipulação de conteúdo e inclusão de fotos na galeria. Esse sistema pode ser acessado por meio de senha;

-Home: Área acessada pelo administrador do *site*, por meio do painel de controle, para que se possa editar o conteúdo. Este conteúdo pode conter: fotos, tabelas e textos, e ser manipulado por meio de um editor de textos contido no sistema. Exibição de suas últimas notícias cadastradas no sistema de notícias com a data, imagem, breve descrição de notícia (Veja Mais), que redireciona para exibição completa da notícia. Exibição da lista rolante de parceiros;

-Previsão do Tempo: Exibe a previsão do tempo para Ilha de Santa Catarina, exibida no layout do *site*;

-Quem Somos: Área acessada pelo administrador, por meio do painel de controle, para que se possa editar o seu conteúdo; pode conter: fotos, tabelas e textos;

-CiberAção: Quadro destinado a executar e compartilhar ações relacionadas à sustentabilidade: Plantio de árvores, limpeza dos caminhos e trilhas, notícias relevantes ao contexto de educação ambiental. Interação entre a Organização e a sociedade;

-Trilhas e Caminhos: O administrador pode por meio do painel de controle adicionar Trilhas e Caminhos ao sistema. Cada trilha ou caminho contém um título, uma imagem a ser visualizada na listagem de caminhos e trilhas e um conteúdo que pode conter: fotos, tabelas, textos;

-Parceiros: Permite ao administrador adicionar, cada parceiro contém uma imagem, nome logomarca e um link que direciona o visitante, quando clica no logotipo do parceiro. Os parceiros também são visualizados na lista rolante da página inicial;

-Produtos: Uma loja virtual (*e-commerce*), com produtos identificados por nome, descrição e preço, junto com uma galeria de fotos. A elaboração desses produtos segue uma linha sustentável, sempre optando por materiais reciclados e utilizando a mão de obra local;

-Contato: Formulário onde o visitante entra em contato com a Organização.

Nessa plataforma virtual, sem estrutura física, são executadas todas as atividades administrativas de divulgação e captação de clientes. Porém, há necessidade de gerir as informações que são captadas em campo e retidas no ambiente da Organização.

Harper (2016) ressalta que uma Organização não tem uma estrutura física visível, a não ser pela existência de seu quadro de pessoal. No entanto, seus membros não são a Organização por si, pois podem ser substituídos por outros colaboradores e mesmo assim a Organização continuará existindo.

Com a proposta de analisar a Gestão da Informação na presente Organização, e a atualização da sua plataforma, pretende-se cruzar as informações coletadas, e com isso, visualizar a similaridade entre os roteiros, sendo este um dos objetivos específicos deste trabalho.

O processo de gestão da informação exige dedicação, boa gestão, e, muitas vezes, empresas e gestores carecem de estrutura e informação para isso, principalmente nas micro e pequenas empresas. Isso poderá ser solucionado com uma estrutura informatizada, capaz de interligar os processos de captação e uma analogia entre características de cada trilha ou caminho, o que possibilitará a retenção de informações de ambientes similares. Porém, mesmo não tendo um processo de gestão da informação estruturado, possuem práticas gerenciais que dão suporte à tomada de decisão, e podem aprimorá-las, como acontece na Organização escolhida como objeto de estudo deste trabalho.

Diante deste contexto, verificou-se que há a necessidade de analisar e gerir a informação, principalmente para dar suporte à tomada de decisões estratégicas, tanto pela diretoria da Organização, quanto pelos novos membros que possam assumir a gerência dos processos. Dessa maneira, ao longo dos últimos anos a Organização programou uma série de práticas de Gestão da Informação tais como: retenção do perfil dos usuários dos serviços, catalogação de alterações nos caminhos e trilhas ecológicas, elaboração de roteiros de trilhas urbanas.

Para realizar a gestão proposta para a Organização “Nas Trilhas da Ilha”, formulou-se a seguinte questão de pesquisa:

1.1 PROBLEMÁTICA

Como estruturar a gestão da informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”?

1.2 OBJETIVO GERAL

Para responder a esse questionamento, delineou-se como objetivo geral: analisar a gestão da informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”, como apoio à tomada de decisão.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

E como objetivos específicos:

- Analisar o fluxo de informações no ambiente de prestação de serviços de ecoturismo na Ilha de Santa Catarina;
- Relacionar aspectos da gestão da informação que auxiliam no processo de tomada de decisão: retenção, recuperação e disseminação da informação na Organização “Nas Trilhas da Ilha”;
- Confrontar pesquisas de campo entre o Caminho do Morro das Feiticeiras (início no final da Rua das Gaivotas - Ingleses) e a Trilha da Lagoinha do Leste (início pelo Pântano do Sul), fazendo analogias entre uma trilha no Sul e um Caminho no Norte;
- Confrontar pesquisas bibliográficas com as de campo na trilha ecológica da Lagoinha do Leste, início pelo Pântano do Sul, fazendo analogias;
- Elaborar roteiros de trilhas urbanas na Ilha de Santa Catarina.

1.4 JUSTIFICATIVA

A Organização “Nas Trilhas da Ilha” é uma prestadora de serviços de ecoturismo em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, tendo suas atividades localizadas na Ilha de Santa Catarina (SC). No entanto, por não ter uma GI (armazenamento, tratamento, retenção, recuperação, acesso e disseminação) estruturada, o que dificulta o reuso dessas informações, para suportar decisões estratégicas, verificou-se que há a necessidade de uma reestruturação informacional, pois sem um sistema computadorizado que possibilite o cruzamento das informações coletadas e sua recuperação, dificulta-se a tomada de decisões.

A captura, retenção das informações e, conseqüentemente, sua posterior organização, recuperação e reuso, pode ser realizada por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Estas proporcionam mais agilidade à gestão na Organização, analisando os fluxos de informações, fazendo analogias entre elas, associando, relacionando as informações relevantes à Organização, e servindo assim de suporte ao processo decisório no oferecimento de serviços ao cliente. Informando as possibilidades de atrações que possam ser encontradas durante o trajeto, a fim de direcionar cada grupo (cliente) para atividades específicas, de acordo com a solicitação recebida, há a possibilidade de localizar outras atrações específicas da paisagem. Em caso de alguma alteração nesses pontos mapeados, e atualizados

constantemente por meio das TIC, retidas em um BD, torna-se possível redirecioná-los para outras atividades com características semelhantes.

A estruturação da GI e análise passariam, assim, pelo processo de organização do acervo da Organização, sendo então retido e organizado em um BD, com a captura de novas informações pelos guias e, opcionalmente, pelos clientes que utilizam o serviço, sendo então enviadas para esse BD em uma plataforma on-line. Entende-se assim que possa melhorar a gestão da informação e o processo de tomada de decisão na Organização, e o modelo estruturado possa servir como norte para outras Empresas e / ou Organizações do mesmo porte e ramo na região da Ilha de Santa Catarina, com possibilidades desse modelo ser replicado para outras regiões do país.

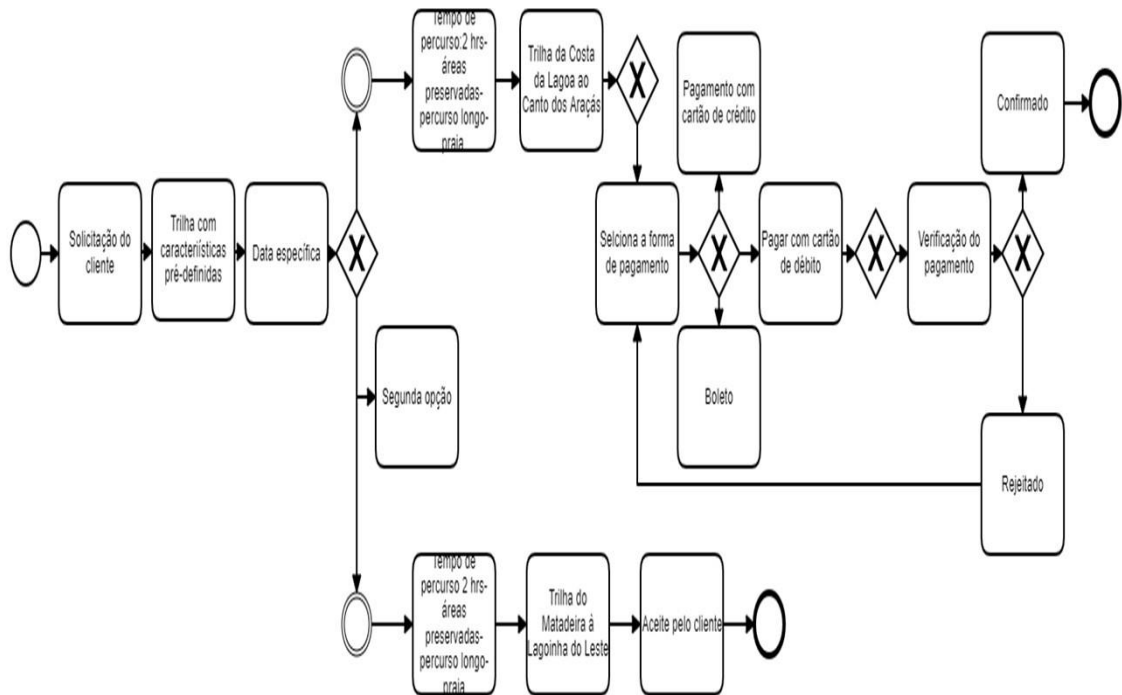
O processo de tomada de decisão exige que o gestor escolha entre várias alternativas, a melhor. No entanto, para que ocorra a tomada de decisão, faz-se necessário o mapeamento do processo para identificação dos problemas e as possíveis soluções. Padronizando as atividades com a GI - armazenamento, tratamento, retenção, recuperação, acesso e disseminação das informações - pode-se prospectar resultados positivos em curto e longo prazo, gerando assim inteligência e o diferencial competitivo em relação à concorrência.

Para ilustrar o processo de oferecimento de atividades ao cliente, com mais de uma alternativa, abaixo modelou-se o processo, conforme Figura 1.

Identificou-se que a estruturação da GI, relacionada às atividades já elencadas, faz-se necessária para melhorar a gestão na Organização analisada, e por constatar, por meio de pesquisas informais, feitas nos *sites* da *Internet*, que a maioria das Empresas e Organizações do mesmo ramo e porte da presente Organização, na região da Ilha de Santa Catarina, ainda não possuem a gestão da informação estruturada, com informações atualizadas constantemente em atividade, para suportar as decisões tomadas. Os órgãos públicos que divulgam o ecoturismo, na região citada, ainda não possuem informações atualizadas sobre as atividades listadas neste trabalho. A Organização em estudo possui vários repositórios não interligados, dificultando sua gestão; porém, com a obtenção dessa vantagem competitiva, por meio do cruzamento de informações de campo, poderá proporcionar melhor visualização de similaridade entre trilhas e caminhos, com possível melhora na qualidade do serviço oferecido ao cliente.

Assim, a presente pesquisa poderá contribuir para a atualização de Organizações que já estão no mercado de ecoturismo e dar novos rumos para aquelas que ainda estão em fase de estruturação.

Figura 1 – Modelagem de processo de oferecimento de serviço ao cliente.



Fonte: Modelagem elaborada pelo autor (2019), com base no livro “Caminhos e Trilhas de Florianópolis” (2001). Software: Camunda BPM.

Tenho como motivação pessoal, para elaboração do presente trabalho, o interesse por atividades físicas ao ar livre relacionadas ao contato com a natureza preservada, exuberante, sustentabilidade e atividades relacionadas a cultura da região da Ilha de Santa Catarina, envolvendo assim, caminhos, trilhas ecológicas e urbanas. Desde o ano de 2000, percorrendo caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, percebi que esse contato sempre me trouxe bem-estar físico e mental, e assim, entendo que compartilhar essas experiências com outros(as), por meio da divulgação desses espaços pouco conhecidos na Ilha de Santa Catarina, torna-se relevante.

Em minha banca para seleção de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação (PPGInfo), fui questionado sobre o porquê do pré-projeto apresentado. Minha resposta foi, e ainda é, além dos argumentos já explicitados anteriormente, que há muito tempo a tecnologia e o meio ambiente estão segregados; vejo isto até nas bibliotecas que frequento, livros de tecnologias bem distantes dos de meio ambiente. O conhecimento de como funcionam esses espaços públicos, sendo eles ecológicos de natureza intacta ou urbanos é relevante para sua preservação. Neste contexto, as atividades de ecoturismo vêm ao encontro da proposta.

O presente trabalho une Tecnologias da Informação (TI) e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A TI, com seus recursos de armazenamento e processamento de dados,

e as TIC, com as possibilidades de captação de dados. Essas duas tecnologias são aliadas na captação e processamento desses dados e informações, captadas em meio ambiente natural e urbano, uma parceria entre tecnologia, ecologia e sustentabilidade que entendo que seja bem produtiva, para divulgação e conservação dos caminhos e trilhas. O trabalho possui muitas possibilidades, além das elencadas, pois com a atualização contínua das informações coletadas, por meio de um mapeamento fotográfico, textual, audiovisual, e o acompanhamento da degradação e conservação desses ambientes, pode-se interferir nos referidos processos nocivos, evitando a destruição desses locais. A linha de pesquisa “Gestão da Informação” está alinhada ao problema da Organização citada, pois ainda tem sua gestão funcionando de maneira precária. Entendo que a Organização “Nas Trilhas da Ilha” possa ser melhor gerida com os conhecimentos adquiridos no presente programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação.

1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Para contextualizar o problema definido pela pesquisa, procurou-se por meio da justificativa evidenciar a necessidade da estruturação da GI. O trabalho inicia-se com a seção “1 – Introdução”, apresentando a tomada de decisão, desde os primórdios da existência humana, e, em seguida, versa sobre a tomada de decisão em Organizações. Posteriormente, define-se o processo decisório com suas complexidades e importância em conjunto com a GI, e soma-se ao contexto de Estrela (2016) e Bazerman e Moore (2010), as etapas do processo de tomada de decisão.

Com o propósito de analisar a GI como apoio a tomada de decisão, mostra-se a necessidade do cruzamento de dados para obtenção de informações, e, posteriormente, o conhecimento para suportar decisões do gestor. Na seção “2 - Turismo Social Sustentável”, conceitua-se o Turismo Social Sustentável e apresenta-se o Marco Conceitual do Turismo no Brasil, fazendo links com o turismo na Ilha de Santa Catarina, apresentando algumas projeções turísticas locais.

Segue-se apresentando o ecoturismo como um braço do turismo, mostrando suas várias definições, e comparando essa definição com a de uma Organização Internacional, e ao crescimento da modalidade no Brasil, bem como os órgãos governamentais que estão ligados ao ecoturismo. Apresentam-se trilhas e caminhos, deixando clara a importância para o turismo e o para o bem estar de quem pratica essas atividades de caminhadas. Define-se trilha ecológica e mostra-se como podem ser utilizadas para Educação Ambiental (EA), e sugere-se ao

caminhante que comportamento deve ter durante a caminhada, o que levar, como se vestir.

Apresentam-se alguns estudos sobre trilhas nacionais e internacionais, deixando clara a importância para o turismo social, para o caminhante e a dificuldade em encontrar bibliografias sobre o assunto. Em seguida, deixa-se evidente quais os projetos mais recentes estão sendo executados na Ilha; define-se o caminho e a trilha ecológica selecionados para a pesquisa; e salienta-se sobre o uso dos recursos naturais não renováveis e o desenvolvimento sustentável. Deixa-se claro o potencial da Ilha de Santa Catarina em ecoturismo. Com os dados da Trilha da Lagoinha do Leste e Caminho do Morro das Feiticeiras, analisou-se a Trilha da Lagoinha do Leste por meio de pesquisas de campo e bibliográfica, e o Caminho do Morro das Feiticeiras por meio de pesquisas de campo

Com os roteiros de trilhas urbanas, salientou-se a necessidade de estabelecimento de roteiros fixos, e a experiência em outros países que aproveitaram roteiros desativados para elaboração de roteiros turísticos em trilhas ecológicas e urbanas.

Segue-se com a GI relacionada ao turismo, por entender que estão relacionados, e discorre-se sobre a importância da GI e de meios de captar dados e informações em campo. Mostra-se a importância das TIC para pesquisas e captura de informações em campo, por meio de estudos de grandes operadores de telefonia móvel, e segue-se evidenciando a importância da IC para a presente Organização junto com o Fluxo Informacional.

Na seção 4, a pesquisa foi definida e sustentada por meio de citações de autores com um recorte temporal de 10 anos, em 17 bases de dados nacionais e internacionais, usando operadores booleanos. Seguiu-se com etapas e delimitação da pesquisa, definindo as bases de dados pesquisadas.

Descreveu-se como foi a coleta e análise de dados. Analisaram-se os dados de outra pesquisa “Como o caminhante em trilhas ecológicas e urbanas escolhe sua trilha?”, para dar maior aprofundamento metodológico e teórico à esta pesquisa.

Ainda na seção 4, discutiu-se os resultados da pesquisa dos objetivos específicos, versou-se sobre a importância dos roteiros de trilhas urbanas, confrontando as similaridades entre trajetos, e os trajetos de trilhas ecológicas, confrontando os dados dessas pesquisas. Finalmente, na seção 5 foram tecidas as considerações finais do trabalho.

2 TURISMO SOCIAL SUSTENTÁVEL

A conceituação de Turismo Social emergiu na Europa, na segunda metade do século XX, e teve como proposta agregar atividades de lazer para muitas pessoas, com o objetivo de suprir a falta de atividades nos períodos de férias a um público com menor poder aquisitivo.

Conforme a introdução do Marco Conceitual de Turismo¹, definido pela Organização Mundial de Turismo (OMT), o Turismo Social é definido como “[...] as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”. (BRASIL 2019c, s.p). Esse conceito foi incorporado pelo Brasil, e atualmente norteia as atividades de Turismo Social no país. O Ministério do Turismo (MTur), sob o enfoque dessa conceituação e um novo olhar, definiu como uma forma de condução e práticas de atividades turísticas, proporcionando a igualdade, acessibilidade a todos, ressaltando sempre a ética e a sustentabilidade.

Conforme Brasil (2006) o Turismo Social, não está apenas sob o foco de um segmento de atividade turística, mas sua prática deve estar alinhada a obtenção de objetivos sociais.

Dessa forma a presente Instituição conceituou o Turismo Social como: “[...] a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”. (BRASIL, 2019b, p. 6)

Para organizar o Turismo Social, e com fins de planejá-lo, organizá-lo e inseri-lo no mercado, o MTur segmentou e definiu tipos de turismo, conforme características variáveis e demandas em um território, (BRASIL, 2006, s.p):

“[...]”

- Atividades, práticas e tradições (agropecuária, pesca, esporte, manifestações culturais, manifestações de fé);
- Aspectos e características (geográficas, históricas, arquitetônicas, urbanísticas, sociais);
- Determinados serviços e infraestrutura (de saúde, de educação, de eventos, de hospedagem, de lazer).”. (BRASIL, 2006, s.p.).

Com esse olhar de inclusão social, o microempreendedor individual possibilita a

¹ Marco Conceitual do Turismo 2006. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmenta%C3%A7%C3%A3o.html>; e http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em 23 de ago. de 2019.

introdução da mão de obra local na execução de atividades de prestação de serviço, proporcionando renda local e fixando o sujeito na sua comunidade. Com essa inserção da mão de obra local nas atividades de ecoturismo, entende-se que possa promover a conservação do patrimônio, cultural, natural e social da população local.

O turismo tem vários vieses, e entre eles se destaca o desenvolvimento sustentável, o qual se utiliza dos recursos ambientais e culturais de uma região para o desenvolvimento desta, preservando o meio, e, com isso, proporcionando renda local.

Por outro lado, o turismo sem o enfoque da sustentabilidade pode gerar danos ao meio ambiente local, provocando impactos negativos ao meio natural e cultural, transformando uma fonte de renda sustentável em um problema, com a devastação do meio visitado.

Nesse sentido, Costa (2013, p. 10) observa:

“O turismo desejável é aquele que potencializa o cuidado com áreas naturais e urbanas por meio de manejo de impactos, que promove a inserção social via trabalho e emprego, que transborda benefícios para as pessoas envolvidas com a atividade, entre os quais a geração de renda de modo desconcentrado para seus destinos e entornos.”.

O desenvolvimento de um modelo onde a sustentabilidade permaneça como o centro das atenções, poderá despertar na sociedade a necessidade de elaboração de um novo modelo sustentável, com o compromisso de utilizar os recursos naturais e culturais de maneira equilibrada. Este proporcionará, assim, que as gerações atuais e as novas possam usufruir dos mesmos recursos, pois estes são finitos, tornando-se modelo prioritário.

Esse modelo de sustentabilidade, sob o enfoque local, traz benefícios para aqueles que residem nas proximidades onde os recursos turísticos são utilizados. Proporciona também a maximização das habilidades dos sujeitos que residem nas comunidades, e, em um contexto maior, melhora a qualidade de vida individual e coletiva na região.

Assim sendo, citamos Silva (2011, p. 40) quando versa:

“O desenvolvimento local sustentável apresenta-se como alternativa de desenvolvimento entre indivíduos de um meio social, grupos sociais, que ao se associarem possibilitam a geração de renda, equidade e justiça social, a partir do desenvolvimento de suas habilidades e capacidades. Nesse contexto, devem ser consideradas as características de cada indivíduo ou grupo social, ou seja, a cultura e identidade de cada ator ou comunidade, os saberes, as crenças, o simbolismo, as subjetividades e tradições. A identidade aparece como identidade cultural, logo é uma herança social.”.

As características de cada região e os saberes são únicos; assim, o aproveitamento dessa mão de obra, que na maioria das vezes é subutilizada, pode ser uma fonte de riqueza e detalhes que só quem vive nas comunidades visitadas pode descrever, com os detalhes minuciosos que

só o conhecimento local proporciona.

Esse conhecimento se mostra individual e único, podendo motivar pessoas e grupos ao desenvolvimento de seu potencial humano, e consequentemente, desenvolver o potencial econômico da localidade onde a atividade turística é exercida, possibilitando o lucro, a geração de renda, a preservação do meio e fixação desses atores locais em suas comunidades. Para Macêdo (2011, p. 39):

“Teoricamente, a atividade turística é importante para qualquer economia, seja ela nacional, regional ou local, pois o deslocamento constante de pessoas aumenta o consumo, motiva a diversidade de produção de bens e serviços e possibilita o lucro e a geração de emprego e renda. O turismo apresenta efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos e produz resultados nem sempre divididos igualmente entre os envolvidos.”.

O desenvolvimento de ações sustentáveis, onde os recursos naturais não renováveis possam ser utilizados de maneira racional, pode contribuir para uma gestão do turismo eficaz, proporcionando a utilização do potencial de cada comunidade local, e se torna uma alternativa para valorização e subsistência dessas pequenas comunidades, fomentando o turismo e potencializando as atividades de ecoturismo.

De acordo com a projeção turística de janeiro a março de 2016 (SANTUR, 2019), só no Norte da Ilha de Santa Catarina houve a circulação de quase um milhão de turistas, com uma média diária de nove mil e seiscentas pessoas, de origem nacional e internacional. Somando a essa pesquisa, a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Santa Catarina (FECOMÉRCIO, 2019) realizou uma pesquisa de perfil no ano de 2019, abrangendo quatro regiões e em cinco cidades no Estado de Santa Catarina: São Francisco do Sul, Balneário Camboriú, Florianópolis, Imbituba e Laguna. Nesta pesquisa foram destacados vários pontos promotores de belezas naturais, entre eles: belezas e qualidade das praias. Segundo a Fecomércio (2019), foram ao todo 875 citações distribuídas em 130 palavras e expressões, nas quais as doze mais citadas acumulam 64% (frequência acumulada). Conforme resultados apresentados na Figura 2, o questionamento foi: “Quando você pensa no Estado de Santa Catarina qual palavra vem a sua cabeça?”.

Com base nestes dados, identifica-se uma forte inclinação por parte dos visitantes e de potenciais visitantes para atrações da paisagem, como: praias, belezas naturais e a cidade de Florianópolis. Unindo esses pontos chave da pesquisa da FECOMÉRCIO, constata-se que estão ligados fortemente a este trabalho de pesquisa, pois a maioria dos caminhos e trilhas ecológicas estão associadas às praias e belezas naturais, como as localizadas na Ilha de Santa Catarina.

Figura 2 - Frequência acumulada percentual das respostas para a pergunta: “Quando você pensa no Estado de Santa Catarina qual palavra vem a sua cabeça?”.



Fonte: Adaptado do Núcleo de Pesquisas Fecomércio, SC (FECOMÉRCIO, 2019).

De acordo com os dados apresentados pela Fecomércio (2019), pode-se visualizar a importância das trilhas urbanas para a economia local, na qual foram avaliadas algumas cidades do Estado de Santa Catarina: São Francisco do Sul, Balneário Camboriú, Imbituba, Laguna e Florianópolis, onde as atividades da Organização são realizadas. Foram listadas as mesmas cidades da pesquisa anterior, porém com outro objeto, conforme demonstrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição do Local de Compras e por Cidade 2019.

Local de compras	São Francisco do Sul	Balneário Camboriú	Florianópolis	Imbituba	Laguna	Total
Comércio das praias	46,2%	13,8%	33,4%	40,0%	39,1%	32,2%
Centro da cidade	11,5%	43,1%	26,4%	17,8%	19,1%	26,8%
Ambulantes	33,7%	2,2%	17,6%	24,4%	26,4%	17,4%
Shopping	7,7%	29,3%	15,3%	1,1%	0,9%	15,0%
Não pretende realizar compras	1,0%	11,6%	7,3%	16,7%	14,5%	8,6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fonte: Núcleo de Pesquisas Fecomércio SC

Fonte: Adaptado do Núcleo de Pesquisas Fecomércio, SC (FECOMÉRCIO, 2019).

No Quadro 1 identificaram-se os locais onde há pretensão de realização de compras em Florianópolis pelos turistas, ficando o Comércio e Praias com 33,4% das intenções; Centro da

cidade, com 26,4%; Shoppings, com 15,3%; e Vendedores Ambulantes, com 17,6%. Entendendo que esse público pode contribuir para o fortalecimento da economia local, não só no Centro da cidade, mas também nos bairros que ficam próximos ao Centro de Florianópolis.

Com as pesquisas relacionadas acima, entende-se que esse público que visita a Ilha de Santa Catarina pode absorver as atividades de ecoturismo em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas.

2.1 ECOTURISMO

O Ecoturismo pode ser considerado um evento com uma definição relativamente nova no Brasil, e sua conceituação ocorreu em 1994. Com o passar dos anos, o perfil do turista vem mudando, e este cada vez mais procura explorar meios culturais e ambientais preservados, que possam lhe trazer estímulos positivos.

Assim, a exploração racional do ecoturismo, que neste trabalho compreende caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, pode proporcionar ao visitante opções de trajetos de acordo com sua necessidade, gerando renda local e proporcionando a conservação do meio ambiente visitado, satisfazendo as necessidades de contato com a cultura e natureza local, ocasionando assim o desenvolvimento sustentável.

Lima (2011, p. 13), salienta que o “[...] desenvolvimento sustentável é também um campo de disputa [...]” e conforme o autor:

“O documento da comissão Brundtland expressava uma ênfase econômica e tecnológica e transparecia escassa viabilidade no contexto do capitalismo hegemônico. Como recomendar conservação ambiental, justiça social e eficiência econômica em uma sociedade concentradora, excludente e predatória? O relatório Brundtland constrói uma narrativa conciliadora que buscava camuflar o desencanto com o crescimento econômico a devastação ambiental e a desigualdade social. Buscava-se, portanto por um termo que eliminasse as contradições entre o crescimento econômico e a preservação da natureza.” (LIMA, 2011, p. 13).

O crescimento econômico, aliado a uma conscientização de preservação do meio ambiente, ainda caminha timidamente. Conciliar o modelo econômico capitalista com a Educação Ambiental (EA) torna-se primordial, para que se possa ter equilíbrio. Para isso é necessário ampliar os conhecimentos de como as consequências da devastação do meio podem influenciar na qualidade de vida das pessoas, no planeta, e provocar desastres naturais. Entende-se que devemos maximizar os impactos positivos do ecoturismo e minimizar os negativos que estes possam causar, por meio de conscientização eficiente das visitas monitoradas aos trajetos

por onde os turistas transitam, e promovendo assim EA e renda para as comunidades locais.

A prática do ecoturismo aliada a EA pode aproveitar a mão de obra de cada localidade, gerando renda e fixando o nativo em sua região. Com esta visão de aproveitamento de mão de obra, os benefícios para o sujeito visitante e para o meio visitado são enormes. Incentivando o nativo que reside no local a preservar o meio, sua renda irá depender dos recursos naturais preservados e das visitas de ecoturistas ao local.

O Ecoturismo, nas comunidades locais, fomenta atividades incentivando a geração de empregos, produzindo renda nas comunidades locais, fixando assim o sujeito em sua comunidade. A partir do final da década de 1980, o Brasil incorporou o termo Ecoturismo, acompanhando uma tendência mundial de conscientização ambiental, entendendo com isso o valor do meio ambiente preservado, e a qualidade de vida de seus cidadãos.

O Instituto Brasileiro do Turismo (EMBRATUR, 2019), em 1985 iniciou suas atividades com o Projeto “Turismo Ecológico”, com parceria junto ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), com o objetivo de organizar o segmento de Ecoturismo no Brasil.

No ano de 1994, foram publicadas as Diretrizes para elaboração de uma Política Nacional de Ecoturismo, entre o Ministério do Meio Ambiente (MMA) e a EMBRATUR; assim, foi criado o termo “turismo ecológico”. O MMA conceitua o Ecoturismo, como:

“Ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.”. (BRASIL, 2010, p. 17).

Fazendo uma analogia com a *International Ecotourism Society* (TIES, 2015)², “Ecotourism is now defined as ‘responsible travel to natural areas that conserve the environment, sustain the well-being of the local population and involve interpretation and education’” (TIES, 2015, s.p). Percebe-se que as duas definições estão reforçando a conservação do meio ambiente, explorando-o de modo sustentável.

Assim, os ambientes naturais onde ainda não houve a ação humana para sua alteração, as áreas onde a fauna e flora nativas exuberantes predominam, em conjunto com a cultura de cada região local, produzem as atrações para o ecoturismo local e para aqueles oriundos de outros países, proporcionando uma exploração sustentável.

² O ecoturismo agora é definido como “viagens responsáveis para áreas naturais que conservam o meio ambiente, sustentam o bem-estar da população local e envolvem interpretação e educação” (TIES, 2015, s.p; tradução nossa).

O ecoturismo, como protagonista no desenvolvimento de práticas sustentáveis, requer uma regulamentação das atividades e posteriormente sua segmentação, definindo assim, em termos de Brasil, quais as atividades podem ser consideradas como ecoturismo. Até o presente momento (até o ano de 2019), ainda não houve uma segmentação das atividades de ecoturismo no Brasil, entendendo-se que as atividades que envolvam cultura e meio ambiente possam ser contempladas com a definição de ecoturismo.

O ecoturismo impulsiona tanto a conservação do ecossistema quanto o desenvolvimento do turismo, proporcionando renda nas várias regiões onde é praticado, aproveitando a mão de obra local. Por ser uma atividade que exige menos investimentos, proporciona mais vantagens ao setor público na implantação de estruturas públicas para o seu desenvolvimento. Esta definição de ecoturismo contempla o seguimento da Organização “Nas trilhas da Ilha”, objeto deste estudo, visto que essa Organização executa atividades com trilhas, ecológicas e urbanas. O dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (AURÉLIO, 2009, p. 1992) define trilha como “[...] [Dev. de trilhar.] S.f.1. Ato ou efeito de trilhar; trilhada. [...] 4. Vereda, senda, trilho”.

Os autores Tabanez *et al.* (1997 apud OAIGEM; RODRIGUES, 2013, p. 61) consideram as trilhas ecológicas:

“[...] como meio de interpretação ambiental, visam não somente à transmissão de conhecimentos, mas também propiciam atividades que revelam os significados e as características do ambiente por meio do uso dos elementos originais, por experiência direta e por meios ilustrativos, sendo assim instrumento básico de programas de educação ao ar livre.”.

A Lei Complementar Municipal nº 482 de 17 de janeiro de 2014 (FLORIANÓPOLIS, 2014), em seu artigo nº 190, inciso XII, define caminho como:

“[...] Caminho terrestre: percurso com um traçado consolidado, permanente, talvez planejado, feito com o propósito de ligar dois pontos distintos ou passar por determinada área, permitindo muitas vezes a passagem de veículos à tração animal, com largura entre dois e quatro metros.”. (FLORIANÓPOLIS, 2014, s.p).

Entende-se que, até o momento, não há uma classificação das atividades de ecoturismo, e o mesmo pode ser exercido em áreas urbanas e em meio totalmente natural, onde não houve a interferência humana.

Wearing e Neil (2009, p. 121) retratam a realidade da definição de ecoturismo e sua abrangência:

“Nos últimos anos, “ecoturismo” tornou-se uma palavra mágica do marketing. Foi usada para vender uma infinidade de produtos, mesmo que a etiqueta “eco” não fosse

uma indicação real da qualidade do produto em oferta. Houve um aumento substancial da quantidade de produtos explorando esse filão, com inúmeras referências a “ecoexcursão”, “ecossafári” e “ecoviagem”. Uma razão para a crescente disseminação do rótulo “ecoturismo” é a falta geral de entendimento do seu conceito.”.

Assim, verifica-se que a falta de uma conceituação clara do termo ecoturismo provoca uma certa confusão com essa definição, e uma conceituação padronizada de fácil entendimento seria um grande avanço teórico.

O ecoturismo promove a movimentação de pessoas, que estão em busca de vivências nas quais possam caminhar, escalar, descer corredeiras, visitar locais com características históricas, ficar expostas à ação do tempo; proporcionando assim uma interação única com a natureza, seja em locais de natureza preservada ou em meio urbano.

O contato com a natureza preservada, em ambientes onde o homem alterou e melhorou o meio, tem servido de estímulos para o bem-estar físico e mental desses praticantes de atividades ao ar livre. As trilhas ecológicas, urbanas e caminhos possuem características específicas, que atraem visitantes de dentro e fora do Brasil, seja por sua natureza preservada e exuberante, onde o avistamento de atrações da paisagem específicas podem trazer estímulos prazerosos ao caminhante, ou por suas atrações turísticas em meio urbano, tais como: praças, museus, igrejas, parques, pontes e mercados, onde esse caminhante pode desfrutar de atividades conforme seu perfil.

Dependendo do perfil do ecoturista que visita a Ilha de Santa Catarina, este terá a possibilidade de escolher visitar as trilhas ecológicas ou caminhos, onde poderá encontrar diversas atrações da fauna (as aves, répteis e mamíferos) e flora, que habitam determinadas trilhas, e/ou a vegetação específica daquele local, com costões, praias, dunas, e/ou as trilhas urbanas.

Em meio urbano, as praças, igrejas, pontes, parques e mercados são excelentes atrativos para o sujeito viajante caminhante. Essas caminhadas em meio natural ou urbano podem contribuir para a fomentação do ecoturismo na Ilha, pois são paisagens notáveis, sendo elas naturais ou urbanas. Desta forma, a partir de tal perspectiva de visualização de paisagens únicas, aproveitando o potencial ecoturístico que a ilha proporciona, e que até o momento ainda é subaproveitado, pois os investimentos e divulgação de atrações turísticas em sua maioria contemplam as praias.

A divulgação de outras opções de atividades, em meio natural ou urbano, tem possibilidades de alavancar o ecoturismo na Ilha de Santa Catarina, deixando sua contribuição para o turismo social. Aproveitando as aptidões da mão de obra local, possibilita renda ao nativo

que conhece o meio em que vive, e assim, esse nativo poderá repassar essas informações ao visitante com mais propriedade.

2.2 TRILHAS ECOLÓGICAS, URBANAS E CAMINHOS

O interesse do cidadão urbano por paisagens naturais relacionadas ao contato com a natureza está crescendo a cada dia. Esse crescimento e movimentação foram percebidos percorrendo os caminhos e trilhas na Ilha de Santa Catarina desde o ano 2000. A fauna e a flora local oferecem atrativos pouco encontrados em meio urbano, e com isso cresce o interesse por caminhadas junto à natureza, que abriga a diversidade, onde a possibilidade de encontrar aves, répteis e mamíferos característicos da região produz a expectativa de experiências ímpares ao caminhante. Essa relação entre homem e meio ambiente natural intocado remete à ancestralidade humana, onde havia uma sintonia perfeita entre o homem e o mundo natural.

O caminhante na atualidade, percorrendo mata fechada, praias, costões, dunas, tem a possibilidade de associar suas experiências recentes há épocas mais remotas, onde essas trilhas e caminhos eram utilizados pelos primeiros colonizadores da Ilha de Santa Catarina, que de alguma forma deixaram suas marcas, com trilhas e caminhos marcados, e casarões e ruínas encontradas durante alguns trajetos. Segundo a Fundação Municipal do Meio Ambiente (FLORAM et al., 2015, p. 5):

“Há séculos a Ilha de Santa Catarina encanta a todos com sua diversidade ambiental. E são através de caminhos e trilhas históricos que acessamos ainda hoje, enquanto moradores ou turistas que visitam a cidade, grande parte desse patrimônio natural e cultural, passando por florestas conservadas e seus componentes da flora e fauna, geosítios, mirantes naturais panorâmicos, praias, restingas, dunas, lagoas, cachoeiras, costões, cavernas, sítios arqueológicos e históricos, etc.”.

A pouca literatura que há atualmente registra aproximadamente 34 caminhos e trilhas ecológicas catalogadas na Ilha de Santa Catarina (FLORAM, 2015). O tempo de percurso de cada trilha ou caminho é inferior a um dia de caminhada, considerando o trajeto de ida e volta. Todo o início do percurso ocorre inicialmente em alguma rua em ponto específico de um bairro na Ilha. Uma teia de caminhos e trilhas ecológicas, que se conectam a outros caminhos e trilhas, terminando em algum bairro da ilha e/ou se ligando a outros trajetos próximos. Dependendo da disponibilidade do caminhante em iniciar outros trajetos, após a conclusão do anterior, torna-se uma opção às caminhadas mais longas. As caminhadas de longa duração, mais pesadas, também podem ser uma opção de atividades na rede de caminhos e trilhas da Ilha.

Trekking na Ilha de Santa Catarina é um circuito de ligação entre várias trilhas e

caminhos. Pode proporcionar ao visitante experiências ímpares, onde o lazer em conjunto com a contemplação da natureza proporciona a experimentação de sensações únicas ao adepto de caminhadas longas ao ar livre.

Há linhas de transporte público que levam o praticante de caminhadas ao ponto inicial de cada trajeto; por este motivo, na pesquisa de campo considerou-se expor às linhas de ônibus que dão acesso ao ponto inicial de cada trilha ou caminho. Para duplas de caminhantes ou grupos que desejam visitar esses trajetos, as linhas de transportes coletivos contemplam a maioria dos caminhos e trilhas, tendo como ponto final de parada as proximidades do início de cada caminho ou trilha.

As trilhas e caminhos têm suas características específicas, na maioria dos pontos com dunas, vegetação característica, morros, praias e costões, facilitando assim ao caminhante um referencial para orientação durante o percurso. Com isso, há poucas possibilidades de se perder no caminho. Mesmo com poucas possibilidades de se perder, durante a maioria dos trajetos em trilhas e caminhos, sugere-se ao caminhante que deseja visitar esses locais por conta própria ir sempre acompanhado.

Quando se aproxima do tema trilha ecológica, fica implícita a EA em ambientes naturais, pois essas salas ao ar livre proporcionam ao caminhante um relacionamento e aprendizado constante com a natureza, unindo o ser humano à natureza, e proporcionando a possibilidade de que esse caminhante adquira consciência sobre a necessidade de preservação de todas as formas de vida existentes no planeta.

Souza (2014, p. 247) afirma que:

“A trilha é metodologia fundamental no processo de sensibilização ambiental, prioritariamente da EA [Educação Ambiental] não formal. Esta afirmação justifica-se por se acreditar que este ambiente seja mais propício à sensibilização devido à possibilidade de contato da pessoa com a natureza e, assim, a mesma é condicionada a perceber, observar e analisar o ambiente pelo qual está de passagem, podendo despertar nela a vontade de preservar e conservar.”.

Nesse contexto, entende-se que só é preservado o que é conhecido e assimilado, produzindo assim conhecimento, e com isso, a preservação do meio ambiente se torna algo natural, sem imposições.

A EA em caminhos e trilhas ecológicas se torna um excelente caminho para que o sujeito urbano interaja com o meio natural, reproduzindo esses conhecimentos em seu meio urbano, no seu dia a dia, tendo assim mais informações sobre a natureza. Com isso, geram-se constructos que perpassam os objetivos da educação ambiental, de conhecer para preservar.

Somando-se a definição de Souza (2014), os autores Oaigem e Rodrigues (2013, p. 67) também definem trilha ecológica como:

“Ao definir trilha ecológica e ou temática, pode-se dizer que constitui em um trajeto definido em um determinado ambiente, possibilitando uma aprendizagem mais eficaz quanto à compreensão dos elementos da natureza no que se refere ao entendimento das relações e interdependência dos mesmos.”.

Nas duas definições, de Souza (2014) e de Oaigem e Rodrigues (2013, p. 67), identificam-se as palavras “educação” e “aprendizagem”, compreendendo que os elementos da natureza que a todo momento o caminhante se depara, provocam uma interação com o meio ambiente visitado, aguçando todos os sentidos e provocando bem-estar. As trilhas se tornam salas de aula ao ar livre, instigando a curiosidade do caminhante para sua preservação.

Neste sentido, Oaigem e Rodrigues (2013, p. 65), reforçam que:

“As trilhas constituem um instrumento pedagógico importante, por permitir que em áreas naturais sejam criadas verdadeiras salas de aula ao ar livre e verdadeiros laboratórios, suscitando o interesse, a curiosidade e a descoberta e possibilitando formas diferenciadas do aprendizado tradicional.”.

Para trilhar por esses ambientes naturais, salas de aula ao ar livre, na maioria dos casos o caminhante precisa observar algumas práticas que irão facilitar sua estada nos caminhos e trilhas, como conhecer o trajeto previamente e contar com um guia/condutor habilitado. Torna-se necessário também analisar o tempo de percurso ida e volta, para que não seja surpreendido com a chegada da noite e a falta da luz durante o trajeto. Consultar a previsão do tempo para o dia da caminhada, e observar o peso da mochila, que deve ser impermeável e não deve ultrapassar 5% de seu peso corporal. Utilizar roupas leves, de modo que permitam a movimentação corporal fácil, de preferência de algodão, *tactel* ou microfibra; levar boné e protetor solar; trazer de volta seu lixo produzido, levando sacos para acondicioná-lo, e não descartar sobras de material orgânico durante o trajeto, pois restos de frutos normalmente possuem sementes, e com esse descarte podem ser inseridas na vegetação nativa espécies invasoras, descaracterizando o local. Um apito pode ser uma excelente opção para casos de “emergência”.

Não utilizar perfumes com odores fortes, pois esses odores podem atrair insetos e espantar a fauna. Não coletar material encontrado durante as trilhas: pedras, galhos, conchas, mudas de plantas e até mesmo aves, répteis ou mamíferos, que com a presença humana constante costumam ficar mais dóceis. Assim, outros visitantes poderão ter as mesmas experiências agradáveis que você vivenciou. Não tente manipular ou alimentar animais

encontrados durante seu caminho ou trilha, observe-os à distância, assim não há interferência na rotina do meio. Tratar os moradores das imediações e outros caminhantes ao longo do percurso com cortesia. Deixar seu animal doméstico em casa, pois eles podem afugentar a fauna. Evitar vestimentas com cores muito fortes. Tomar cuidado com animais peçonhentos, com a precaução de não ficar durante o início da noite na trilha ou caminho esse risco diminui, pois normalmente as serpentes saem para caçar à noite. Deixar sempre as mãos livres e visualizar o local onde se apoia, levar um kit de primeiros socorros, calçados fechados de preferência com cano longo e antiderrapante ou um tênis que já foi amaciado pelo uso. Manter-se na trilha ou caminho, não utilizando atalhos, pois estes danificam as raízes das árvores e provocam a erosão do solo. Não utilizar sabão ou similares para se banhar em fontes de água encontradas durante o trajeto, esses produtos possuem em sua composição substâncias químicas que quando descartadas nas correntes d'água provocam danos ao ecossistema. Não deixar evidências de sua passagem nesses locais: certifique-se que o trajeto permaneça de modo intacto, como se o caminhante nunca estivesse passado por lá.

Os alimentos não devem exigir preparo, normalmente levam-se doces e salgados: barras de cereais, frutas secas e frescas, biscoitos, porções de embutidos, azeitonas. Jamais fazer fogueiras, e por esse motivo sugeriu-se levar alimentos prontos, pois em grande parte dos casos onde o fogo se alastra nesses locais de natureza preservada, houve uma ação humana inconsequente. Mesmo com a premissa de não ser surpreendido com a escuridão, e com as mudanças bruscas do tempo, torna-se necessário incluir na mochila uma lanterna, um par de pilhas sobressalentes e uma capa de chuva compacta.

Para registrar todos os momentos, uma câmera fotográfica, preferencialmente com proteção contra a areia fina encontrada nas praias e dunas, pois em grande parte dos casos essa areia penetra nas engrenagens da câmera, provocando danos. Para se hidratar, água potável (cantil com um litro), pois em parte dos caminhos e trilhas não há fontes de água confiáveis, ou até mesmo a utilização de um filtro portátil, tipo canudo, para filtrar a água encontrada e consumida durante o percurso. Um celular carregado no dia anterior é imprescindível; este pesquisador percorrendo esses trajetos durante alguns anos, sugere o uso de uma operadora de telefonia celular que tenha cobertura na maioria das trilhas e caminhos. É aconselhável iniciar o trajeto no primeiro horário da manhã, quando o sol não está a pico, calculando o tempo de ida e volta para não ser surpreendido com a escuridão da noite. Alongamentos antes de iniciar esses trajetos podem reduzir a fadiga do corpo no dia seguinte, e incluir pausas estratégicas de descanso e alimentação durante o percurso podem tornar a caminhada mais agradável.

O silêncio durante a caminhada pode ser um pouco desconfortável para os sujeitos urbanos, porém aos poucos o corpo e os sentidos se adaptam ao novo ambiente, proporcionando assim a contemplação do meio e podendo com isso não afugentar a fauna: sons, imagens únicas fazem parte desses ambientes naturais, proporcionando estímulos positivos ao corpo. A interpretação normalmente se relaciona com conhecimentos e experiências prévias do visitante/caminhante. O visitante, mesmo em grupo, pode ter um tempo a sós com a natureza, assim essa interação poderá ser mais completa, pois o conhecimento tácito é único. Para que não haja surpresas na hora de utilizar os equipamentos eletrônicos durante a caminhada, sugere-se que sejam testados e carregados no dia anterior.

Bratman et al. (2015), em seu artigo intitulado “*The benefits of nature experience: Improved affect and cognition*”, apresenta um estudo realizado em Stanford, na Califórnia, realizado aleatoriamente com sessenta pessoas, e utilizando-se de percursos de caminhada de 50 minutos em meio natural e urbano. Investigaram os efeitos da visualização das atrações da paisagem pelo caminhante durante o caminho, antes e depois de cada trajeto. Constatou-se nesse estudo que houve benefícios, tais como: diminuição da ansiedade, dos diálogos internos, aumento do desempenho da memória, diminuição do hormônio relacionado ao estresse. Esses autores, por meio do estudo, versam que há evidências que a falta de exposição à natureza tem causado alterações no funcionamento psicológico humano.

Conforme o estudo, as atrações da paisagem, encontradas durante as caminhadas em meio natural, ativam nosso sistema nervoso, diminuindo o estresse e a excitação, pois temos uma preferência por esse tipo de ambiente, segundo a pesquisa.

Pesquisando em vários idiomas, verificou-se que há uma movimentação positiva em alguns países em adotar a interação com a natureza e a revitalização desses espaços públicos. Nesse sentido, os órgãos públicos locais da Ilha de Santa Catarina estão agindo para que as trilhas ecológicas e caminhos sejam preservados, melhorando sua estrutura para visitação.

Há cinco anos, a FLORAM (2015), em parceria com Departamento de Unidades de Conservação (DEPUC), Departamento de Projetos (DEPRO), Departamento de Educação Ambiental (DEPEA), Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), Secretaria Municipal de Turismo (SETUR), Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Instituto de Estudos Ambientais Trilheiros de Atitude (IEATA), Instituto Multidisciplinar de Meio Ambiente e Arqueoastronomia (IMMA), Coletivo UCs da Ilha, Espeleo Grupo Teju Jagua e colaboradores individuais, criaram o Programa: “Roteiros do Ambiente - Trilhas e Caminhos na Ilha de Santa Catarina”, com o objetivo de planejar e implementar a padronização de

sinalização nas trilhas ecológicas da Ilha de Santa Catarina.

Estão sendo introduzidas, de maneira gradual, placas padronizadas no início de cada caminho e trilha, com orientações sobre o percurso e como se comportar em meio à natureza. Essas placas estão padronizadas em Língua Portuguesa (Brasil) e traduzidas para mais dois idiomas: Inglês e Espanhol, idiomas esses que fazem parte de nossa revisão da literatura, facilitando assim a interpretação do meio por turistas de outras nacionalidades.

Esse programa tem por finalidade revitalizar os 34 caminhos e trilhas catalogadas até 2015. Anteriormente a esse levantamento da FLORAM (2015), há um inventário do IPUF listando 31 caminhos e trilhas na Ilha, em levantamento realizado em 2000, com Relatório sendo publicado em 2001 em formato de guia, e com uma atualização em 2005.

O Programa “Roteiros do Ambiente - Trilhas e Caminhos na Ilha de Santa Catarina”, em sua primeira fase irá revitalizar os 34 caminhos e trilhas que estão listados no projeto, com sinalização padronizada, onde por meio de placas o caminhante poderá ter mais informações sobre os caminhos e trilhas percorridas.

Entre os objetivos específicos do projeto citado, destacam-se alguns com maior relevância, como a preservação das trilhas, ao estimular as atividades de ecoturismo; oferecer segurança e EA ao caminhante, ;facilitar a pesquisa científica, estudos relacionados aos trajetos, fauna, flora, geologia, história, arqueologia; estimular as atividades de condutores ambientais; disponibilizar material para consulta pública; e criar um banco de dados das trilhas e caminhos.

E o “banco de dados” torna-se de extrema relevância neste trabalho. O projeto também cita e sinaliza como uma ferramenta de utilidades múltiplas:

- Monitoramento da fauna: analisando os caminhos que se abrem e se fecham, espécies intrusas ao meio local, analogia de alteração no meio, seja por forças da natureza ou por ação humana, catalogação de novas espécies;

- Fauna: aves, répteis e mamíferos característicos de cada trilha ou caminho.

- Tempo médio de percurso, outras atrações da paisagem que possam surgir, desaparecer ou serem depredadas.

Um BD que pode ser abastecido pelos Órgãos reguladores do turismo na ilha, e opcionalmente pelos visitantes, que por meio das TIC e *Smartphones* podem contribuir como mecanismos de captação de informações: fotos, textos, vídeos, áudios, armazenados e organizados, de modo que a gestão da informação se torne eficaz para a preservação e divulgação dos Caminhos e Trilhas da Ilha de Santa Catarina.

Uma parceria entre esse programa e os poderes públicos e/ou privados pode fortalecer

essa iniciativa, e capacitar profissionais na área de ecoturismo, especificamente com cursos de condução ambiental, com enfoque em caminhos e trilhas ecológicas e urbanas.

O Curso de Formação inicial em Condutor Ambiental, desde 2012 não foi mais oferecido regularmente no IFSC, Campus Florianópolis - Continente. Se as Unidades de Conservação (UCs) entenderem que há necessidade de reativação do curso, em conjunto com a gestão municipal (PMF), o campus poderá ofertar novas turmas, dependendo da demanda. Esse curso qualificava profissionais a conduzir com segurança os visitantes em trilhas ecológicas e caminhos nas UCs.

Considerando que a última versão do Plano de Oferta de Cursos e Vagas (POCV 2020-2024) não contempla a oferta do curso de Condutor Ambiental, diminui-se assim as oportunidades de formação desses profissionais. Até o momento são poucas as Organizações que oferecem esse curso em Florianópolis e na Grande Florianópolis.

A reativação do presente curso pelo IFSC – Continente pode ser uma ótima alternativa para capacitação e utilização da mão de obra local, fomentando o ecoturismo em trilhas ecológicas e urbanas na Ilha de Santa Catarina.

Segundo o Programa “Roteiros do Ambiente”, no início de cada trilha deverá ser instalado um portal com características específicas, de modo que não altere as características do meio ambiente visitado, com informações sobre o trajeto, inclusive com classificação do percurso. Esses portais poderiam ter mais funcionalidades, além das placas.

Recursos tecnológicos de replicação de sinais, com redes sem fio, poderiam ser inseridos nos portais, proporcionando ao turista material em mídia para consulta, diminuindo assim a produção de material impresso. Salienta-se que esses recursos tecnológicos não devem descaracterizar o meio visitado, e que esse sinal não se estenda para o trajeto de caminhos e trilhas longas, onde o contato deve ser somente com a natureza.

Em trilhas e caminhos de curto percurso, em torno de trinta minutos de caminhada, onde há uma estrutura básica de conforto ao caminhante, não exigindo assim muito esforço físico, esses recursos de tecnologia poderiam ser inseridos durante todo o trajeto da trilha ou caminho. Identificando a vegetação, informando as possibilidades de encontrar aves, répteis e mamíferos em determinados trechos do trajeto. Entende-se que a última sugestão se adapta perfeitamente a algumas trilhas ou caminhos mais curtos, dentre eles o Caminho da Lomba do Ingá, onde uma Empresa privada faz sua manutenção e conta com características que podem absorver esse potencial tecnológico.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) (2008-2019), lançou em 2008,

com atualização em 2019, a NBR 15505-2 (ABNT, 2008), que determina normas sobre Turismo com atividades de caminhada - Parte 2: Classificação de percursos (Hiking or trekking tourism Part 2: Course's classification; ABNT, 2008). A presente norma estabelece critérios para a classificação de percursos de acordo com sua severidade, que estão inseridos nas placas de identificação no início de cada percurso, conforme a ABNT (2008):

“Severidade do meio: 1 Pouco severo, 2 Moderadamente severo, 3 Severo, 4 Bastante severo, 5 Muito severo. Orientação no percurso: 1 Caminhos e cruzamentos bem definidos, 2 Caminho ou sinalização que indica a continuidade, 3 Exige a identificação de acidentes geográficos e de pontos cardeais, 4 Exige habilidades de navegação fora do traçado Orientação no percurso. Condições do terreno: 1 Percurso em superfícies planas, 2 Percurso por caminhos sem obstáculos, 3 Percurso por trilhas escalonadas ou terrenos irregulares, 4 Percurso com obstáculos Condições do terreno, 5 Percurso que requer técnicas verticais. Intensidade de esforço físico: 1 Pouco esforço, 2 Esforço moderado, 3 Esforço significativo, 4 Esforço intenso, 5 Esforço extraordinário. Conforme anexo A, páginas 163 (Referência de Classificação de Percurso).” (ABNT, 2008, s.p.)

Essas informações, em conjunto com outras relevantes à estada do caminhante em trilhas e caminhos, proporcionam uma caminhada com informações prévias de atrações que podem ser encontradas nas trilhas ecológicas.

Um avanço importante na conservação dos caminhos e trilhas na Ilha de Santa Catarina aconteceu em 2002, quando a Câmara de Vereadores aprovou a Lei nº 5979, que oficializou as localizações e denominações dos caminhos e trilhas do município de Florianópolis, garantindo a preservação do entorno das trilhas e caminhos, proibindo danos ao meio ambiente nesses locais, e garantido o acesso público. O Projeto de Lei nº 15.951/14 alterou a Lei n.º 5979/02, incluindo a “Trilha do Morro da Praia Mole” nos mapas, como integrante da referida lei; isso por se tratar de um local onde há práticas de atividades de ar, com a utilização de parapentes, feito por solicitação da Prefeitura Municipal de Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2002, 2014), conforme disposto no Anexo B.

2.3 TRILHA ECOLÓGICA E CAMINHO SELECIONADO PARA PESQUISA

A ilha de Santa Catarina, desde a época de seus colonizadores, reúne os mais diversos atributos ecoturísticos, com atrações da paisagem das mais diversas, sendo uma vegetação única e com características peculiares.

A fauna conta com animais com características específicas, com possibilidades de serem encontrados durante o trajeto dos caminhos e trilhas de natureza preservada; praias para todos

os perfis de visitantes, sejam eles praticantes de atividades físicas das mais diversas, com possibilidades de práticas de atividades de água, terra ou ar. Para aqueles que preferem uma estada mais tranquila, para contemplação, oferece praias tranquilas, com mar sem ondulações e caminhadas de curta duração, onde o ecoturista pode contemplar a natureza; ou em meio urbano, conhecendo lugares onde as construções retratam a história dos primeiros colonizadores açorianos, onde os povoados se desenvolviam ao redor das Igrejas e Praças, as chamadas freguesias. Nesse sentido, a ilha proporciona diversos locais com atrações ecoturísticas variadas.

Cöeffé (2010) conceitua o local turístico como locais com diferentes características geográficas, onde o turista sai de sua realidade rotineira e interage com outros sujeitos, sejam eles nativos ou visitantes. Esse autor reforça que só a presença do turista não transforma o local não turístico em turístico; para que esse local seja considerado turístico há a necessidade de que as visitas sejam constantes, divulgando os locais e estabilizando-os como locais de visita regular.

A preocupação com o uso racional dos recursos naturais não renováveis está, a cada dia, influenciando o estilo de vida das pessoas, nos mais diversos segmentos da sociedade. Uma preocupação global que se reflete nas comunidades regionais, influenciando e propondo um novo estilo de vida das populações, mostrando a necessidade da preservação dos ecossistemas existentes e fomentando o ecoturismo.

O desenvolvimento sustentável ou a sustentabilidade propõe um novo modo de vida, priorizando não só o desenvolvimento econômico, mas também o desenvolvimento sustentável. Com o desenvolvimento sustentável, seja ele em meio urbano ou em meio natural, onde o ambiente não deve ser adaptado ao visitante, mas sim o visitante deve se adaptar ao meio que está visitando, experimentando os estímulos que esses locais proporcionam, tornam-se prioritárias ações que promovam sua preservação.

Classificam-se os ambientes que possam atrair os viajantes como: i. Naturais – onde não houve a alteração por meio da ação humana sobre fauna e flora; ii. Culturais – onde os costumes são únicos e proporcionam experiências ímpares ao viajante; e iii. Históricos - por meio da arquitetura local o viajante se remete aos tempos mais remotos, vislumbrando a história local, e propiciando ao visitante experiências diferentes daquelas experimentadas em sua região de origem. São experiências heterogêneas, que só locais com atributos específicos de atrações podem proporcionar.

O entendimento é de que a preservação do todo depende de ações de cada um, e que

toda ação tem uma reação, seja ela imediata ou em longo prazo, deve ser sistêmico entre os sujeitos. Essas ações, quando positivas em relação à sustentabilidade, provocam impactos positivos ao meio e, conseqüentemente, aos habitantes locais; se forem negativas, têm o efeito reverso.

Assim é necessário que se busquem parcerias entre os setores público, privado e Organizações Não-Governamentais (ONGs), de modo que o crescimento econômico não vá em oposição à sustentabilidade: é preciso que o crescimento econômico e a sustentabilidade caminhem juntos, proporcionando ao ecoturista experiências únicas e não degradando o meio. Revertendo os valores pecuniários deixados pelo ecoturismo para preservação das atrações locais, e subsistência das comunidades que abrigam essas atrações. Tratando os problemas e soluções não de maneira abstrata e sim fazendo relações, com o objetivo de entender os impactos positivos ou negativos em relação à comunidade local, minimizando os negativos e maximizando os positivos.

A Ilha de Santa Catarina possui um potencial extremamente forte relacionado às riquezas naturais, históricas e culturais. Esse potencial ecoturístico, aliado a uma boa gestão sustentável, pode gerar mudanças significativas, transformando a Ilha em referência em produtos ecoturísticos. Esses produtos devem ter a característica de sustentabilidade, estar em harmonia com o meio ambiente e a comunidade local, de modo que a presença ecoturística e os produtos ecoturísticos possam impactar positivamente a comunidade.

Somando-se as atividades de locomoção em caminhos e trilhas ecológicas e urbanas ainda com pouca exploração sustentável, esta ilha denominada Ilha de Santa Catarina torna-se uma excelente aliada ao turismo social, que por meio de um de seus seguimentos, o ecoturismo, pode trazer lazer, contemplação e preservação do meio visitado, estabilizando as visitas locais e consolidando locais turísticos regulares.

2.3.1 Trilha da Lagoinha do Leste e Caminho do Morro das Feiticeiras

Definimos para análise da bibliografia e pesquisa de campo a Trilha da Lagoinha do Leste, que iniciada pelo Pântano do Sul (Sul), tem como acesso o início da trilha pela Rua Manoel Pedro Oliveira no Pântano do Sul. Para analogia entre similaridade com pesquisas de campo, analisou-se o Caminho do Morro das Feiticeiras, que se inicia no final da Rua das Gaivotas, próximo ao número 2383, no bairro Ingleses (Norte), com o término do percurso na Praia Brava, e novamente a Trilha da Lagoinha do Leste, iniciada pelo Pântano do Sul (Sul).

Esses caminho e trilha estão localizados na Ilha de Santa Catarina, sendo aquele no Norte e esta no Sul. Foram analisadas as similaridades entre elas considerando apenas pesquisas de campo.

As linhas de transporte público que dão acesso aos bairros do Pântano do Sul e Ingleses, para acesso ao início do caminho e trilha, são respectivamente: Linha Gaivotas, saindo do Terminal de ônibus de Canasvieiras, tendo como destino o início do Caminho do Morro das Feiticeiras; e para Lagoinha do Leste, saindo do Terminal Rio Tavares as linhas de ônibus: Pântano do Sul ou Costa de Dentro.

O Parque Municipal da Lagoinha do Leste foi criado em 1992, por meio da Lei Municipal nº 3701/92 e do Decreto Municipal nº 8/70, com o objetivo de salvaguardar a fauna e flora local, e proteger o manancial hídrico da Bacia Hidrográfica da Lagoinha do Leste. Gerido atualmente pela FLORAM e o Departamento de Unidades de Conservação (DEPUC), o Parque está inserido em uma Área de Proteção Ambiental (APA), ficando próximo a áreas de preservação permanente no Pântano do Sul. Atualmente, o Parque é denominado de Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

A trilha da Lagoinha do Leste pelo Pântano do Sul, com acesso no início da entrada da trilha pela Rua Manoel Pedro de Oliveira, está rodeada pela Mata Atlântica, podendo-se avistar durante seu percurso aves, mamíferos e répteis característicos da região. É considerada por muitos caminhantes uma das trilhas mais belas da Ilha de Santa Catarina. A trilha é frequentada por turistas de várias nacionalidades, pescadores e principalmente por surfistas em busca de ondas. Não só para caminhadas de ida e volta durante o mesmo dia, mas também essa trilha é muito procurada por visitantes que acampam em vários pontos junto à vegetação que a praia oferece.

Uma junção entre vegetação preservada, um mar com ondas perfeitas e uma Lagoa que dá nome ao local. Sendo assim, além da trilha a praia oferece várias possibilidades de lazer. Uma fonte de água potável pode ser encontrada ao término da caminhada, (pelo Pântano do Sul) no lado direito da praia da Lagoinha do Leste. O acesso ao início do Caminho do Morro das Feiticeiras se dá no final da Rua das Gaivotas, localizado no Bairro Ingleses, nas proximidades ao Condomínio Villa Giardino, número 2383. Ao lado desse Condomínio, há um trajeto que dá acesso ao início desse Caminho, que se liga à Praia Brava.

Paralela ao Caminho do Morro das Feiticeiras encontra-se a Trilha da Feiticeira, que também liga a Praia de Ingleses à Praia Brava, sendo que o Caminho tem um percurso de mata fechada e a trilha é percorrida pelos costões.

Os dois trajetos serviam e ainda servem de acesso à Praia Brava, sendo que pelos costões

ou pela mata, ainda hoje são muito utilizados para a prática de caminhadas e por pescadores. Ambos os trajetos, com nomes parecidos, porém não iguais, ainda confundem os moradores locais e os caminhantes, que não diferenciam o caminho da trilha. Entende-se que as trilhas são consideradas ambientes para caminhadas e contemplação da natureza. Já nos caminhos, além das mesmas atividades feitas em trilhas, também podem transitar veículos de tração animal.

Ainda não há um consenso da origem do nome “Feiticeira(s)”; para os moradores locais e trilheiros em geral, identificou-se uma definição mais relacionada às histórias da Ilha da Magia.

Nessas histórias, pode-se constatar por meio de conversas com moradores e caminhantes o direcionamento da definição para uma narrativa relacionada às fábulas e crenças locais, onde as Feiticeiras eram definidas como Bruxas que habitavam o caminho e a trilha, trajeto feito pelos costões.

Segundo a crença local, essas Bruxas eram curandeiras que moravam ao longo desses trajetos, e lidavam com ervas e sacrifícios em uma gruta que, segundo informações locais, fica ao longo do Caminho.

Conforme o DEPUC há nesse caminho uma espécie de árvore muito comum, chamada popularmente de “Baga de Feiticeira”, podendo assim o nome ter sido originado com base no nome dessa árvore.

Outra possibilidade da origem do nome é um modelo de uma rede de pesca utilizada por pescadores de nome “feiticeira” ou “tresmalho”, para captura de peixes de todos os tamanhos, muito utilizada em Santa Catarina e no Paraná.

2.4 ROTEIROS DE TRILHAS URBANAS

Os espaços públicos urbanos na Ilha de Santa Catarina ainda são subutilizados pela comunidade local e por ecoturistas vindos de outras localidades do Brasil e do exterior. Isso, por não ter uma estrutura de trajetos definidos e com pouca divulgação, mas que podem se tornar locais de grande fluxo de visitantes, com o mapeamento e divulgação desses trajetos. Assim, o levantamento dos recursos atrativos, para sequenciá-los e combiná-los com outras atividades pode aumentar a permanência do turista na região. O termo “trilha urbana”, ainda pouco utilizado na Ilha, remete a passeios guiados pelas ruas da Ilha, organizados por grupos locais e entre eles, de Associações de Arquitetos, focando a arquitetura local, porém sem roteiros previamente definidos pelos órgãos que regulam o setor.

São experiências únicas, que proporcionam ao caminhante a visualização de objetos

arquitetônicos com características da colonização açoriana, entre outras atrações: praças, parques, pontes, museus, igrejas, e uma arquitetura riquíssima em detalhes. Fisher (2015, p. 14), retrata essa apreciação.

“A distinção entre a mera experiência de objetos arquitetônicos e a apreciação de objetos arquitetônicos traz consigo a cognição e outros insumos, como a história e o contexto. A apreciação vai além do conhecimento, também, na medida em que possamos conhecer um objeto arquitetônico e suas qualidades sem apreciá-lo.”.

A definição de roteiros fixos no ecoturismo em cidades, como trilhas urbanas, por parte dos órgãos governamentais de divulgação do ecoturismo, configura uma alternativa para que os potenciais visitantes que pesquisam sobre as possibilidades de trilhas urbanas locais possam se programar, e saber que atrações da paisagem cada roteiro proporciona com antecedência.

Cada visitante tem um perfil único, procurando atrações determinadas, de acordo com seu gosto, tempo de percurso, aclives, declives na caminhada, atrações específicas, entre outras especificidades. Essas informações em trilhas urbanas podem facilitar na escolha de destino pelo ecoturista.

Mundet e Coenders (2010) relatam um fato que une as duas modalidades de ecoturismo: em alguns países, como Espanha, Estados Unidos, Quebec (Canadá) e Reino Unido, linhas férreas desativadas estão sendo aproveitadas, unindo as duas atividades de ecoturismo, de trilhas ecológicas e urbanas, tendo como atrações a paisagem arquitetônica e construções históricas abandonadas, como túneis e estações, espaços onde a flora e fauna são abundantes. São centenas de quilômetros unindo ecologia e construções urbanas. São denominadas de *greenways*, corredores verdes, que fomentam o ecoturismo nesses países, proporcionando uma vida mais saudável ao ar livre, e um tipo de locomoção alternativa, reforçando a ideia de sustentabilidade.

Os autores Mundet e Coenders (2010) também perceberam que há poucas publicações em meio acadêmico, apesar dessas atividades terem um enorme potencial ecoturístico e de EA. Fato esse identificado também por este pesquisador e pelos autores do artigo: “Estudos sobre trilhas: uma análise de tendências em eventos de Ensino de Ciências e Educação Ambiental”, de Rocha et al. (2016).

Os locais que recebem os turistas, de origem interna ou externa, precisam de planejamento e organização na elaboração de roteiros. Esses roteiros são de extrema importância para promoção dos produtos ecoturísticos. Encontrar informações sobre pontos ecoturísticos em locais de visita com antecedência se torna uma forma de organização da

viagem, otimizando assim o tempo de estada do visitante em determinadas localidades.

Neste sentido, os roteiros ecoturísticos são capazes de conduzir o caminhante por percursos previamente organizados; assim, o roteiro turístico é capaz de:

“[...] orientar o fluxo turístico, indicando caminhos e propondo, por meio da subjetividade, emoção e percepção de cada Sujeito que o realiza, atividades a serem vivenciadas ao longo do espaço físico percorrendo seus significados, atribuindo ao espaço, o sentido e o valor de Lugar.”. (CISNE, 2010, p. 195).

Normalmente, quando o visitante chega a um destino ecoturístico, não visita apenas um atrativo: em seu entorno há várias possibilidades de encontrar outras atrações da paisagem, que podem ser de seu interesse em conhecer. Não só a história da região, mas também a cultura, geografia são importantes no percurso de um roteiro ecoturístico. Apenas a movimentação, a caminhada, não são suficientes para atrair a atenção dos caminhantes, mas também o trajeto interpretado, associando elementos, o entendimento da paisagem, os valores culturais e características ímpares da região.

No caso específico de turismo de cultura e lazer, as possibilidades de rastreamento e organização de roteiros que possam interessar ao ecoturista se torna um fator importante para a indústria ecoturística local. Além dessas informações de trajeto dos roteiros, a estrutura local de mão de obra, com guias especializados, meios de hospedagem existentes, locais para alimentação e transporte são pontos importantes para infraestrutura do ecoturismo local, acolhendo assim o visitante. Martinelli (2011) descreve a importância do rastreamento e associação de pontos ecoturísticos, produzindo mapas e com isso, fomentando a indústria turística:

“[...] o mapa dessa temática emergirá de uma acurada sistematização teórico-metodológica voltada à representação da realidade turística, proporcionando sua compreensão a partir do potencial em recursos naturais, histórico-culturais e sociais, sejam de origem espontânea, sejam artificiais, enaltecendo cada vez mais a realidade do lugar com sua expressiva identidade e valor.”. (MARTINELLI, 2011, p. 4).

Os mapas permitem que o caminhante possa identificar informações do trajeto, arquitetura, atrações da paisagem, associando vários pontos, formando roteiros mais ou menos longos, e servindo de material de apoio para conhecimento e interpretação das atrações da paisagem, encontradas durante o percurso.

Entender qual é o perfil do cliente que procura determinado seguimento de ecoturismo, quem é esse cliente que procura o serviço, saber se a estrutura existente atende às necessidades do ecoturismo são fatores que devem ser considerados na elaboração de roteiros.

Conforme Tavaves (2018, p. 169-170), em seu artigo “Patrimônio e cidade: uma leitura geográfica da cidade de Belém do Pará”, o percurso de um roteiro urbano pode ser composto por dez fases básicas:

“[...] 1. Definição do tema e itinerário e pontos de paradas do roteiro; 2. Levantamento bibliográfico, iconográfico e documental sobre a temática do roteiro e pontos selecionados; 3. Trabalho de campo para reconhecimento do trajeto do roteiro e contato com as associações presentes na área-objeto do roteiro; 4. Elaboração de texto-guia do roteiro, com base na sistematização de todos os dados levantados pela equipe; 5. Levantamento fotográfico da área-objeto do roteiro; 6. Reuniões semanais de avaliação para aperfeiçoamento da forma e conteúdo do roteiro. 7. Articulação com órgãos governamentais para apoio e de divulgação do roteiro [...]; 8. Envolvimento das associações de moradores ou trabalhadores da área-objeto do roteiro; 9. Roteiros-teste com os monitores do projeto; 10. Divulgação nas redes sociais e implementação do roteiro.”.

Nesse contexto, elaborou-se três roteiros básicos de ecoturismo urbano na região central de Florianópolis: entre a Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz; Entorno da Praça XV de Novembro; e Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz, interligando vários pontos turísticos, estabelecendo uma sequência de atrativos, com informações sobre atrações que podem ser encontradas durante o trajeto e tempo aproximado de duração de cada trilha urbana. Com esses dados das trilhas devidamente organizados, a GI em trilhas urbanas pode proporcionar ao gestor ecoturístico várias possibilidades de organização de seus roteiros, mostrando as possibilidades de visualização de atrações, grau de dificuldade e tempo de percurso.

3 GESTÃO DA INFORMAÇÃO (GI)

A Ciência da Informação (CI), teve sua explosão no final da segunda guerra mundial, com o objetivo de decifrar informações captadas da Alemanha e com isso, entender seu potencial científico e tecnológico. Robredo (2011) reforça que o início dessa explosão possibilitou conhecer profundamente o nível de conhecimento científico e tecnológico da Alemanha. Assim, iniciou-se uma corrida para analisar o conteúdo de documentações encontradas e entender como funcionava o sistema de comunicação das forças inimigas. Para que essa análise fosse feita, seguiu-se uma sequência lógica de ações, que estão de acordo com os princípios da gestão da informação: reter, recuperar e disseminar.

A interação com o meio ambiente local proporciona ao explorador uma integração com o meio regional, conhecendo as características do ecossistema daquela região. Essa interação do visitante com o meio ambiente gera informações que podem ser retidas, recuperadas e compartilhadas. Essa retenção normalmente é feita em unidades biológicas, a mente humana; quando explicitadas, geram informação e posteriormente, conhecimento em outras unidades biológicas. O aprofundamento da pesquisa e análise das informações encontradas em campo, a interação entre sujeitos e a revisão da bibliografia, torna-se uma triangulação eficiente para se ter um conhecimento mais amplo sobre o assunto estudado.

Quando retidas e recuperadas em ambientes informatizados (i.e. dispositivos móveis, de captação e retenção de informações, servidores, big datas, *Smartphones*), proporciona ao decisor um suporte eficaz para evitar ou diminuir os erros no processo de tomada de decisão.

Para Ribeiro (2012, p. 16) “[...] um aparelho de comunicação por ondas eletromagnéticas que permite a transmissão bidirecional de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica que se encontra dividida em células, cada uma delas servida por um transmissor/receptor.”.

O avanço da telefonia móvel proporcionou ao prestador de serviços, nos mais diversos locais, e ao caminhante em trilhas ecológicas e urbanas perspectivas ilimitadas de captar informações durante todo o trajeto das caminhadas, retendo-as em repositórios; posteriormente, triangular, associar essas informações. Com isso há geração de novas informações a cada saída de campo, gerando um fluxo de informações contínuo, com dados sempre atualizados, suscitando novos dados, novas informações e consequentemente, novos conhecimentos.

A gestão desse fluxo de informações aliada aos dispositivos informatizados, proporciona à Organização a recuperação mais rápida de informações necessárias ao processo

decisório. Acompanhar e resolver o problema do crescimento acelerado das Organizações, com uma gestão da informação eficaz, torna-se necessário. Perucchi (2010) reforça que a CI veio com o intuito de diminuir os problemas relacionados à gestão da informação em Organizações, no que tange ao tratamento de informações e análise do fluxo informacional, na gestão da informação e do conhecimento, agregando valor à informação e ao conhecimento organizacional, elevando-se assim o valor de produtos e serviços oferecidos.

Com os avanços tecnológicos e o crescimento da sociedade da informação, e a interdisciplinaridade da CI, as Organizações e seus gestores puderam ter um gerenciamento mais eficaz de seus processos.

Para Detlor (2010, p. 103),

“Gestão da informação é o gerenciamento dos processos e sistemas que criam, adquirem, organizam, armazenam, distribuem, e usam informação. O objetivo da gestão da informação é ajudar pessoas e organizações a acessar, processar e usar informações de maneira eficiente e eficaz. Ao fazer isso, ajuda as organizações a operarem de forma mais competitiva e estrategicamente, e ajuda as pessoas a realizarem melhor suas tarefas e a se tornarem mais bem informadas.”.

A informação circula por todos os setores da Organização, e quando se trata de uma Organização prestadora de serviços, essa circulação também ocorre em ambientes fora de suas dependências, dificultando assim a gestão do fluxo informacional. Como solução para esse possível problema, conta-se com pessoas e tecnologias que propiciam a retenção das informações que circulam em ambientes distantes, por meio das TIC.

As ações que envolvem a informação no ambiente de trabalho dependem de pessoas que realizam atividades. Sendo assim é o ser humano que coleta, armazena, recupera, busca e analisa a informação, e neste contexto a informação é gerada. Quando citamos que o humano faz todo o processo de gestão do fluxo de informações (armazenamento, recuperação e disseminação), nos remetemos à organização da Organização em estudo, onde todo o processo é feito de forma manual, com repositórios dispersos, não interligados. A interligação desses processos pode gerar o cruzamento de informações, proporcionando assim outras informações que suportem as decisões e gerem diferencial competitivo.

A informação é matéria prima para produzir o conhecimento, e quando processada em unidades biológicas, dentro de um contexto, resulta no conhecimento. A compreensão, análise, classificação dos arquivos que estão na memória das unidades biológicas constituem o conhecimento empírico de cada indivíduo. O compartilhamento das informações que cada sujeito retém é primordial para aquisição de novos conhecimentos em outros sujeitos; por este

motivo, o processo de gestão da informação cria um fluxo contínuo de informações, gerando ou não conhecimento em outros sujeitos.

Choo (2011) salienta que a utilização de informações deve ser examinada conforme o contexto da Organização. Cada Organização retém informações de acordo com sua especificidade, localização e aspectos referentes à atividade realizada.

Pode-se listar algumas formas de retenção de informações relevantes à Organização: monitoramento da concorrência; monitoramento tecnológico; monitoramento político-econômico; monitoramento financeiro; monitoramento ambiental, entre outros. Todos são importantes, pois apoiam e fomentam o desenvolvimento das Organizações.

Dentre todas essas formas de monitoramento, podemos colocar em evidência, por grau de importância dos monitoramentos para a Organização em estudo, o monitoramento da concorrência. Por meio desta, pode-se analisar quais serviços que outras Organizações oferecem e que as destacam no mercado, prospectando-se ações futuras para melhorar os serviços oferecidos, incluindo algo a mais em comparação à concorrência. Indo ao encontro das atividades executadas pela presente Organização, destaca-se o monitoramento ambiental, não só do CiberAmbiente, pois trata-se de uma plataforma na *Web* onde os avanços tecnológicos são contínuos, mas também o monitoramento dos ambientes visitados. As visitas de campo são essenciais para a análise dos resultados, proporcionando assim o aperfeiçoamento dos serviços. As informações captadas nas visitas de campo podem promover um acompanhamento contínuo das mudanças ambientais nos caminhos, e nas trilhas ecológicas e urbanas. Acompanhamento da fauna e flora, níveis de degradação, pontos turísticos urbanos onde não há manutenção; unindo esses pontos com a tecnologias, o monitoramento pode ser uma ferramenta indispensável para ações futuras de divulgação e reconstituição do meio visitado.

Identificar as necessidades informacionais da Organização faz parte da rotina do gestor. Analisar quais informações são relevantes, e identificar quais possam gerar diferencial competitivo para esta, é uma tarefa que exige uma atualização constante de informações que o mercado proporciona. A concorrência está a todo momento monitorando o mercado, e cabe ao gestor monitorar além do amplo mercado, focando em seus principais concorrentes. Parte-se do princípio que identificar as necessidades informacionais é fundamental para interpretar a relevância informacional: quais informações reter e quais descartar. Isto, para gerir a informação, e faz parte do processo da GI, como fatores competitivos que diferenciam uma Organização da outra.

Somando a este contexto, Choo (2011, p. 18) ressalta:

“As correntes de experiência no âmbito da organização são isoladas, rotuladas e unidas em mapas mentais, de modo a dar sentido a informações ambíguas. Em consequência da criação de significado, os membros interpretam o ambiente e desenvolvem interpretações comuns do que está acontecendo a eles e à organização. O que emerge é um conjunto de significados compartilhados e modelos mentais que a organização utiliza para planejar e tomar decisões.”.

Esta interpretação identifica as informações que possam gerar diferencial competitivo, por serem relevantes à Organização, e facilitam as decisões tomadas nos diversos níveis organizacionais. Os níveis são: Operacional, que organiza todo fluxo de informações; Tático, considerado analítico, que dá ênfase a análise, identificando as informações relevantes para que possam ser tratadas, e para qual finalidade; e o nível Estratégico, que tem como foco o planejamento, a gestão e administração organizacional. Segmentando esses níveis de decisões, e somando as informações da concorrência, ao gerar conhecimento, tomam-se decisões mais assertivas. No entanto, a informação por si mesma não basta: é imprescindível que ela seja utilizada de maneira estratégica, conforme afirma Drucker (2012, p. 94):

“No momento que essas perguntas [que informações precisamos nessa empresa? Quando precisamos delas? Em que formato? E onde vamos obtê-las?] são feitas, fica claro que as informações das quais uma empresa depende estão disponíveis, se é que estão, de forma primitiva e desorganizada. O que uma empresa mais precisa para suas decisões – principalmente aquelas estratégicas – são dados sobre o que acontece fora dela.”.

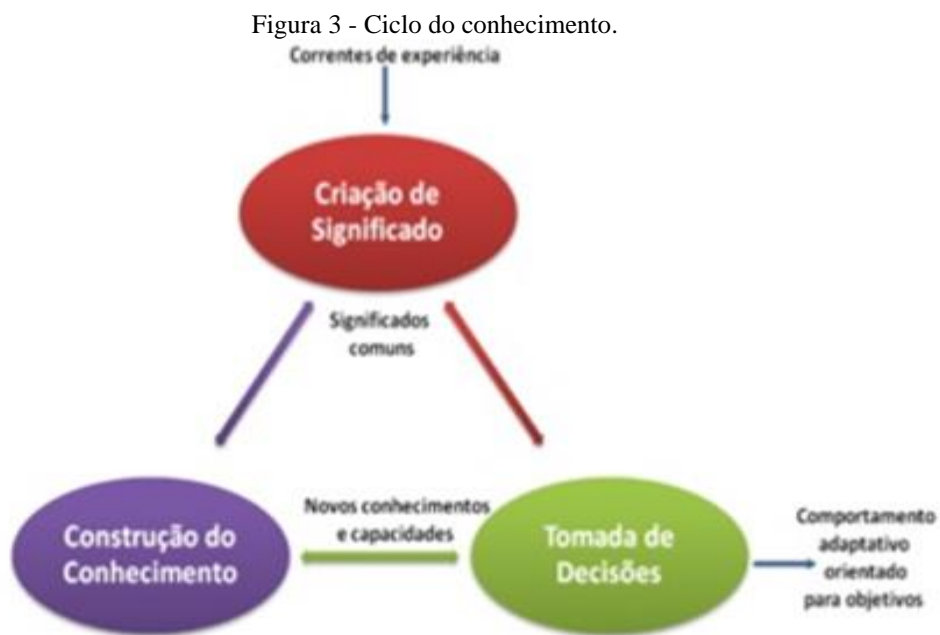
Esses dados e informações, que estão por toda a parte nas Organizações, tornam-se mais difíceis de gerenciar em Organizações prestadoras de serviços. A presente citação de Drucker (2012) retrata com perfeição a Organização “Nas Trilhas da Ilha”, e com respostas já identificadas no presente trabalho: para “Que informações precisamos na empresa?”, pode-se responder claramente com o argumento – precisa-se de dados e informações geradas fora das dependências da Organização; a “Quando precisamos delas?”, tem-se - Precisamos delas no momento do oferecimento dos serviços ao cliente; “Em que formato?” - em formato digital, pois fica mais fácil a manipulação dos dados, gerando assim informação, além deste formato ser sustentável. “E onde vamos obtê-las?” - Vamos obtê-las em campo, um ambiente rico em informações pertinentes à tomada de decisões na Organização e na literatura, que apesar de haver poucas publicações sobre o assunto, o conteúdo encontrado soma-se aos dados colhidos em campo. Esses dados colhidos geram informações e consequentemente conhecimento, nesse contexto. Choo (2011) exemplifica o ciclo do conhecimento, conforme a Figura 3.

-Na criação do significado, a Organização percebe as mudanças relevantes, interpreta,

cria respostas aos questionamentos; analisa o cenário da concorrência, interpreta e projeta seu futuro.

-Na construção do conhecimento a Organização, organiza e processa as informações gerando assim, novos conhecimentos, convertendo informação em conhecimento.

-Na tomada de decisão a Organização recupera informações que darão suporte a decisões estratégicas.



Fonte: Adaptado de Choo (2011, p. 50).

Os inventores sustentam a sua teoria na obra de Platão, na qual o conhecimento é definido como “crença verdadeira justificada”. A suposição é fundamentada em duas dimensões: a primeira é epistemológica, onde ambas as formas de conhecimento, tácito e explícito, devem integrar-se permanentemente, por meio de símbolos, metáforas e analogias, para a criação do conhecimento nas Organizações. Quando há interações dinâmicas entre as pessoas, o conhecimento é gerado e se alastra pela Organização, extrapolando níveis e fronteiras interorganizacionais.

A retenção da informação e do conhecimento tem como desafio reduzir a fuga (informação e conhecimento), em situações nas quais os funcionários deixam a Organização ou são destinados a outras unidades, quando ocorrem planos de demissão incentivada, aposentadorias, desligamentos voluntários da Organização, rotatividade da alta e média gerência, reestruturação organizacional, dentre outros motivos.

Todavia, a informação armazenada deve ser utilizável e atender as necessidades da Organização, facilitando a recuperação de informações importantes que agregam valor aos seus objetivos estratégicos.

Os atos de um gestor envolvem a tomada de decisões, quais os impactos, como vai ser feita essa produção e quem será impactado.

Chiavenato (2003), Maximiano (2009) e Robbins, Judge e Sobral (2010) reforçam que a tomada de decisão é um ato passível de erros, pois ela pode ser afetada pelos padrões pessoais e a percepção do decisor.

Com o intuito de minimizar erros e obter um melhor resultado, deve-se efetuar um processo organizado e sistemático, com algumas etapas a serem seguidas: 1) Detectar o problema existente; 2) Analisar alternativas possíveis para a solução do problema; 3) Selecionar a mais benéfica das alternativas; 4) Colocar em prática a alternativa escolhida; 5) Colher feedback para descobrir se a alternativa implementada está sendo eficaz.

A retenção do conhecimento propõe um fluxo semelhante entre os indivíduos, grupos e Organização, também o processo de conversão entre o estado tácito e explícito. A partir da definição de Duarte (2011, p. 162) “[...] entendendo-se a GI como o estudo dos processos informacionais, do modo como a informação pode ser organizada, armazenada, recuperada e utilizada para a tomada de decisões e para a construção do conhecimento.”

Assim o processo de retenção consiste em atividades de aquisição de conhecimento, por meio do processo de interação entre os indivíduos que compartilham o mesmo meio, no qual o conhecimento tácito do colaborador é articulado nos grupos e transformado em explícito; a combinação, por meio da qual o conhecimento explícito do grupo é sintetizado e aplicado; e finalmente, a recuperação do conhecimento é sustentada pela internalização, na qual a informação é compartilhada e transformada novamente em conhecimento tácito entre os indivíduos. A começar do conhecimento tácito retido na Organização e disponibilizado aos colaboradores; por meio da explicitação, novos conhecimentos são criados.

Para mapeamento do fluxo informacional em campo, foram selecionadas três categorias de ecoturismo para esta pesquisa: caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, e todas as atividades foram pesquisadas na Ilha de Santa Catarina.

Escolheram-se a trilha ecológica e caminho como objetos deste trabalho: Trilha da Lagoinha do Leste, Pântano do Sul (Sul) e Caminho do Morro das Feiticeiras (Norte); e como trilhas urbanas: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, Entorno da Praça XV de Novembro, Parque da Luz a Ponte Hercílio Luz.

Nos roteiros percorridos por este pesquisador, entre os anos de 2000 a 2019, constatou-se que transitaram pela Ilha de Santa Catarina dezenas de praticantes de atividades de ecoturismo em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, sem um guia especializado; sem qualquer informação sobre os locais visitados; sem informações de como se comportar nesses locais, o que levar, o que vestir, ocasionando assim, a degradação do meio ambiente e alguns acidentes, que são recorrentes no mesmo local. Identificou-se também que ações para atualização permanente de informações referente a esses roteiros ainda não foram feitas nem disponibilizadas de modo público.

Com a presente pesquisa analisam-se dados triangulados, captados em campo, localizando diferenciais em relação à concorrência e prospectando a possibilidade de elaboração de um BD sempre atualizado, com informações recentes sobre as particularidades dos ambientes visitados. Procurou-se estruturar e analisar a gestão da informação, com a análise do fluxo informacional gerado pelas visitas a campo, relacionando a gestão com processo decisório, confrontando informações bibliográficas com aquelas obtidas em campo, e das pesquisas de campo em caminho com a trilha ecológica. E elaborar roteiros de trilhas urbanas, pois ainda há poucas publicações sobre o assunto, possibilitando assim uma atualização de informações referentes ao escopo da pesquisa, fomentando o ecoturismo regional.

Uma triangulação na qual há um produto, um meio por onde essas informações transitam, sendo assim armazenadas e recuperadas, e um receptor que se utiliza dessas informações, para agregar valor a seu serviço e gerar conhecimento.

A evolução do conhecimento transformou a sociedade, tanto nos aspectos econômicos como nos sociais. O aumento da competitividade fez com que as pessoas e as Organizações compreendessem que o diferencial entre si é o conhecimento propriamente, e a maneira como ele é compartilhado no ambiente da empresa para promover a inovação de produtos e/ou serviços. Todas as empresas utilizam e geram dados e informações ao longo de seus processos, produzindo o conhecimento, que consiste em um conjunto de tarefas específicas, desenvolvidas no ambiente empresarial.

Assim, compreende-se que a busca por tecnologias de captação, na gestão da informação, dará suporte ao processo decisório estratégico, com informações atualizadas por meios digitais, além de gerar vantagens competitivas na tomada de decisão. Poderão também gerar um BD, proporcionando assim, um mapeamento da degradação da fauna e flora e com isso, fomentar ações para evitar os impactos negativos ao meio ambiente, mostrando os pontos onde há recorrência de acidentes de percurso, catalogando espécies de aves, mamíferos e

mapeamento da flora existente.

3.1 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

O século XX foi marcado pela criação da rede mundial de computadores: a *Internet* trouxe várias oportunidades de aperfeiçoamento de redes interligadas, e entre elas as redes sem fio, que facilitaram as conexões móveis entre vários dispositivos inteligentes. Proporcionou assim a interação entre pessoas e grupos diversos, tornando a troca de informações eficiente e em tempo real. Uma evolução digital que se iniciou por meio da fusão das telecomunicações analógicas com a informática.

Lemos (2013, p. 69) acrescenta:

“O que chamamos de novas tecnologias de comunicação e informação surge a partir de 1975, com a fusão das telecomunicações analógicas com a informática, possibilitando a veiculação, sob um mesmo suporte – o computador -, de diversas formatações de mensagens. Essa revolução digital implica, progressivamente, a passagem do mass media (cujos símbolos são a TV, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação.”.

Esse estoque de informações, desde o início da criação da *Internet* em conjunto com as TIC, tendo como um de seus recursos mais inovadores a telefonia móvel, provocou uma revolução na GI. Com a retenção, recuperação e disseminação de maneira mais rápida e segura nos ciberespaços, melhorando assim a vida do usuário e os serviços oferecidos na *Web*, apenas com um “clic”.

As TIC oferecem várias perspectivas, proporcionando vantagens competitivas e apoiando decisões estratégicas em vários níveis da indústria do turismo e ecoturismo global. O crescimento das tecnologias com a integração e convergência de várias alternativas de utilização dos aparelhos de telefonia móvel, os *Smartphones*, viabilizam ao usuário a troca de experiência e o acesso rápido a conteúdos oriundos de qualquer parte do planeta.

Essas informações, que são disponibilizadas na rede de *Internet* por parte das Organizações que trabalham e divulgam o turismo, ecoturismo, e opcionalmente em alguns casos compartilhadas por visitantes, assumem uma grande importância no mercado consumidor de produtos ecoturísticos.

Esses instrumentos de comunicação podem disponibilizar informações completas e atualizadas sobre atrações turísticas específicas de cada ponto do planeta, com suas peculiaridades, pois as peculiaridades de cada região formam um diferencial e influenciam a

decisão de visitar determinados roteiros turísticos. Esses instrumentos possibilitam a captação, armazenamento e processamento de dados, e contribuem quando o ecoturista procura informações sobre roteiros. Assim esses dados são disponibilizados já tratados, gerando informações e possibilitando suporte em tomar decisões na escolha de roteiros turísticos.

As TIC mudaram consideravelmente a sociedade, e conseqüentemente, a interrelação humana, em termos de agilidade para acesso a informações.

Com isso, nessa vitrine de oportunidades, o turista e em especial o ecoturista poderá ter a facilidade de escolher seus roteiros, de acordo com seu perfil de consumo. Essa junção do ecoturismo com a rede de *Internet* e máquinas facilitam a retenção, recuperação e disseminação das informações resgatadas no ambiente virtual e/ou produzidas em visitas a locais ímpares, de natureza intocada ou alterada pela mão humana, pode produzir um estoque de informações benéficas à divulgação desses ambientes.

Compartilhadas em meio digital, provocam um fluxo de informações pertinentes ao setor ecoturístico, facilitando a localização de roteiros entre as várias possibilidades de utilização.

A captação de dados e informações em campo, e seu armazenamento em BD, organizadas, estruturadas por parte da Organização e retidas representam conteúdo para apoiar decisões estratégicas. Informações básicas, sem diferencial competitivo podem ser disponibilizadas de modo público no *site* da Organização. Assim darão ao turista que procura roteiros básicos, por conta própria, a possibilidade de localizá-los com mais precisão. Quanto aos dados e informações que são estratégicos para a tomada de decisão, quando bem geridos e havendo a necessidade de serem recuperadas, para que possam ser de feitos de maneira rápida. Essas informações, sem diferencial competitivo, podem ser disponibilizadas de maneira pública e podem tornar as decisões mais assertivas para os dois atores: Organização e usuário externo. Essas facilidades podem trazer cada vez mais o ecoturista para visitas aos ambientes virtuais de busca. Consideram-se facilidades e benefícios para a Organização a divulgação de seus serviços. Para os ecoturistas, viabiliza-se o acesso a dados e informações básicas de roteiros em modo público.

A procura de roteiros ecoturísticos normalmente ocorre por grau de importância, de acordo com o perfil turístico do usuário. Além das informações já listadas nesta pesquisa, de como o ecoturista escolhe seu roteiro, relacionadas com as atrações da paisagem que pode encontrar durante seu trajeto, sendo elas em local natural ou urbano; há outras informações relevantes ao processo decisório, que são encontradas em campo e devem ser armazenadas e

recuperadas, tais como informações referentes à logística: Que modal pode ser utilizado?; Qual o melhor trajeto?; Que lugares de descanso há naquele local?

Até chegar ao ponto turístico escolhido, o usuário dos sistemas de informações analisa como é a estrutura de estada no local escolhido, para onde fará sua atividade turística.

Neste contexto, as TIC proporcionam uma estrutura eficiente para pesquisa e escolha de destinos ecoturísticos. São uma das formas mais eficazes de procura, análise e escolha, pois permitem uma pesquisa com recuperação rápida, e com isso dão suporte à escolha dos melhores roteiros. Para que essa pesquisa seja possível, com informações relevantes ao ecoturista, há necessidade de estruturação da gestão da informação, não só para que seja disponibilizada para uso externo, mas também para o gerenciamento interno da Organização.

Destaca-se que as TIC em conjunto com a gestão da informação são instrumentos, e possuem como objetivos captar, armazenar e compartilhar informações que serão utilizadas posteriormente pela Organização, auxiliando no desenvolvimento e nos planejamentos tático e estratégico, visando obter melhores resultados. Tais instrumentos também favorecem a busca por informações relevantes, uma vez que estrutura o arcabouço documental, permitindo que os indivíduos se apropriem de dados e informações passadas com mais agilidade.

A evolução das TIC, interligadas à rede de *Internet*, proporciona uma gestão da informação mais eficaz, por meio de dispositivos de telefonia móvel. É possível captar dados e informações em meio natural e urbano, em tempo real, enviando para repositórios e/ou BDs, organizando, armazenando e recuperando-os quando necessário; esses dados e informações transitam nos ambientes Organizacionais. Os recursos que as tecnologias oferecem são ilimitados. Choo (2011, p. 394), acrescenta:

“Os recursos de informação, as ferramentas tecnológicas e os padrões de política constituem a infraestrutura tecnológica da administração da informação. Acima dessa estrutura, a geração e transformação da informação são moldadas pela cultura organizacional, pela maneira como a organização interpreta seus propósitos e sua agenda, e pela especificação de regras, rotinas e papéis. Em última instância, informações e significados são forjados nos pensamentos, sentimentos e ações dos indivíduos.”.

As tecnologias com interfaces gráficas cada vez mais amigáveis ao usuário, com fotos, vídeos e textos proporcionam ao navegador da rede, estímulos prazerosos, e, com esses estímulos de bem-estar, instiga-o a visita física não apenas ficando em meio virtual.

A tecnologia isolada se torna ineficiente; sua utilização diferenciada é que torna o processo decisório eficaz. O conjunto de ações humanas e as tecnologias produzem resultados extremamente satisfatórios, transformando dados em informação e informação em

conhecimento. De acordo com Saccol, Schlemmer e Barbosa (2011, p. 76):

“[...] viver e conviver em um mundo cada vez mais tecnologizado, conectado, ou seja, em uma ‘Sociedade em Rede’, traz consequências importantes, representando significativos desafios para os processos de ensinar e de aprender, tanto nos contextos formais quanto nos contextos não formais de educação.”.

A Sociedade em Rede, contando com os dispositivos tecnológicos móveis ou fixos de retenção, recuperação e disseminação da informação, não facilitou apenas a vida de sujeitos em seu dia a dia, mas também a gestão das Organizações, que necessitam de informações confiáveis que auxiliem nas decisões estratégicas. As TIC, com seu conjunto de tecnologias integradas, e a TI, com sua estrutura para suportar o armazenamento desses dados, colaboram para a estruturação e organização dos ambientes organizacionais. Somando-se a isso Ramos, Silva e Alverga, (2009, p. 3) acrescentam que:

“[...] se utilizada corretamente a TI pode ser um suporte muito eficaz na administração. Onde pode contribuir com redução de custos, ganhos de produtividade, prospecção de novos mercados, facilidade de relacionamento com clientes e fornecedores, conhecimento do mercado de atuação e da conjuntura econômica, dentre outros fatores imprescindíveis a qualquer empresa que busque uma maior participação e consolidação no mercado global.”.

As tecnologias vieram ao encontro das necessidades organizacionais onde os gestores, de posse de informações confiáveis, possam direcionar suas ações e prospectar bons resultados ao longo do tempo, proporcionando assim o conhecimento organizacional. Esse conhecimento produzido pode ser disseminado, por meio da interação humana entre indivíduos ou grupos. Para alguns autores a retenção da informação e do conhecimento pode ser feita também por meio de publicações (manuais internos, guias, modelos, a própria *Intranet* da empresa), capacitações e cursos de ambientação.

A retenção do conhecimento propõe um fluxo semelhante entre os indivíduos, grupos, Organização, e o processo de conversão entre o estado tácito e explícito. A partir da retenção de informações, o sujeito internaliza essas informações gerando assim o conhecimento tácito, e, por meio da interação entre sujeitos ocorre o conhecimento explícito. Esse compartilhamento gera um fluxo de informações, onde o emissor emite a informação por um canal de comunicação, chegando ao receptor gerando ou não conhecimento, dependendo da relevância que cada sujeito dá as informações recebidas.

Com essa relevância, quando o conhecimento tácito é retido nas Organizações por meio de seu capital humano, e explicitado por meio da interação humana, novos conhecimentos podem ser criados.

Como a informação e o conhecimento explícito são adquiridos em diferentes locais, distantes da matriz da Organização prestadora de serviços, que tem como base uma plataforma *Web*, torna-se relevante incluir um setor que assuma a responsabilidade pela retenção, identificação, conservação, distribuição e recuperação da informação e do conhecimento. Este setor tem a missão de concentrar o processo de retenção da informação e do conhecimento, identificando as melhores práticas bem-sucedidas de serviço, mantendo disponível para os funcionários no BD da Organização, também auxiliando no processo de recuperação da informação; ou seja, na aplicação do conhecimento nas diferentes áreas de serviço da Organização.

Deste modo, o setor pode ser considerado o departamento que centraliza e armazena o lastro organizacional, que compreende todo o histórico de atividades da Organização. A produção de contextos organizacionais, que estimulem a interação social entre os funcionários é um aspecto importante para a criação de ambientes de aprendizagem. Especialmente, quando a geração de melhorias é constante, este contexto que valoriza a aprendizagem organizacional torna-se mais relevante para o desenvolvimento de indivíduos especialistas, que compartilham uma linguagem comum sobre os processos e problemas organizacionais. Em suma, o conhecimento pode ser explicitado gerando informação e possibilitando em outros indivíduos conhecimentos. E para que isto aconteça há a necessidade de um receptor, e essa recepção acontece por meio da interação humana.

As novas tecnologias facilitam o processo da gestão da informação, para pesquisas de campo. Podemos citar a telefonia móvel e o uso dos *Smartphones*, que cada vez mais fazem parte da rotina dos sujeitos, principalmente dos sujeitos viajantes, onde a convergência das várias tecnologias possibilita o registro e compartilhamento das informações.

Os avanços recentes das TIC em telefonia móvel e a possibilidade de conectar esses aparelhos à rede de *Internet* possibilitaram ao viajante o registro de suas viagens e o compartilhamento na rede mundial de computadores, em tempo real. Isto possibilita também discussões e opiniões diversas sobre os pontos visitados, instigando grupos a exporem os pontos positivos e negativos sobre os roteiros visitados.

A convergência de várias tecnologias, concentradas em apenas um aparelho - os *Smartphones* - onde os registros e compartilhamentos podem ser feitos a todo momento, interagindo assim com os mais diversos grupos em comunidades virtuais, gera interação e troca de informações sobre esses destinos, e com isso, atraindo novos visitantes.

Segundo Valente (2019), o Brasil é o quinto país do mundo em utilização da telefonia

móvel; de acordo com a pesquisa, o brasileiro fica, em média, três horas diárias utilizando os *Smartphones*. Os primeiros colocados foram a Tailândia, a China e a Coréia do Sul. Evidencia-se assim que esses dispositivos de telefonia móvel são aliados perfeitos para a divulgação do ecoturismo mundial.

Não só as tecnologias móveis vieram a somar, em relação aos benefícios e em termos de interatividade e de organização. Por trás desses receptores de conteúdos há uma estrutura organizada, que recebe essas informações, estrutura, separa, categoriza e organiza todos os dados que são recebidos, gerando assim informação e conhecimento. Assim o BD com essa organização proporciona ao usuário um estoque de informações, que podem ser acessadas com mais comodidade por esses dispositivos móveis.

Segundo a Escola de Administração de Empresas de São Paulo (FGV/EAESP, 2015), são 230 milhões de celulares inteligentes (*Smartphones*) em uso no Brasil. Deste modo, dividindo a quantidade de dispositivos móveis pela quantidade de habitantes no Brasil, tem-se 1,6 aparelhos por habitante.

Com todo esse potencial de uso das TIC, por meio de *Smartphones*, o Brasil fica só atrás dos Estados Unidos da América (EUA), no uso de dispositivos móveis inteligentes. Nessa perspectiva, entende-se que a Sociedade em Rede está se conectando cada vez mais, rompendo as barreiras físicas que separam territórios, conectando mais pessoas globalmente.

Nesse contexto, e corroborando com essa pesquisa nacional, o Relatório de Índice de Conectividade Móvel (GSMA, 2019), operadora e comercializadora de produtos de telefonia móvel, com sedes em algumas cidades, entre elas Barcelona (ES), Shangai (CN) e Los Angeles (EUA), reforça que 3,5 bilhões de pessoas estão conectadas por meio de dispositivos móveis mundialmente, equivalendo a 47% da população mundial.

Analisando as duas pesquisas, verificou-se que a conectividade por telefonia móvel, por meio de dispositivos inteligentes de conexão como os *Smartphones*, cobre toda a população brasileira. Já em termos mundiais está a poucos passos de alcançar 50% de usuários, com expectativas de crescimento acelerado para os próximos anos.

Em resumo, as tecnologias crescem a cada dia, possibilitando acessos mais rápidos a conteúdos mais completos, com a comodidade de acesso por meio de *hardwares* cada vez mais compactos, *softwares* com interfaces mais dinâmicas e abarcando novas funções.

Essas convergências e o uso das TIC, além de fomentarem a indústria do ecoturismo mundial, possibilitam a disseminação da EA e a valorização dos recursos naturais e urbanos de cada região, por meio de informações sobre cada local a ser visitado.

Quando se cita a gestão da informação na presente pesquisa, entende-se que está ligada à gestão do conhecimento. Assim a triangulação entre dado, informação e conhecimento se faz necessária, pois estão ligados de forma sequencial. A gestão da informação eficaz, retendo, organizando e recuperando dados e informações relevantes à Organização gera inteligência competitiva, diferenciando assim uma Organização da outra.

3.2 INTELIGÊNCIA COMPETITIVA (IC)

Captar informações relevantes à Organização no mercado externo, por meio de análise do comportamento dos concorrentes sobre produtos oferecidos e sobre perfis dos clientes, analisar tendências do cenário, organizar essas informações e processá-las, permite uma gestão da informação mais aprofundada. Proporciona ainda Inteligência Competitiva (IC) em um mercado cada vez mais exigente.

Com informações relevantes à Organização, essas - que são únicas e diferenciadas - aliadas à expertise do gestor, uma empresa ou Organização pode gerar diferenciais competitivos em relação aos seus concorrentes.

A inteligência humana, por meio de construtos, tem a capacidade de absorver conteúdos e processá-los, objetivando assim a resolução de problemas, desde o mais simples aos mais complexos. Com os avanços da competitividade entre pessoas e principalmente entre Organizações, houve a necessidade de conhecer como funciona a interrelação humana e como as Organizações absorvem o excesso de informações, filtram e as descartam, gerando diferenciais competitivos em seus produtos e serviços.

Como o aumento do fluxo de informações tem aumentado com o passar dos anos, provoca um acúmulo de atividades para os gestores, dificultando a análise de informações que possam gerar diferenciais competitivos em relação à concorrência. Por isso, torna-se necessário um melhor gerenciamento das informações que são geradas pelas Organizações.

Entender quais informações devem ser retidas, e quais devem ser descartadas, proporciona uma gestão mais organizada, disponibilizando mais espaço nos repositórios ou BDs, e facilitando assim, a busca e a recuperação de informações que possam ter valor agregado, com diferenciais competitivos.

A reunião de dados organizados, que possam construir referenciais sobre um determinado assunto, pode reduzir as incertezas. Quanto mais estes dados forem confiáveis, mais as decisões tomadas com base neles se serão assertivas.

Por meio de informações internas e do cenário externo, onde a competitividade é muito forte, procura-se projetar e antecipar ações que possam de alguma forma gerar pontos positivos, e analisar os pontos negativos da atividade da Organização, relacionando-a com serviços similares. Com essa projeção e análise, pretende-se encontrar a melhor forma de gerir um negócio, sendo ele de venda de produtos ou de oferecimento e prestação de serviços.

A IC em negócios não analisa apenas informações referentes ao cliente que recebe o produto ou serviço ofertado, essa análise do cenário é bem mais ampla, as tecnologias, oscilações financeiras, número de concorrentes na região onde a Organização atua, mudança de perfil do cliente entre outras informações fazem parte desse monitoramento contínuo. Com base nas informações bem geridas, a tomada de decisão se torna eficaz, e deve ser um processo contínuo de monitoramento e análise de dados que gerem informações. Assim o conhecimento é produzido pelos gestores e utilizado no gerenciamento das Organizações.

A captura, análise, retenção e recuperação de dados formam assim informações, que por sua vez produzem o conhecimento. Dados, informação e conhecimento são produtos desta triangulação. Quando bem geridos, podem gerar IC, fortalecendo e diferenciando uma Organização da outra.

Porém, sem uma análise e categorização dessas informações, que poderão gerar conhecimento, todo o processo se perde, ficando apenas com um repositório de informações sem utilidade, impossibilitando decisões estratégicas confiáveis.

Dados e informações colhidas e armazenadas, sem uma análise de sua relevância para Organização, tornam-se ações sem resultados positivos, pois não geram conhecimento, não facilitam as decisões estratégicas e conseqüentemente, não geram vantagens competitivas.

A forma com que as informações são trabalhadas, organizadas, formatadas, estruturas e classificadas pode ser ímpar. Cada gestor pode classificar as informações coletadas de acordo com seu conhecimento tácito, entendendo que informações podem ser resgatadas de imediato e quais possam ser descartadas, por serem consideradas inúteis.

Para que se possa entender as vantagens competitivas, precisa-se analisar o aporte financeiro retido por uma Organização e fazer uma analogia com as suas concorrentes. Isto permite identificar aquelas que acumulam maior valor pecuniário e que tem suas informações atualizadas, para ser considerada como a que tenha mais vantagens em relação a outras. Uma Organização só poderá saber se possui diferenciais competitivos em relação a outra, se fizer uma analogia entre seus produtos ou serviços oferecidos, e aqueles ofertados pela concorrência.

Informações atualizadas sobre destinos ecoturísticos, com fotos, textos, vídeos e a

elaboração de roteiros em locais onde ainda não existam, informando características peculiares de cada local, podem gerar diferenciais competitivos e vantagens em relação a concorrência. Esses diferenciais devem ser heterogêneos, ímpares e de difícil reprodução, pois assim geram diferenças.

Considera-se que a IC objetiva a geração de informações para suportar a tomada de decisão. Com essas informações pode-se vislumbrar oportunidades que o mercado oferece, perante todas as incertezas que circulam em uma Organização.

Toda essa organização de informações que geram o conhecimento depende de pessoas e máquinas. Estas máquinas possibilitam a armazenagem, uso e reuso das informações captadas. Ao acessar essas informações, o humano internaliza, gera conhecimento e compartilha com outros sujeitos, podendo gerar outros conhecimentos nesses indivíduos, possibilitando o apoio em decisões estratégicas.

A avaliação de oportunidades que possam aparecer em meio externo é extremamente importante para Organizações que desejam se manterem competitivas. Estas oportunidades estão a todo momento surgindo nas mais diversas situações diárias, sendo elas em meio a pessoas físicas ou jurídicas.

Uma nova teoria, novos produtos tecnológicos; *hardwares* e *softwares*, que a todo momento aparecem no mercado, novos roteiros com novas possibilidades de visitas, outras possibilidades de acesso a esses roteiros - são oportunidades que estão surgindo no mercado, havendo a necessidade de serem monitoradas e analisadas. Sendo aderentes ao escopo da Organização, podem ser entendidas e inseridas como novas atividades diferenciadas.

Nas competições por nichos de atividades, somam-se também as alianças que têm relevância para a maioria dos mercados, inclusive para o de prestação de serviços, pois podem influenciar na captação de clientes e na fixação de Organizações no mercado.

O bom relacionamento com as operadoras de turismo, que possam divulgar e direcionar clientes para roteiros específicos são alianças estratégicas em busca de oportunidades externas, que podem contribuir para os diferenciais de empresas e Organizações.

Somando-se a contatos com a estrutura local de transporte, hospedagem, guias, restaurantes, forma-se uma rede essencial para perenidade da Organização. Essa rede de contatos gera informações, que podem ser relevantes para retenção. Cabe ao gestor definir quais informações possam ser retidas e aproveitadas para gerar conhecimento útil.

Neste contexto, Geiger e Echreyögg (2009, p. 477) afirmam:

“[...] a necessidade de selecionar e distinguir o conhecimento inútil e desatualizado do conhecimento válido e preciso, assim como das sugestões enganosas está se tornando cada vez mais desafiador na sociedade atual e nas organizações. As organizações contemporâneas e a sociedade do conhecimento não são afetadas pela falta de conhecimento, mas sim pela dificuldade na seleção de conhecimento relevante, útil e válido.”.

A seleção de quais informações serão relevantes a Organização, e quais devem ser descartadas, por não terem utilidades, torna-se essencial para que não haja um acúmulo de informações em repositórios ou BD e que não contribuam em nada com uma gestão da informação eficaz.

Há de se analisar que as fontes de informações sejam originais, íntegras e confiáveis, para que essas informações gerem IC, e suportem as decisões, compreendendo o ambiente e suas necessidades.

Nessa visão, Choo (2011, p. 31):

“A organização do conhecimento possui informações e conhecimentos que a tornam bem informada e capaz de percepção e discernimento. Suas ações baseiam-se numa compreensão correta de seu ambiente e de suas necessidades, e são alavancadas pelas fontes de informação disponíveis e pela competência de seus membros. A organização do conhecimento possui informações e conhecimentos que lhe conferem uma especial vantagem, permitindo-lhe agir com inteligência, criatividade e, ocasionalmente, esperteza.”.

As informações que circulam nas Organizações, sendo da concorrência ou informações que surgem constantemente sobre o segmento de atuação da Organização, são importantes para o gerenciamento destas. Reter, recuperar e disseminar sem uma prévia análise de relevância das informações coletadas, são ações que não trazem contribuições para a gestão informacional eficaz.

A capacidade do gestor em administrar Centros de Informações, e entender quais informações possuem relevância e quais podem ser descartadas, sem prejuízo ao arcabouço onde estas informações estão inseridas, requer um conhecimento mais amplo sobre o seguimento onde este atua, entendendo o fluxo informacional e sua relevância.

3.3 FLUXO INFORMACIONAL (FI)

Habitualmente, antes da escolha de seus roteiros, o ecoturista busca principalmente nas redes digitais as informações que possam contribuir para tomada de decisão, com a escolha de seu itinerário com mais assertividade.

Dependendo de cada perfil, esses atores buscam conhecer locais com arquitetura

característica, culturas diferentes, natureza preservada, fauna com animais que só habitam aquele ambiente.

O ecoturista que tem acesso a essa diversidade de informações, relevantes à sua escolha de roteiros, terá mais facilidade em determinar o seu destino. Esse fluxo de informações, organizado, bem gerenciado e disponibilizado em redes virtuais possibilita ao consumidor de produtos ecoturísticos, além da tomada de decisões corretas em escolher roteiros, disseminar informações, fomentando a indústria do ecoturismo regional.

Um sistema de informações internas relevantes à Organização, que possa oferecer diferencial competitivo com informações captadas, organizadas e recuperadas com mais rapidez, aumenta a diferença entre as Organizações, levando informações confiáveis a quem precisa delas, com acesso rápido e de fácil localização.

A distribuição de informações que não são relevantes internamente, pode ser disponibilizada na rede de *Internet*, facilitando assim o acesso desses atores a informações sobre seus destinos, sem prejuízo aos diferenciais competitivos alcançados pela Organização.

Antes dessa disponibilização em modo público, torna-se importante que essas informações passem por uma organização, estruturação e classificação, identificando os quesitos que fazem com que uma informação seja relevante ou descartável.

A distribuição externa de informações que não obedece a classificação de relevância pode gerar problemas internos na gestão estratégica, expondo de modo público informações relevantes à Organização. Informações essas que são indispensáveis para que sejam desenvolvidos produtos e/ou serviços diferenciados.

Um conjunto com as características de similaridade entre roteiros pode ser de importante, pois especificamente na Ilha de Santa Catarina, onde há um crescimento anual acelerado de turistas, sendo eles de origem nacional e internacional. Como o congestionamento do modal terrestre tem aumentado a cada temporada, pode ser uma solução para aumentar o tempo de estada desses turistas na Ilha.

A criação desse sistema de informações, onde o usuário possa escolher roteiros semelhantes, e contemplando caminhos, trilhas ecológicas e/ou urbanas, por meio de inserção de informações de características da paisagem que deseja encontrar durante o trajeto, como praias, costões, praças, parques, museus, entre outras, com informações mais detalhadas sobre os percursos, poderá sinalizar para esse usuário que utiliza o sistema, sendo ele o responsável pela Organização ou o usuário externo que procura informações ecoturísticas, diferentes opções mas com as mesmas características em todos os pontos cardeais da ilha.

Considerando que essas informações disponibilizadas ao usuário da rede possam ter as mesmas características do sistema interno das Organizações, porém sem a mesma complexidade de informações que geram o diferencial competitivo. Essas informações disponibilizadas externamente são apenas informações básicas de atratividade durante o percurso. Para disponibilização na rede conta-se com a exposição de informações básicas de roteiros.

Assim, em caso de problemas com o acesso a um ponto, esse usuário poderá ser direcionado ou direcionar-se para outros com as mesmas características.

A importância de informações confiáveis dentro das Organizações cresce continuamente, apoiando todos os setores e contribuindo para o processo de tomada de decisão em um mercado cada vez mais competitivo.

As Organizações são fontes permanentemente geradoras de informações, que estão por toda parte, sendo um fator de extrema importância à sua gestão, sua filtragem, retenção e recuperação com rapidez. Nesse sentido, entende-se que um fluxo de dados, associados a outros dados tratados, geram novas informações; e por sua vez, essas informações geram mais informações. Desse modo, “[...] toda ação tem origem na informação que por sua vez resulta em nova informação.” (VALENTIM, 2010, p. 13).

A armazenagem, uso e reuso de informações em ambientes organizacionais, sem uma devida análise de relevância destas que possam ser úteis aos processos organizacionais, formam um repositório de informações inúteis. A relevância se torna um fator fundamental no fluxo de informações, haja vista a necessidade dessas Organizações em se manterem em um mercado que muda a todo o momento.

Percebe-se que o fluxo de informações no contexto organizacional está ligado diretamente a CI, pois esta se define também como multidisciplinar. Para Rodrigues e Blattmann (2011, p. 47) os fluxos “[...] podem ser entendidos como as etapas que compreendem os momentos de interação e transferência da mensagem entre um emissor e um receptor.”

Esse fluxo, para ser mais eficiente e eficaz, conta com a colaboração de outras áreas, entre elas as de tecnologias - TIC e TI - proporcionando a melhor gestão do fluxo informacional, melhorando o armazenamento, compartilhamento e recuperação das informações produzidas.

O fluxo bem administrado, contando com as tecnologias, possibilita a armazenagem de dados em espaços menores, sua rápida recuperação, associações e cruzamento entre dados, que produzem informação e trazem vantagens competitivas, indispensáveis para consolidação da Organização no mercado empresarial.

Assim, Garcia e Fadel (2010, p. 218) descrevem a importância dos Fluxos Informacionais: “[...] os Fluxos Informacionais (FI) são de vital importância para que as organizações e seus grupos de indivíduos sejam alimentados precisa e tempestivamente por informações alinhadas aos seus objetivos.”.

O estudo do fluxo permite a identificação das necessidades de informações pertinentes à Organização no seu segmento de atuação, identificando aquelas que são relevantes para a gestão, aumentando assim o conhecimento Organizacional.

Neste sentido, Valentim (2010, p. 16) mostra dois ambientes organizacionais, que influenciam o fluxo de informações, conforme apresentado no Quadro 2.

Quadro 2 - Ambientes Organizacionais.

AMBIENTE ESTÁVEL	AMBIENTE INSTÁVEL
Fluxos uniformes atuam de forma integrada e, muitas vezes, até padronizada. Relacionam-se intimamente às condições de trabalho adequadas e “à cultura organizacional positiva existente”.	Fluxos não uniformes, resultado da própria instabilidade do ambiente organizacional. Relacionam-se intimamente às condições de trabalho não adequadas e “à cultura organizacional negativa existente”.

Fonte: adaptado de Valentim (2010, p. 16).

Os dois ambientes citados por Valentim (2010), “Estável” e “Instável”, podem se relacionar não só com as atividades internas organizacionais, mas também com informações que são monitoradas e captadas externamente. Sendo elas de campo, que sofrem alterações constantes, alterações no mercado, relacionados com a demanda de oferta de serviços e variações no mercado financeiro.

Gerir de maneira eficaz as informações geradas nos ambientes organizacionais, mapear as informações que são consideradas de teor competitivo, deve ser encarado como proposta diferencial.

A GI, ao realizar a organização do fluxo informacional e a análise da informação, proporciona ao gestor um conhecimento mais amplo de seu ambiente organizacional; em outras palavras, essa análise proporciona ao gestor uma visão sistêmica de seu ambiente de Informação, proporcionando o conhecimento de como os sujeitos tratam e compartilham suas informações. Para Valentim (2013, p. 299, 302):

“Os ambientes organizacionais são relacionados aos níveis hierárquicos existentes em uma determinada organização, e influem tanto na origem quanto na manutenção e/ou extinção de fluxos formais e informais. Os ambientes informacionais são resultantes dos ambientes organizacionais, cujo enfoque é a informação e o conhecimento. Os ambientes organizacionais são constituídos por um conjunto de elementos: estrutura, processos, fluxos, comunicação, cultura, entre outros. Por sua vez, os fluxos de trabalho são constituídos por informação e conhecimento direcionados às atividades e tarefas desempenhadas.”

Segundo Ferreira e Perucchi (2011, p. 447):

“Um dos objetivos da Gestão da Informação (GI) é apoiar as políticas organizacionais, amparando os gestores na tomada de decisão propiciando o aprendizado proposto aos interesses da organização, mediante a construção do conhecimento organizacional”.

A análise desse fluxo informacional que é produzido de forma contínua, pode proporcionar ao gestor do conhecimento detalhes que contribuam para o processo de tomada de decisão. Uma análise que deve ser contínua, conhecendo como as informações são obtidas e distribuídas entre os envolvidos no fluxo.

O fluxo que gera informações, e posteriormente conhecimento, pode ser influenciado por ações, estímulos humanos, na percepção de quais informações serão relevantes para reter e apoiar as decisões. Assim, entende-se que o gestor deva estar familiarizado com o segmento onde a Organização que gerencia atua, proporcionando melhorias contínuas em sua gestão.

Neste sentido, Araújo e Amaral (2010, p. 1) pontuam que “Para realizar essas atividades é necessário ter habilidades e conhecimentos específicos de métodos e técnicas, além de conhecer a área e o negócio em que a organização atua”.

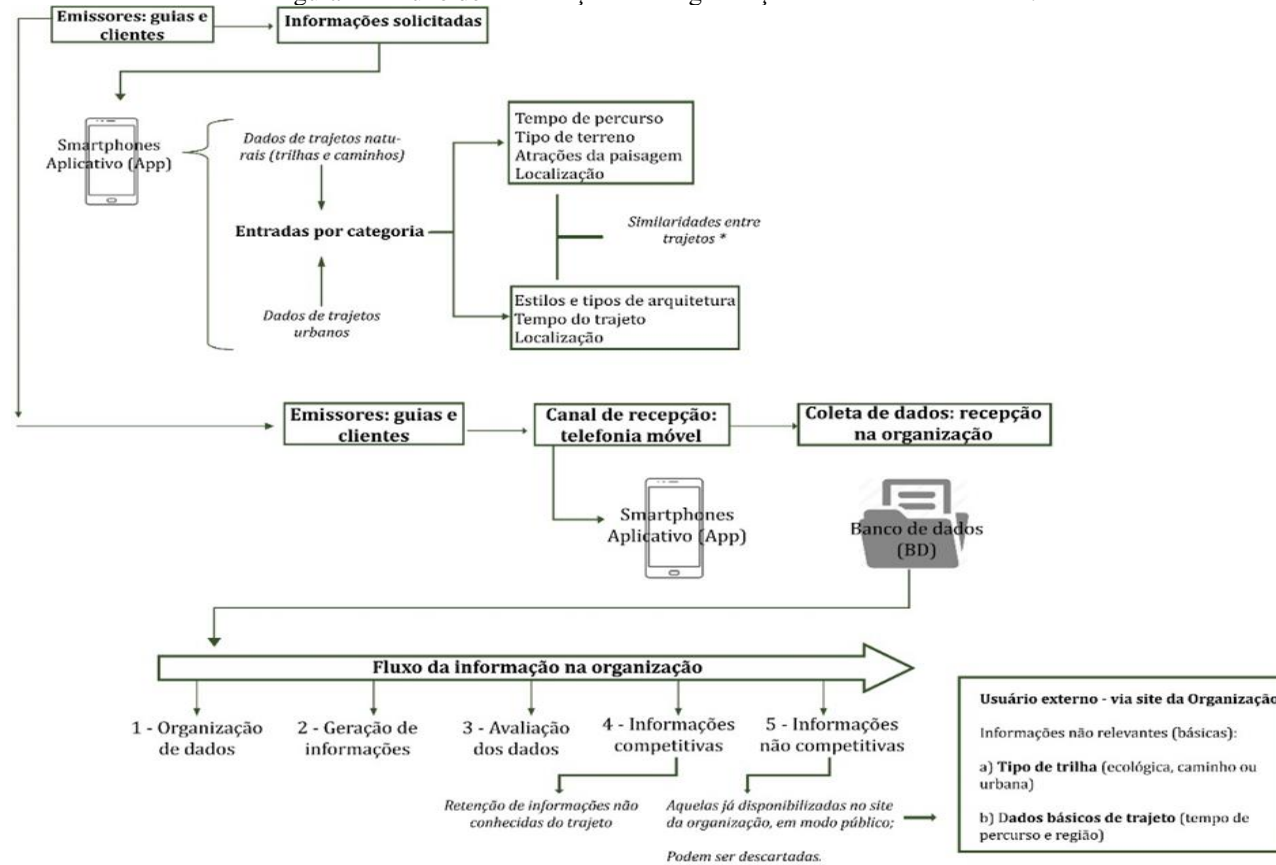
A gestão da informação em uma Organização tem um valor muito alto, pois esta, sendo bem gerida, dá ênfase ao fluxo de informações e aumenta seu sucesso no mercado de negócios.

Os fluxos informacionais estão presentes nos ambientes organizacionais fazendo parte da GI e “[...] podem ser entendidos como as etapas que compreendem os momentos de interação e transferência da mensagem entre um emissor e um receptor” (RODRIGUES; BLATTMANN, 2011, p. 47).

São características do fluxo de informações envolver um emissor, um canal de comunicação, por onde a mensagem é transmitida em conjunto com uma ou mais mensagens que se utilizam desse canal, e um receptor, que recebe, interpreta e utiliza a informação, de acordo com sua relevância.

Em uma Organização de ecoturismo, esses espaços de informações são bastante amplos, e em se tratando de uma prestadora de serviços se torna muito rico em dados e informações, que se transmutam com muita facilidade.

Figura 4 – Fluxo de Informações da Organização “Nas Trilhas da Ilha”.



*A similaridade entre trajetos refere-se a tipos de trilha e caminhos que possuem semelhanças entre as atrações da paisagem, tempo de percurso e tipo de terreno, mas que são localizadas em regiões diferentes. Mostra alternativas de trilhas quando o acesso a determinada região (Norte, Sul, Leste ou Oeste) não for possível por questões logísticas.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Em se tratando de pesquisas de campo em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, analisa-se como essas informações de campo em ambientes urbanos e naturais podem contribuir para uma gestão eficaz da Organização em estudo. Gerir esse fluxo, que acontece a todo momento e em todas as partes da Organização, sem precisar de demanda para que isso aconteça, exige do gestor uma análise contínua de seu ambiente organizacional.

Neste sentido Ferreira e Perucchi (2011, p. 447) complementam que “[...] sem a gestão, o fluxo de informação que circula nas organizações se dá sem orientação, desperdiçando informações relevantes ao desenvolvimento das organizações”.

Essa relevância que o autor acima retrata, de garimpar no fluxo informacional informações que são relevantes para que se tomem decisões estratégicas é essencial para a competitividade. Ao captar informações que circulam, podem agregar valor ao conhecimento interno da Organização. Assim “[...] a produção de dados, informação e conhecimento é uma constante no ambiente organizacional” (VALENTIM, 2010, p. 25).

De posse de informações com valor agregado é possível analisar o fluxo, onde o emissor pode ser considerado o ambiente visitado em campo, a partir de onde os dados são captados por meio de TIC(*Smartphones*), e o canal transmissor é aquele que possa levar esses dados a seu destino. por meio desses aparelhos conectados à rede mundial de computadores (*Internet*). As informações são armazenadas em um BD e processadas, gerando assim informações, identificando as necessidades informacionais confiáveis ao processo de tomada de decisão no oferecimento de atividades ao cliente com características similares; proporciona também um fluxo permanente de informações atualizadas, gerando assim diferenciais competitivos. Após a revisão de literatura sobre fluxo informacional, a Figura 4 apresenta o fluxo de informações da organização “Nas Trilhas da Ilha”.

A cada saída de campo, os dados captados nos roteiros urbanos e ou naturais e enviados para a Organização são organizados, identificando o diferencial competitivo de cada um, gerando informação e posteriormente conhecimento; com isso a Organização se torna mais competitiva.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta revisão teve por objetivo localizar as publicações referentes ao tema abordado, com um recorte temporal de 10 anos, compreendendo o período de 2009 a 2019. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave como estratégia de busca: Gestão da Informação, Ecoturismo, Trilhas Ecológicas, Trilhas Urbanas e Tomada de Decisão, pesquisadas individualmente, aos pares e somando todos os termos com operadores booleanos. Utilizou-se os operadores booleanos “AND”, “AND” e “OR” em três idiomas: Língua Portuguesa (Brasil), Inglês e Espanhol, conforme Quadros 1 e 3 a 5. As buscas foram realizadas em 17 Bases de Dados: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD, 2019); Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); *Scientific Eletronic Library* (SCIELO, 2019).

Realizou-se o levantamento bibliográfico em periódicos nacionais e internacionais, além de plataformas on-line. Entre os Nacionais citam-se: Turismo e Hospitalidade; Rosa dos Ventos; Turismo Contemporâneo; Observatório do Turismo; e *Web Sites*: Roteiro e Eco Trilhas; Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR); Ministério do Meio Ambiente (MMA); Agência de Desenvolvimento do Turismo em Santa Catarina (SANTUR, 2019); Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo (ABETA, 2019); e Ministério do Turismo (MTur). Já entre os Internacionais estão: *Applied Geography* (2019); *International Journal of Tourism Research*; e *Journal of Travel Research* (2019). As buscas foram realizadas no período compreendido entre 30 de outubro de 2019 até 22 de novembro de 2019.

A pesquisa seguiu uma sequência de ações para alcançar o objetivo final: identificar, em um recorte temporal, a produção de bibliografias referentes à temática abordada.

Bagno (2010, p. 17) conceitua a pesquisa bibliográfica, evidencia sua origem e explicita a profundidade e minuciosidade com que uma revisão de literatura deve ser feita.

“Havia em latim o verbo *perquiro*, que significava “procurar, buscar com cuidado, procurar por toda a parte, informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem, aprofundar-se na busca” [...]. Perceba que os significados desse verbo em latim insistem na ideia de uma busca feita com cuidado e profundidade.”

Primeiro, pesquisou-se como as bases funcionam, listando seus critérios de busca, pois cada base possui uma forma de pesquisa diferenciada, com filtros variados, tendo assim recuperado um número expressivo de dados e informações relevantes à pesquisa. Giordano e Biolchini (2012, p. 128-129), expressam de maneira clara e objetiva a complexidade dos mecanismos de busca:

“A disponibilidade ilimitada de informações oferecidas pela *Web*, associada à capacidade cada vez mais alta de recuperação dos mecanismos de busca, possibilita até mesmo imaginar que este seria o cenário perfeito para atender às mais variadas necessidades de informação dos indivíduos. Porém, [...] ao realizar uma busca sem conhecer ou sem utilizar de maneira apropriada os mecanismos de filtragem disponíveis, o indivíduo depara-se com um número tão volumoso de fontes, que se torna impossível analisar os resultados de forma tão rápida e fácil como se imaginava e se propunha poder.”

Em seguida definiram-se os termos (palavras-chave) que seriam pesquisados nos três idiomas listados. Em terceiro, definiu-se quais e como os termos associados seriam pesquisados, aos pares com operador booleano “AND”, somados todos os termos com o mesmo tipo de operador citado anteriormente, e fazendo soma de todos esses termos com o operador booleano “OR”, em todos os idiomas citados nesta revisão. Sequencialmente, totalizou-se separadamente os termos pesquisados por idiomas, individuais, aos pares e associados em cada base., concluindo-se o conteúdo pesquisado por base. Por fim, totalizaram-se os termos por idiomas.

Cada base de dados possui critérios de busca diferenciados, proporcionando buscas mais ou menos amplas. A Base 1, Biblioteca Digital de Teses e dissertações (BDTD) propiciou ao pesquisador a utilização de filtros em pesquisas avançadas com várias possibilidades, recuperando assim mais termos individuais em língua Portuguesa. Os arquivos recuperados foram de maior relevância na construção deste trabalho, por se tratarem de dissertações e teses. Na Base 2, da BRAPCI, os arquivos recuperados foram em sua maioria retornados por termos individuais, nos idiomas língua portuguesa (Brasil) e espanhol; percebeu-se nessa base poucas possibilidades de filtros para pesquisa. A Base 3, *Scientific Electronic Library* (SCIELO), possui um sistema de busca mais eficiente, com filtros que facilitam a localização dos arquivos, comparativamente à BRAPCI. Naquela Base o retorno de arquivos foi, em sua maioria, obtido por termos isolados, nos três idiomas: língua portuguesa, inglês e espanhol.

Relativa e especificamente às revistas científicas e páginas *Web*, foram obtidos os seguintes resultados na obtenção de referências:

- Turismo e Hospitalidade (4): os termos isolados, nos três idiomas, e termos associados aos pares em espanhol retornaram em maior número de arquivos recuperados;
- Rosa dos Ventos (5): retornaram apenas arquivos pesquisados com termos individuais nos três idiomas;
- Turismo Contemporâneo (6): apenas retorno de arquivos com termos isolados.
- Observatório do Turismo (7): retorno de arquivos com termos isolados nos três idiomas.

-Roteiro e Eco Trilha (8): retorno de notícias, apenas com termos isolados, nos três idiomas; material sem relevância para construção deste trabalho.

-*Applied Geography* (9): arquivos recuperados: *Webpages*, *Books*, *Journals*; nesta base houve a maior concentração de arquivos recuperados.

-*International Journal of Tourism Research* (10): maior concentração de arquivos recuperados na língua inglesa e com termos isolados.

-*Journal of Travel Research* (11): os resultados mais expressivos foram por termos isolados e aos pares em língua inglesa.

Nas bases EMBRATUR (12), MMA (13), MTur (14), SANTUR (15) e ABETA (16), os arquivos retornados foram notícias desatualizadas e sem relevância. Na base de dados MTur (14), localizou-se o Marco Inicial do Turismo que servirá como base para o presente trabalho; e a base SCOPUS (17; 2019) foi a que apresentou maior recuperação de arquivos, com termos individuais e associados aos pares, em língua inglesa.

Na presente pesquisa, foi adotada a pesquisa exploratória bibliográfica para fundamentar a dissertação. Severino (2016, p. 131) define pesquisa bibliográfica como:

“[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.”.

Para Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa exploratória delimita as informações de um assunto estudado, possibilitando sua definição; e ao delimitar o tema da pesquisa, fixa os objetivos, formula hipóteses ou proporciona um novo norte para o assunto.

Esta pesquisa caracteriza-se por ser exploratória, bibliográfica e de campo, proporcionando assim uma investigação prévia na literatura sobre o tema e seu confronto com os dados colhidos em campo.

Conforme dados dos Quadros 3 a 5, identificam-se como os termos da pesquisa foram combinados ao utilizarem-se os operadores booleanos.

Quadro 3 – Combinações entre palavras-chave em Língua Portuguesa e operadores booleanos: “AND” ou “OR”.

Gestão da Informação “AND” Ecoturismo
Gestão da Informação “AND” Trilhas Ecológicas
Gestão da Informação “AND” Trilhas Urbanas
Trilhas Ecológicas “AND” Tomada de Decisão

Quadro 3 – Combinações entre palavras-chave em Língua Portuguesa e operadores booleanos: “AND” ou “OR” (Continuação).

Trilhas Urbanas “AND” Tomada de Decisão
Gestão da Informação “AND” Ecoturismo “AND” Trilhas Ecológicas “AND” Trilhas Urbanas “AND” Tomada de Decisão
Gestão da Informação “OR” Ecoturismo “OR” Trilhas Ecológicas “OR” Trilhas Urbanas “OR” Tomada de Decisão

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 4 – Busca Sistematizada na Literatura - Combinações entre palavras-chave em língua Inglesa e operadores booleanos “AND” e “OR”.

<i>Information Management “AND” Ecotourism</i>
<i>Information Management “AND” Ecological Trails</i>
<i>Information Management “AND” Urban Trails</i>
<i>Ecological Trails “AND” Decision Making</i>
<i>Urban Trails “AND” Decision Making</i>
<i>Information Management “AND” Ecotourism “AND” Ecological Trails “AND” Urban Trails “AND” Decision Making</i>
<i>Information Management “OR” Ecotourism “OR” Ecological Trails “OR” Urban Trails “OR” Decision Making</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Quadro 5 – Busca Sistematizada na Literatura - Combinação entre palavras-chave em Espanhol e operadores booleanos “AND” e “OR”. Gestión de la información “AND” Ecoturismo

<i>Gestión de la información “AND” Senderos ecológicos</i>
<i>Gestión de la información “AND” Senderos urbanos</i>
<i>Toma de decisiones “AND” Senderos ecológicos</i>
<i>Toma de decisiones “AND” Senderos urbanos</i>
<i>Gestión de la información “AND” Ecoturismo “AND” Senderos ecológicos “AND” Senderos urbanos “AND” Toma de decisiones</i>
<i>Gestión de la información “OR” Ecoturismo “OR” Senderos ecológicos “OR” Senderos urbanos “OR” Toma de decisiones</i>

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

4.1 ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa iniciou-se com a definição das Bases de Dados relevantes à construção da Dissertação, somando-se 17 bases, e sendo contabilizados materiais de Teses, Dissertações e Artigos. Percebeu-se nas bases 8-9 e 12-16 material não relevante à construção da presente Dissertação; por este motivo, apesar de serem pesquisadas e constarem nesta revisão, não foram contabilizadas nos resultados de arquivos recuperados. As palavras-chave da pesquisa foram analisadas e associadas de diversas formas, conforme os dados dos Quadros 2 a 5. Essas

associações de dados de várias formas, com os operadores booleanos “AND” e “OR”, possibilitou uma pesquisa minuciosa, aprofundada sobre o assunto abordado na pesquisa.

Zucatto (2009, p. 92) pontua:

“O objetivo da triangulação dos dados é fornecer fidedignidade e veracidade às observações realizadas, permitindo contextualizar, aprofundar e complementar os dados levantados entre as diferentes fontes. A triangulação dos dados confere validade à investigação e permite analisar o fenômeno pesquisado em toda sua complexidade.”.

Cada Base de Dados foi pesquisada com profundidade, utilizando as possibilidades de filtros encontrados e aplicando termos individuais e associados (combinados), tanto aos pares quanto com várias associações entre os termos, dentro do recorte temporal estipulado pela pesquisa.

No Quadro 6 verificou-se a totalização dos arquivos retornados por Bases, entendendo que a maioria dos arquivos retornaram com expressividade foram com palavras-chaves individuais.

Quadro 6 – Totalizador por Bases de Dados.

Bases de Dados	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Total de Arquivos Encontrados	323	2294	2964	688	144	11	25	102	17845	316	1494	0	0	0	0	1	507081

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Conforme o Quadro 6, nas Bases 1-3 e 17 identificou-se o retorno de mais arquivos; por terem um sistema de busca mais eficiente nas mesmas, confirma-se a concentração maior de arquivos nos formatos de Dissertações, Teses e Artigos.

Nos Periódicos Nacionais (bases 4 a 7), constatou-se que com os termos pesquisados, individuais e combinados, as publicações se mostram ainda tímidas.

Nas Bases (*Web Sites*) de Organizações públicas e privadas (8 e 12-16), apesar de serem *sites* relacionados ao escopo da pesquisa, o sistema de busca apresentado recupera apenas notícias, sem relevância e desatualizadas. Os Periódicos Internacionais (bases 10 e 11), mostram publicações relacionados ao escopo da pesquisa, e na base 9 percebeu-se grande concentração de publicações. Foram contabilizados todos os arquivos (Teses, Dissertações e Artigos) por idiomas, conforme apresentado no Quadro 7.

Quadro 7 - Totalizador de Todas as Bases de Dados Retornados por Idiomas.

Idiomas	Total de Arquivos Retornados por Idiomas
Língua Portuguesa (Brasil)	3.170
Língua Inglesa	510.535
Espanhol	1.635

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Durante todo o processo de pesquisa, identificou-se que os termos (Palavras-chave) associados com os operadores booleanos “AND” e “OR” retornaram com poucos ou nenhum arquivo. Entende-se assim que a pesquisa é relevante, por haver poucas publicações com esses termos associados e individuais, mostrando pouco ou nenhum resultado nos três idiomas pesquisados. Analisando os Quadros 6 e 7, constata-se que os arquivos retornados que compõem o “Totalizador de Todas as Bases de Dados Retornados por Idiomas” foram majoritariamente obtidos pela busca de termos isolados, não havendo assim publicações relevantes com os termos associados desta pesquisa.

Conforme Gil (2010), pesquisa é uma maneira organizada de encontrar respostas para determinados problemas, por meio de procedimentos científicos. Minayo, Deslandes e Gomes (2010) conceituam a metodologia de pesquisa como um método organizado de pensamentos aliados à ação em uma situação real. Esses procedimentos organizados facilitam a pesquisa, e aliando a uma situação real temos um estudo de caso. Neste contexto, Yin (2015, p. 39) acrescenta que:

“O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.”

Mesmo conhecendo o caso não significa que o pesquisador terá que investigar menos. Pelo contrário, quanto mais conhecimento e informações sobre o assunto, mais aumenta-se o raio de possibilidades de soluções para a problemática.

Entende-se que a produção desse conhecimento, elaborado por meio de uma dissertação, deva agregar conhecimento para um público local, ao expor uma problemática e apresentar possíveis meios de resolução. Assim essa solução beneficiará esta comunidade específica, porém podendo ser configurada para um raio de ação muito maior, dependendo do porte da Organização, configurando apenas os meios tecnológicos de absorção e reutilização desses dados e informações.

Em outras palavras, o presente trabalho, mesmo que desenvolvido e configurado para

uma microempresa (Organização), poderá ser adaptado a empresas de pequeno, médio ou grande porte, sendo que para isso será necessária uma configuração de *softwares* e *hardwares* que suportem o fluxo de informações de cada unidade de informação, de acordo com cada caso específico.

4.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A busca bibliográfica foi realizada nos repositórios digitais Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD); Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); *Scientific Eletronic Library* (SCIELO); Ministério do Turismo. Realizou-se o levantamento bibliográfico em periódicos nacionais e internacionais. Nacionais: Turismo e Hospitalidade; Rosa dos Ventos; Turismo Contemporâneo; Observatório do Turismo; e *Web Sites*: Roteiro e Eco Trilhas; Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR, 2019); Ministério do Meio Ambiente (MMA); SANTUR; Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo (ABETA, 2019); e Ministério do Turismo. Internacionais: *Applied Geography*; *International Journal of Tourism Research*; *International Journal of Tourism Research*; e *Journal of Travel Research*.

As palavras chaves utilizadas para o levantamento bibliográfico foram: Gestão da Informação, Tomada de Decisão, Ecoturismo, Trilhas ecológicas e urbanas. Sendo que esta seleção se deve pelos seguintes critérios:

- Gestão da Informação: por a Organização em estudo não ter uma estrutura informacional organizada;
- Ecoturismo (trilhas ecológicas e urbanas): por ser o segmento de atuação da Organização; e,
- Tomada de decisão: pois reflete na escolha dos locais visitados pelos clientes.

Esta pesquisa deu sustentação ao conhecimento empírico, por meio de citações sobre o referido assunto e a conceituação das palavras-chave que fundamentaram o conhecimento do autor.

Marconi e Lakatos (2019), ressaltam a importância da revisão da bibliografia antes da pesquisa de campo: “Antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de fontes documentais que sirvam de suporte à investigação projetada” (MARCONI; LAKATOS, 2019, p. 173).

Essas fontes documentais serviram para que os objetivos específicos da pesquisa pudessem ser alcançados, em conjunto com as pesquisas de campo. Propiciou também uma

analogia entre o material encontrado na revisão da bibliografia com o material coletado na pesquisa de campo, em trilhas ecológicas.

Marconi e Lakatos (2019, p. 203) versam sobre a importância da pesquisa de campo:

“Pesquisa de campo é que se utiliza com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema, para o qual se procura uma resposta, ou sobre uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, com o propósito de descobrir novos fenômenos ou relação entre eles. Ela consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorreram espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los.”.

No presente trabalho as pesquisas de campo são fontes permanentes de dados, que transmutam a todo momento, produzindo novas informações e conhecimentos. Neste contexto, Andrade (2010, p. 114-115) acrescenta que:

“Desenvolvida principalmente nas Ciências Sociais, como: Sociologia, Psicologia, Política, Economia e Antropologia. Não se caracteriza como experimental, pois não tem como objetivo produzir ou reproduzir os fenômenos estudados, embora, em determinadas circunstâncias, seja possível realizar pesquisa de campo experimental. [...] A pesquisa de campo assim é denominada porque a coleta de dados é efetuada “em campo”, onde ocorrem espontaneamente os fenômenos, uma vez que não há interferência do pesquisador sobre eles.”.

As pesquisas de campo e bibliográficas foram realizadas na seguinte trilha ecológica e caminho: Trilha da Lagoinha do Leste (Pântano do Sul) e Caminho do Morro das Feiticeiras.

Já as Trilhas Urbanas realizadas: da Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, Entorno da Praça XV de Novembro e Parque da Luz até a Ponte Hercílio Luz, definindo assim roteiros. O formulário de pesquisa de campo é composto pelos seguintes dados: Nome da trilha ou caminho, data, início, término, linha de ônibus, atrações da fauna e flora, tempo de percurso (ida), tempo de percurso (volta) e tipo de terreno.

Essas informações compõe o fluxo de informações da Organização, que são posteriormente e constantemente atualizadas pelos guias, a cada saída a campo. Os dados processados irão traçar um perfil de cada trilha ou caminho, identificando suas similaridades, e com isso, suportarão o processo decisório no oferecimento de atividades em vários locais com características similares. Lembra-se que a atualização constante dessas informações será importante para uma boa gestão da Organização. Para análise, foram colhidos dados em campo que foram confrontados com outros dados das bibliografias encontradas; futuramente, os dados de campo devem ser atualizados continuamente a cada saída de campo pelos guias. Até o momento não se localizaram trajetos definidos em trilhas urbanas na Ilha de Santa Catarina, por meio de publicações relevantes; por este motivo, foram elaborados os roteiros.

Quanto ao sugestionamento de atividades ao cliente, elaboramos um mapeamento dessas informações em trilhas ecológicas, de forma cruzada, verificando as similaridades, sendo uma trilha no Sul e outra no Norte da Ilha de Santa Catarina.

Segundo a natureza dos dados, esta é uma pesquisa qualitativa. Minayo, Deslandes e Gomes (2010) fazem uma comparação entre pesquisa qualitativa e quantitativa, identificando que, na maioria das vezes, a qualitativa não apresenta informações numéricas, mas sim, lida com a realidade social interpretando a realidade vivida.

Yasuda e Oliveira (2012, p. 81) apontam que a pesquisa qualitativa

“[...] pode ser definida como um conjunto de técnicas e abordagens que visam um entendimento aprofundado dos seres humanos em termos psicológicos e motivacionais, além de seu relacionamento com a sociedade e seu ambiente econômico e cultural”.

É também descritiva porque detalha as atrações da paisagem, localizadas durante todo o percurso das trilhas ecológicas e urbanas, e permite posterior análise das similaridades entre elas. Andrade (2010, p. 122) caracteriza a pesquisa descritiva:

“Neste tipo de pesquisa, os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador. Incluem-se entre as pesquisas descritivas a maioria das desenvolvidas nas Ciências Humanas e Sociais; as pesquisas de opinião, as mercadológicas, os levantamentos socioeconômicos e psicossociais. [...] Uma das características da pesquisa descritiva é a técnica padronizada da coleta de dados, realizada principalmente através de questionários e da observação sistemática.”.

São registros de atrações da paisagem, que podem ser encontrados durante todo o trajeto de trilhas urbanas ou ecológicas, desde a arquitetura local das trilhas urbanas até as aves, répteis e mamíferos em trilhas ecológicas.

Gil (2009, p. 73) acrescenta:

“Adequada para estudos de caso descritivos. Nesta modalidade de estudos, o pesquisador sabe quais aspectos da comunidade, da organização ou do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Ele provavelmente já terá incluído no protocolo as questões orientadoras da coleta de dados. Assim, ele pode elaborar previamente um plano com a identificação prévia dos itens que lhe interessa observar.”.

De acordo com um dos objetivos específicos da presente pesquisa, a descrição das atrações que são encontradas durante todo o trajeto do caminho, sejam trilhas ecológicas ou urbanas, é a de possibilitar a comparação entre atrações encontradas nestas trilhas, com publicações sobre o assunto.

Gil (2010) pontua que o estudo de caso tem por objetivo pesquisar a fundo um determinado tema, analisando todos os mínimos detalhes deste.

Assim, esta pesquisa aborda uma Organização prestadora de serviços de ecoturismo, denominada “Nas Trilhas da Ilha”, na qual sua estrutura da gestão da informação se encontra comprometida, por não ter essas informações organizadas e interligadas por meios informatizados, o que dificulta a retenção, recuperação e reutilização dos dados. Definimos a pesquisa como um estudo de caso, do tipo exploratória, bibliográfica e de campo, descritiva e qualitativa.

Se trata de uma pesquisa exploratória, por captar informações bibliográficas: livros, teses, dissertações, artigos, conteúdo em formato digital (*sites*) e pesquisas em campo. Descritiva, por captar informações de campo e compará-las, analisando suas similaridades; como estudo de caso por ser uma Organização já existente, e qualitativa pois relaciona o ambiente com a sociedade. Gil (2009, p. 73) refere-se à observação sistemática como:

“Adequada para estudos de caso descritivos. Nesta modalidade de estudos, o pesquisador sabe quais aspectos da comunidade, da organização ou do grupo são significativos para alcançar os objetivos pretendidos. Ele provavelmente já terá incluído no protocolo as questões orientadoras da coleta de dados. Assim, ele pode elaborar previamente um plano com a identificação prévia dos itens que lhe interessa observar.”.

Gil (2010) conceitua a pesquisa bibliográfica, como a investigação em material já publicado, impresso ou em formato digital. Salienta que as tecnologias de digitalização de publicações e a sua disponibilização em bases de dados, facilitaram e diminuíram o tempo de busca do pesquisador em localizar arquivos pertinentes a seu objeto da pesquisa.

4.3 COLETA, TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A captura em campo foi executada também de forma manual, por meio de formulários com informações sobre início, término, linha de ônibus (junto às empresas de transportes coletivos de Florianópolis), nome da trilha ou caminho (como informado nas placas de identificação no início de cada caminho e/ou trilha, e por meio de bibliografias), atrações da paisagem, orientação e tipo de terreno, por meio de publicações sobre o assunto, e por *softwares* (app) *Strava* e *Wikiloc*. Conforme Marconi e Lakatos “O formulário é um dos instrumentos essenciais para investigação social [...]”. (MARCONI; LAKATOS, 2019, p. 231).

As informações relevantes para o processo decisório, e que serão retidas internamente,

ou as que não apresentarem potencial estratégico deverão ser disponibilizadas para acesso público, via *Web site* da Organização.

A estruturação da informação, e posteriormente a formação do BD poderá proporcionar ao gestor um aprendizado, formando assim o conhecimento tácito. Posteriormente, quando explicitado, gera o conhecimento explícito. Assim, a informação pode gerar conhecimentos em outros sujeitos, por meio da inter-relação humana. Essa inter-relação também ocorre por meio do contato dos guias com os clientes em caminhos e trilhas monitoradas em campo, onde o ambiente é propício para aprendizagem e compartilhamento de informações.

Considera-se ambiente de aprendizagem os caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, nas quais os guias transferem seu conhecimento aos visitantes e esses o internalizam, podendo gerar outros conhecimentos relacionados à cultura e consciência ambiental.

Esses olhares mais detalhistas em relação à percepção dos ambientes, por meio das atividades de ecoturismo, onde o meio proporciona ao caminhante, praticante de atividades esportivas ao ar livre, um afinamento maior dos sentidos - tato, olfato, audição - por meio de uma percepção mais clara e limpa, pois no meio natural (natureza preservada) quase não se percebe a interferência dos ruídos urbanos. E nos ambientes urbanos produz uma interação com os meios alterados pela ação humana, onde há produção de conhecimento na captação de informações, gerando novos conhecimento entre os participantes do grupo.

Para reconhecimento do percurso, utilizou-se os aplicativos citados anteriormente para captação de dados, o que permitiu o rastreamento dos percursos, possibilitando a retenção de dados como: tempo (em horas), quilômetros, milhas, mapas em modelo padrão e satélite.

Para captação das atrações da paisagem dos percursos utilizamos uma máquina fotográfica digital, modelo PENTAX 10.1 megapixels.

Conforme Vigorena e Battisti (2011 p. 96),

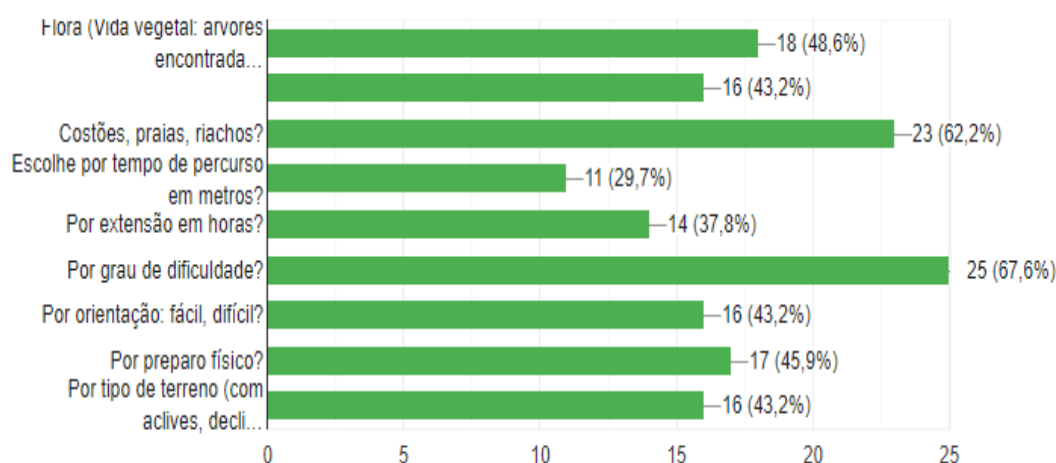
“[...]Os instrumentos usados na coleta de dados são tão fundamentais quanto o próprio resultado do trabalho. Ao ter conhecimento sobre as técnicas de coleta existentes na literatura e sua análise, o trabalho do acadêmico toma uma forma mais eficiente e confiável.”.

Os dados foram tabulados e analisados, utilizando tabela eletrônica para análise da similaridade entre os dados coletados.

4.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Somando-se as pesquisas da SANTUR (2019) e FECOMÉRCIO (2019), realizou-se uma pesquisa descritiva, exploratória e não probabilística em agosto de 2019, no perfil da rede social Facebook “Trilhas & Amigos”. Os dados foram coletados por meio de formulário eletrônico disponibilizado no perfil específico “Trilhas & Amigos”, que inclui sujeitos praticantes de trilhas. Os dados foram tabulados em planilha eletrônica, utilizando os recursos de tabelas dinâmicas para associação de dados. Foi encaminhada a seguinte questão: “Como o caminhante em trilhas ecológicas e urbanas escolhe sua trilha?” Conforme apresentado nos gráficos das Figuras 5 e 6, identificou-se que os praticantes de atividades físicas (trilhas) escolhem suas atividades para além da indicação de amigos/conhecidos, por atrações da paisagem que podem ser encontradas durante todo o percurso das trilhas. Esses caminhantes sentem-se interessados por atrações como: costões, praias, riachos, indo ao encontro da pesquisa anterior (veja dados apresentados no gráfico da Figura 2), que apresentou a pergunta: “Quando você pensa no estado de Santa Catarina qual palavra vem a sua mente?” Constatou-se que os caminhantes em trilhas ecológicas e ou urbanas escolhem também seus trajetos por atrações da paisagem que podem ser encontradas durante todo o percurso.

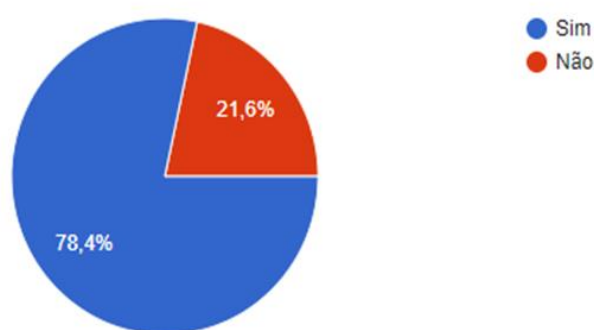
Figura 5 - Como você escolhe sua trilha (Por atrações da paisagem que você pode encontrar durante o percurso?)



Fonte: Pesquisa eletrônica exploratória elaborada pelo autor, com base em coleta de dados pelo Google Forms (2019).

A pesquisa exploratória revelou que os três quesitos de escolha de trilhas foram: 62,2% dos que responderam, preferem encontrar: costões, praias e riachos, durante o percurso; 67,6% escolhem suas trilhas por grau de dificuldade; e 48,6% escolhem por atrações da Flora (vida vegetal encontrada durante o trajeto). Na mesma pesquisa questionou-se: “Você escolhe por indicação de amigos/conhecidos?” (Figura 6).

Figura 6 - Você escolhe por indicação de amigos/conhecidos?
Você escolhe por indicação de amigos/conhecidos?
 37 respostas



Fonte: Pesquisa eletrônica exploratória elaborada pelo autor, com base em coleta de dados pelo Google Forms (2019).

Com base nos resultados apresentados nos Gráficos 2 e 3, confirmou-se que as trilhas são escolhidas por atrações que possam ser encontradas durante o percurso e por indicação de amigos e ou conhecidos, entendendo-se assim a necessidade do mapeamento atualizado desses ambientes, para oferecer produtos de acordo com as solicitações de cada cliente. Essa indicação de amigos e conhecidos, como questionada pela pesquisa, em sua maioria informa as atrações encontradas durante todo o trajeto da caminhada.

A seguir apresentam-se os resultados, analisando os objetivos determinados pela presente pesquisa, conforme sequência estabelecida no texto. Sendo assim este estudo propôs analisar a gestão da informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”, como apoio à tomada de decisão:

- Analisou-se o fluxo de informações no ambiente de prestação de serviços de ecoturismo na Ilha de Santa Catarina;

- Relacionou-se os aspectos da gestão da informação que auxiliam no processo de tomada de decisão: retenção, recuperação e disseminação da informação na Organização “Nas Trilhas da Ilha”;

- Confrontou-se pesquisas de campo entre o Caminho do Morro das Feiticeiras (início no final da Rua das Gaivotas - Ingleses), com a Trilha da Lagoinha do Leste (início pelo Pântano do Sul), fazendo analogias entre uma trilha no Sul e um caminho no Norte;

- Confrontou-se as pesquisas bibliográficas com as de campo na trilha ecológica da Lagoinha do Leste, início pelo Pântano do Sul, fazendo analogias;

- Elaborou-se os roteiros de trilhas urbanas na Ilha de Santa Catarina.

Com o fluxo informacional, buscou-se analisar quais informações que transitam em meio externo são relevantes no ambiente de prestação de serviços. Constatou-se que, para a Organização “Nas Trilhas da Ilha”, as informações que estão em campo são de extrema relevância para o processo de tomada de decisão; e que reter informações sempre atuais, sendo elas em ambientes naturais ou urbanos, torna-se um diferencial em relação à concorrência.

Conforme os dados dos Quadros 8 e 9, constatou-se que os dados capturados em campo são importantes para atualização das informações nos ambientes de prestação de serviços, pois esses ambientes mudam constantemente, conforme já mencionado. Esses dados captados geram informações importantes para tomada de decisão, e para o direcionamento dos clientes para atividades de acordo com sua demanda, como de grau de dificuldade, tipo de terreno, tempo aproximado do percurso em horas, preparo físico, orientação, entre outras atrações da paisagem. Reter, recuperar e disseminar informações relevantes à Organização, organizando o fluxo informacional, analisando a relevância das informações, pode fazer com que a Gestão da Informação se torne eficiente e eficaz na Organização “Nas Trilhas da ilha”.

A análise e utilização de TIC que se adaptem ao ambiente de prestação de serviços, e a utilização de redes móveis que tenham cobertura principalmente em locais de caminhos e trilhas ecológicas, onde nem todas as operadoras têm sinal disponível, torna-se uma excelente ação para captação de dados em campo. Durante a presente pesquisa, constatou-se que dentre todas as operadoras de telefonia celular que têm sinal na ilha, apenas em uma o sinal cobre a maioria dos caminhos e trilhas.

Confirmou-se que esse fluxo, estabelecido basicamente entre os emissores, que são os guias em campo, com o receptor a Organização em estudo, tem como canal de transmissão esse fluxo com as TIC.

Identificou-se analisando as TIC, que por meio da telefonia móvel, os *Smartphones*, são grandes aliados e estabelecem um canal de comunicação entre a Organização e os prestadores de serviço em campo.

Essa transferência de mensagens entre o emissor e o receptor geram dados, informações

e por sua vez o conhecimento, impactando positivamente a gestão. Constituem os diferenciais que cada Organização deve ter em relação a outras, e as mantendo diferenciadas em um ambiente tão competitivo que é o ramo de prestação de serviços.

Foi evidenciado, analisando o relacionamento entre a gestão da informação e a tomada de decisão, relacionando seus aspectos de reter, recuperar e disseminar, que as informações captadas devem ser filtradas, estabelecendo um grau de importância e confiabilidade, para que as decisões tomadas atinjam um índice mais assertivo. Esse relacionamento entre gestão da informação e tomada de decisão, no presente trabalho, possui uma dependência, onde a tomada de decisão se baseia em informações mais precisas possíveis da GI. Essa captura, retenção e disponibilização de informações sempre atualizadas faz com que a Organização “Nas Trilhas da Ilha” se torne eficaz, oferecendo serviços ímpares a seus clientes.

Na confrontação entre a trilha no Sul e o caminho no Norte da Ilha de Santa Catarina, por meio de dados e informações coletadas em campo, identificam-se características de percurso similares, possibilitando assim um possível remanejamento de clientes para outro local com características semelhantes.

Na comparação entre a bibliografia e a saída de campo, confrontaram-se os dados da trilha da Lagoinha do Leste, entrada pelo Pântano do Sul, conforme contidos no livro “Caminhos e Trilhas de Florianópolis” de 2001, que é uma reprodução dos dados contidos no Relatório Técnico Final apresentado ao Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF), em conformidade com o CONTRATO nº 58/IPUF/99 do ano de 2000, Caminhos e Trilhas de Florianópolis (ZEFERINO, 2001); com a Pesquisa de Campo 2020; Informações do Portal, início da Trilha (Roteiros do Ambiente, Apêndice E, fotos 3, 34 e 35); Folder Roteiros do Ambiente (Anexo C); e dados de uma edição mais recente do livro Trilhas e Caminhos da Ilha de Santa Catarina (ZEFERINO, 2005).

Nas pesquisas de campo, verificou-se que algumas informações captadas divergiram da bibliografia, conforme Quadro 8 utilizado para análise das trilhas ecológicas da Lagoinha do Leste.

Analizou-se, conforme apresentado no Quadro 9, dados da Trilha da Lagoinha do Leste, pelo Pântano do SUL, comparando-se as seguintes fontes: com a Bibliografia Caminhos e Trilhas de Florianópolis (ZEFERINO, 2001); Trilha da Lagoinha do Leste, Pesquisa de Campo (2020); Informações do Portal Roteiros do Ambiente, início da Trilha (Apêndice E, fotos 3, 34 e 35) ; Folder Roteiros do Ambiente (Anexo C; e dados do livro Trilhas e Caminhos da Ilha de Santa Catarina (2005).

Constatou-se as diferenças entre o tempo de percurso em horas entre a bibliografia e a pesquisa de campo. As referências de 2001 e 2005 apresentam um tempo de percurso de 45 e 75 minutos, respectivamente, enquanto que a pesquisa de campo via aplicativo contou 46 minutos; entretanto, a identificação na placa localizada na entrada da trilha informa que o tempo de percurso é de 50 minutos. São informações diferentes: quando considerados os dados da pesquisa de campo, considera-se apenas o reconhecimento do trajeto, e, para contemplação da trilha, entende-se que deva ser indicado um tempo maior de percurso, pois há paradas para contemplação das atrações da paisagem.

Quadro 8 – Confrontação entre trilha e caminho com características similares, pesquisa de campo, reconhecimento de percurso: Trilha da Lagoinha do Leste (Início: Pântano do Sul) - Sul e Caminho do Morro das Feiticeiras - Norte.

Parâmetros Analisados	Trilha da Lagoinha do Leste (Pântano do Sul) – Pesquisa de Campo - Sul	Caminho do Morro das Feiticeiras – Pesquisa de Campo – Norte
Atrações da paisagem	Áreas de preservação, laguna, córrego e vista panorâmica da Lagoinha do Leste e Pântano do Sul.	Mata preservada, atrações da fauna, vista da Praia Brava.
Extensão em metros	2.460	2.880
Grau de dificuldade	Moderado	Moderado
Orientação	-	-
Preparo Físico	-	-
Tempo de Percurso	46 minutos	47 minutos
Tipo de Terreno	Terra batida, argilosa e arenosa	Terra batida, argilosa e arenosa
Linha de ônibus	Costa de Dentro e Pântano do Sul	Gaivotas

Elaborado pelo autor (2020).

Quadro 9 – Confrontação entre pesquisa de campo e bibliográfica – Trilha da Lagoinha do Leste, iniciando pelo Pântano do Sul.

Parâmetros Analisados	Relatório Técnico Final Apresentado ao Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis – IPUF - 2000	Trilha da Lagoinha do Leste, pelo Pântano do SUL –Caminhos e Trilhas de Florianópolis (ZEFERINO, 2001)	Trilha da Lagoinha do Leste – Pesquisa de Campo 2020	Trilha da Lagoinha do Leste – Pesquisa de Campo 2020: Informações do Portal, início da Trilha (Roteiros do Ambiente) Fotos 3, 34,35	Trilha da Lagoinha do Leste – Folder (Roteiros do Ambiente). Anexo C	Trilha da Lagoinha do Leste, pelo Pântano do SUL –Bibliografia 2005 (Trilhas e Caminhos da Ilha de Santa Catarina)
Extensão do percurso em metros	2.361	2.361	2.460	2.200	2.200	2.420
Metodologia do Levantamento	GPS (Global Positioning System), utilizando coordenadas UTM	GPS (Global Positioning System)	Aplicativo <i>Wikiloc</i>	-	-	GPS Garmin eTrex vista
Grau de dificuldade	Semi pesada	Semipesada	Moderado	-	-	Médio
Linha de Ônibus	Costa de Dentro e Pântano do Sul	Costa de Dentro e Pântano do Sul	Costa de Dentro e Pântano do Sul	-	-	-
Orientação	Fácil	Fácil	-	-	-	
Preparo físico	Bom	Bom	-			Médio
Tempo de percurso em minutos	45 minutos	45 minutos	46	50	60	75
Tipo de terreno	Terra batida, argilosa e arenosa	Terra batida, argilosa e arenosa	Terra batida, argilosa e arenosa	-	-	Terra batida com muitas pedras
Atrações da paisagem	Áreas de preservação, laguna, córrego e vista panorâmica da Lagoinha do Leste e Pântano do Sul.	Áreas de preservação, laguna, córrego e vista panorâmica da Lagoinha do Leste e Pântano do Sul.	Áreas de preservação, laguna, córrego e vista panorâmica da Lagoinha do Leste e Pântano do Sul, aves e mamíferos.	-	-	Vegetação alta e vegetação de capoeira, vista da Lagoinha e da praia

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Os roteiros de trilhas urbanas selecionadas foram: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz; o Entorno da Praça XV de Novembro; e Parque da Luz até a Ponte Hercílio Luz. Tendo como objetivo percorrer e ligar os vários pontos de atrações turísticas urbanas no centro de Florianópolis, valorizando a memória local, aliando a geografia, arquitetura e história.

3.4.1 Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz

A trilha urbana se inicia na Praça XV de Novembro, popularmente conhecida como Praça XV, localizada no Centro de Florianópolis, sendo circundada pelas ruas Fernando Machado, Praça XV e Largo João Paulo II.

A partir da Igreja Matriz e Praça XV de Novembro o povoado da antiga Desterro começou a se expandir; com sua Figueira centenária, tornou-se uma referência em localização no centro da Ilha de Santa Catarina. Conta ainda com monumentos que homenageiam personalidades catarinenses, como o busto de Cruz e Sousa, Victor Meireles e Jeronymo Coelho, e o Monumento em homenagem aos heróis da guerra do Paraguai, proporcionando ao visitante o contato com uma área arborizada e com a história da Ilha. O trajeto segue pela rua Conselheiro Mafra, com uma arquitetura de características mistas de estilos de construções antigas, casarões antigos com sacadas e pinturas que realçam os contornos da arquitetura açoriana; há também uma igreja, que remete o visitante à época da colonização açoriana na Ilha de Santa Catarina.

Nesse período os colonizadores ergueram a igreja junto a uma praça, como marco inicial da colonização, sendo que as comunidades se desenvolviam no entorno dessa construção.

Nesse trajeto encontra-se o Mercado Público Municipal de Florianópolis, um dos principais pontos turísticos do centro de Florianópolis. Ao lado do Mercado Público Municipal, já revitalizado, há um espaço que compõe o entorno do Mercado, o Largo da Alfândega. O trajeto finaliza-se no Mirante da Ponte Hercílio Luz. O percurso tem um tempo aproximado de 1h40, com paradas estratégicas, uma orientação fácil com poucas possibilidades do caminhante se perder durante o trajeto.

Para o reconhecimento do percurso foi utilizado o aplicativo *Strava*: Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, conforme Mapas Padrões e de Satélite apresentados na Figura 7.

Figura 7 – Mapas da Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo *Strava*. a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta.

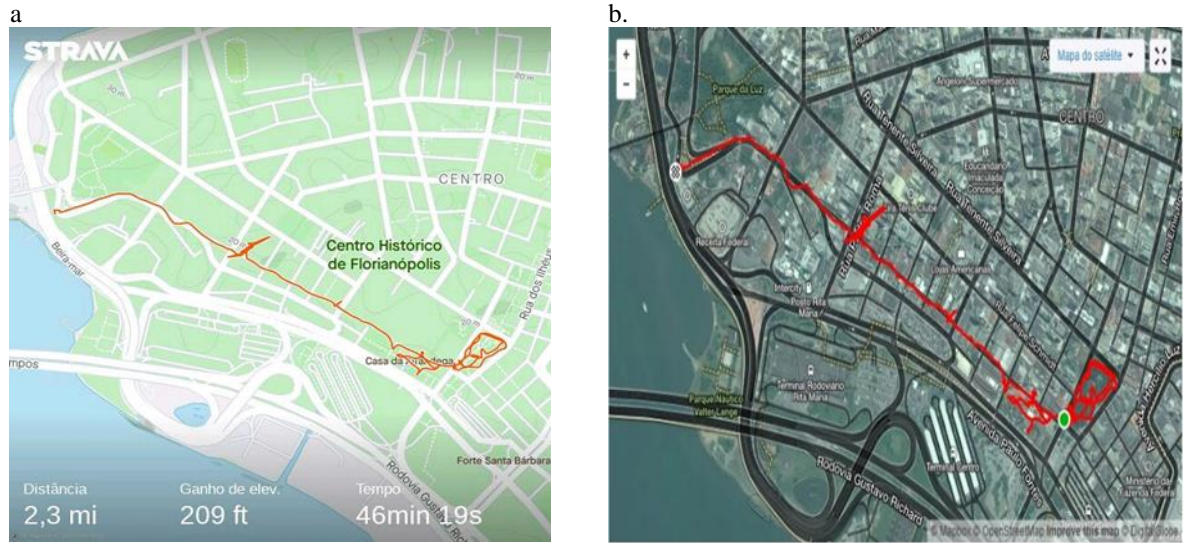
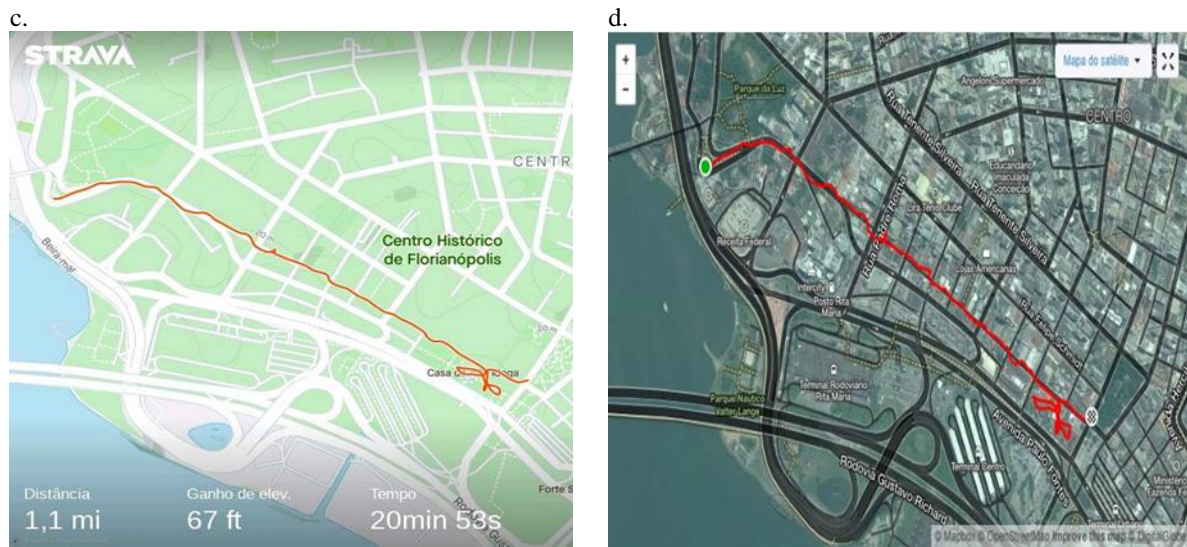


Figura 7 – Mapas da Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo *Strava*. a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta (Continuação).



Fonte: Elaborado pelo autor com imagens obtidas pelo aplicativo *Strava* (2020).

Nesse local tem-se uma vista privilegiada de um dos maiores cartões postais da Ilha de Santa Catarina, a Ponte Hercílio Luz, onde o roteiro é finalizado, conforme fotos de atrações da paisagem contidas no Apêndice B.

3.4.2 Trilha Urbana: Entorno da Praça XV de Novembro

A Praça XV de Novembro tem vários atrativos, como já listado na descrição da Trilha Urbana - Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz. Em seu entorno conta com um número expressivo de construções históricas, de arquitetura original bem conservada, incluindo casarões, a Catedral Metropolitana e museus. O Museu Histórico de Santa Catarina, localizado no Palácio Cruz e Souza e administrado de Fundação Catarinense de Cultura (FCC), conta com cinco categorias de acervo sob sua responsabilidade: acervo Arquitetônico, com sua construção caracterizada pelos estilos barroco e neoclássico; acervo Arqueológico, com fragmentos encontrados nos jardins do Palácio, durante escavações no período de 2002 a 2003; acervo Arquivístico: documentos referentes à história do museu, desde sua construção na década de 1970; acervo Bibliográfico: títulos com temáticas que retratam a história de Santa Catarina, sobre o poeta Cruz e Souza, o Museu e museologia; e acervo Museológico: peças como mobiliário, pinturas, documentos impressos, medalhas, fotografias, armamentos.

O imóvel, situado na esquina da Praça XV com a Rua Victor Meirelles, ao n. 270, construído em 1830, foi na época sede da Polícia Militar no térreo da construção e abrigou a Assembleia Legislativa. Já abrigou também o Tribunal de Contas, e a partir de 2017 está subordinado à FCC, abrigando atualmente uma Galeria de Artesanatos no referido piso.

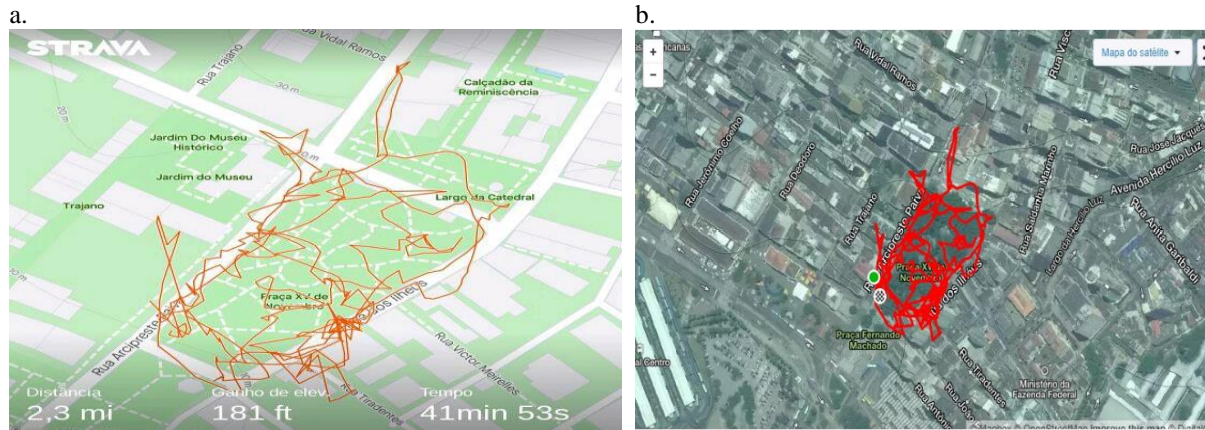
O Museu Victor Meirelles, localizado na homônima ao nº 59 é um sobrado com características ímpares de construção do século XIX, que abrigou o comércio da família Meirelles e hoje, resguarda as obras do artista.

O Museu de Florianópolis, antigo prédio que abrigava a Casa de Cadeia e Câmara, localizado na Rua Praça XV ao nº 214, administrado pelo Serviço Social do Comércio (SESC) é o terceiro museu nas imediações da Praça XV de Novembro.

A Casa da Memória, um casarão que serve como centro de documentação, construído no final da década de 1920, tem uma arquitetura marcada por longas aberturas e que guarda a memória do município de Florianópolis. Sua visitação anual está em torno de 7.500 pesquisadores. Durante todo o trajeto, a arquitetura local chama a atenção pelas linhas heterogêneas, conforme fotos das atrações da paisagem, apresentadas no Apêndice C.

O Reconhecimento do percurso utilizando o aplicativo *Strava*: Trilha Urbana: Praça XV de Novembro e seu entorno está apresentado nos mapas da Figura 8.

Figura 8 - Mapas padrão (a) e de satélite (b) da Praça XV de Novembro e seu entorno



Fonte: Elaborado pelo autor com imagens obtidas pelo aplicativo *Strava* (2020).

O tempo para reconhecimento do percurso foi de 41 min e 53 s, utilizando o aplicativo *Strava*, iniciando no perímetro interno da Praça e externo; em seguida foi reconhecido seu entorno, conforme sequência descrita no texto. A distância em milhas é de 2,3 mi (3,70 quilômetros). As atrações do percurso e os imóveis que ficam disponíveis para visita interna foram visitados, com exceção do Museu de Florianópolis, que terá sua inauguração após o término desta pesquisa.

Considerando as visitas à Catedral Metropolitana, aos Museus Cruz e Sousa e Victor Meirelles, ao Arquivo Histórico Municipal, à Casa da Memória, à Sede do Ministério Público da União, à Casa do Teatro do Grupo Armação, as fachadas dos casarões fechados e a Praça XV, estima-se que o percurso percorrido por grupos seja de aproximadamente de 1 h e 30 m, contando com as paradas estratégicas em cada ponto.

3.4.3 Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz

A Trilha Urbana se inicia no Parque da Luz, localizado nos altos da rua Felipe Schmidt, tendo seu início nas proximidades do número 1.066, com uma área de mais de trinta mil metros quadrados, no centro de Florianópolis. É uma área verde de lazer, ainda livre de construções urbanísticas, atraindo moradores e turistas em busca de um local tranquilo para caminhadas, descanso e contemplação da fauna e flora, seguindo o trajeto pela ponte Hercílio Luz.

A ponte Hercílio Luz foi inaugurada em 1926, atendendo uma demanda de transporte rodoviário entre a ilha e o continente. Na época houve a necessidade de mais opções de modal de transporte terrestre, pois havia apenas o transporte marítimo. Trata-se de uma obra tombada pelo Patrimônio Histórico, Artístico e Arquitetônico do município de Florianópolis, permitindo

assim sua permanência e conservação até os dias atuais. Após um longo período interditada, em dezembro de 2019, a ponte foi reaberta para visitação e circulação parcial de alguns veículos, com uma estrutura com 821 metros de extensão proporcionando uma caminhada que liga a Ilha ao Continente. O reconhecimento do percurso utilizando o aplicativo *Strava*: Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz, está apresentado nos mapas da Figura 9.

O reconhecimento do percurso ida teve o tempo de 24 min e 51 s, com uma distância em milhas de 1,2 (ou 1,93 quilômetros). O percurso de volta foi de 13 min e 24 s, correspondendo a 0,8 milhas (1,28 quilômetros). O piso central da Ponte Hercílio Luz é revestido com grades metálicas, enquanto que a passarela de pedestres reveste-se com pavimentação metálica rugosa.

Em seu trajeto pode-se visualizar uma estrutura única de ponte pênsil, sendo a mais antiga ponte que liga a Ilha ao Continente. É um percurso de aproximadamente 1h e 20 min, com atrações em meio natural e urbano, conforme fotos das atrações da paisagem apresentadas no Apêndice D. No Quadro 10, confrontaram-se as características das trilhas urbanas com os dados da pesquisa de campo.

Identificou-se após as pesquisas de campo que os roteiros elaborados têm algumas características similares, com trajetos mais ou menos longos, e atrações da paisagem urbana diversificadas.

Figura 9 - Mapas da Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo *Strava*. a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta.

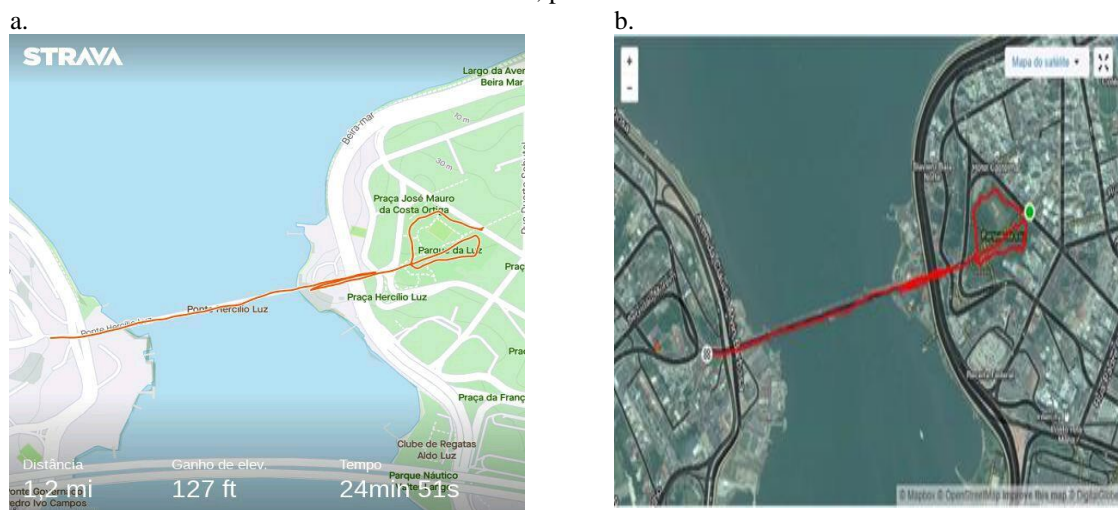


Figura 9 - Mapas da Trilha Urbana: Parque da Luz à Ponte Hercílio Luz, obtidos pelo aplicativo Strava. a. Mapa padrão, percurso de ida; b. Mapa de satélite, percurso de ida; c. Mapa padrão, percurso de volta; d. Mapa de satélite, percurso de volta (Continuação).



Fonte: Elaborado pelo autor com imagens obtidas pelo aplicativo *Strava* (2020).

Quadro 10 - Confrontação entre trilhas urbanas com características similares.

Parâmetros Analisados	Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz	Entorno da Praça XV de Novembro	Parque da Luz a Ponte Hercílio Luz
Atrações da paisagem	Praça, Figueira centenária, Igrejas, Monumento, bustos, casarões, Mercado Público Municipal, Mirante	Praça, Figueira Centenária, Catedral, Museus	Parque em meio urbano, Ponte Pênsil
Extensão em Quilômetros	3,70	3,70	1,93
Grau de dificuldade	-	-	-
Orientação	-	-	-
Preparo Físico	-	-	-
Tempo de Percurso	46 min e 19 s	41 min 53 s	24 min 51 s
Tipo de Terreno	Pavimentado	Pavimentado	Pavimentado e terra

Elaborado pelo autor (2020).

Percebeu-se nas pesquisas de campo, após a análise das informações captadas, recuperadas e compartilhadas por meio de telefonia móvel, com o uso de aplicativos de rastreamento (*Wikiloc* e *Strava*) que, apesar de alguns aplicativos terem como premissa o funcionamento off-line, sem uma rede com sinal forte, o trabalho de rastreamento e reconhecimento do percurso pode se tornar inviável.

Por esse motivo, recomenda-se o uso de uma operadora com ampla cobertura de sinal nas trilhas da ilha de Santa Catarina, possibilitando o contato via telefonia móvel em caso de emergências. Para os materiais e equipamentos que possam ser utilizados em trilhas ecológicas e em pesquisas de campo, recomenda-se também o uso de uma bateria extra, pois por um

período longo, para reconhecimento de trilhas em caso de pesquisa ou para contemplação em trajetos com percurso superior a uma hora, uma bateria extra se faz necessária.

No ramo de atividade de prestação de serviços em trilhas ecológicas e urbanas em que a Organização atua, a gestão da informação ainda é ineficiente. Apesar dos projetos existentes para revitalização dos trajetos por parte dos Órgãos responsáveis pela gestão desses ambientes ecológicos, identificou-se a falta da gestão da informação também por esses órgãos oficiais, ao analisar os dados da bibliografia e compará-los com os dados das pesquisas de campo.

Em se tratando da presente Organização, reter informações colhidas em campo, recuperá-las e compartilhá-las pode diferenciá-la das outras.

A tomada de decisão e a gestão da informação, tem extrema importância, pois no presente trabalho esse relacionamento é essencial para que as decisões se tornem eficazes. Quando se retém, recupera e compartilha informações, filtrando sua relevância, o gestor consegue ter uma gestão da informação confiável, influenciando positivamente no processo decisório.

3.4.4 Trilha da Lagoinha do Leste

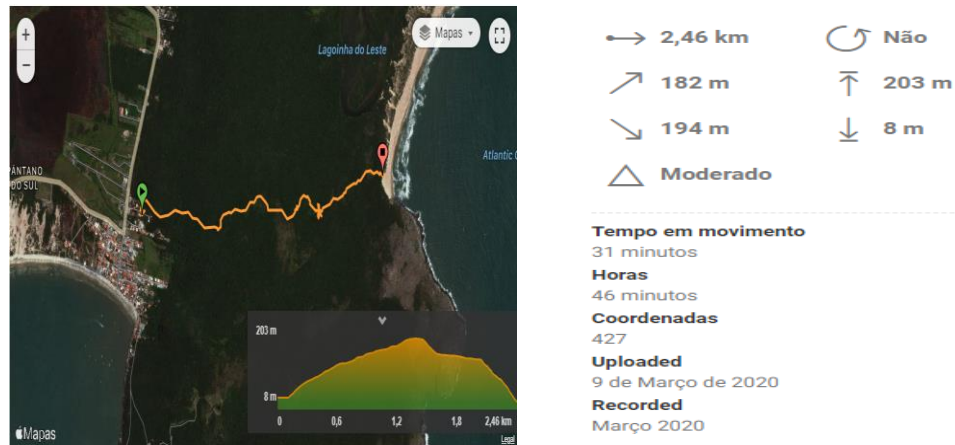
Abaixo fez-se o reconhecimento dos percursos da trilha ecológica: Lagoinha do Leste (início pelo Pântano do Sul) e Caminho do Morro das Feiticeiras (início pelo final da rua das Gaivotas) para as devidas análises: pesquisas de campo entre a trilha e caminho selecionados e pesquisas bibliográficas e de campo.

O tempo de percurso de ida, conforme trajeto demonstrado na Figura 10, para reconhecimento do percurso da Lagoinha do Leste, foi de 46 minutos e com um grau de dificuldade considerado moderado, conforme o aplicativo utilizado.

Durante o percurso na trilha, pode-se encontrar vegetação preservada, vários córregos, um solo que varia de arenoso até terra batida e argilosa. Para o percurso de volta, conforme mapa da Figura 11, a duração foi de 51 minutos. Ainda conforme o mapa da Figura 12 o trajeto de reconhecimento da praia no final da Trilha da Lagoinha do Leste ida e volta foi de 55 minutos.

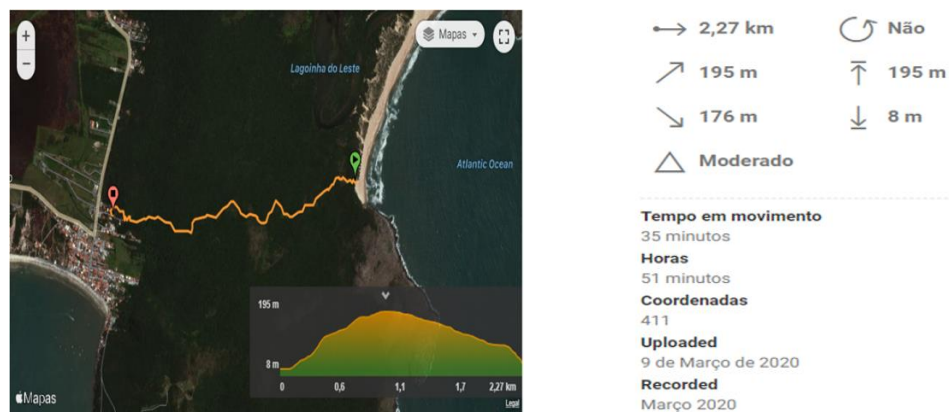
Conforme levantamento fotográfico das atrações da paisagem, apresentado no Apêndice E, identificou-se a diversidade de atrações da paisagem durante o percurso.

Figura 10 – Mapa de satélite com trajeto de ida, com reconhecimento do percurso da Lagoinha do Leste



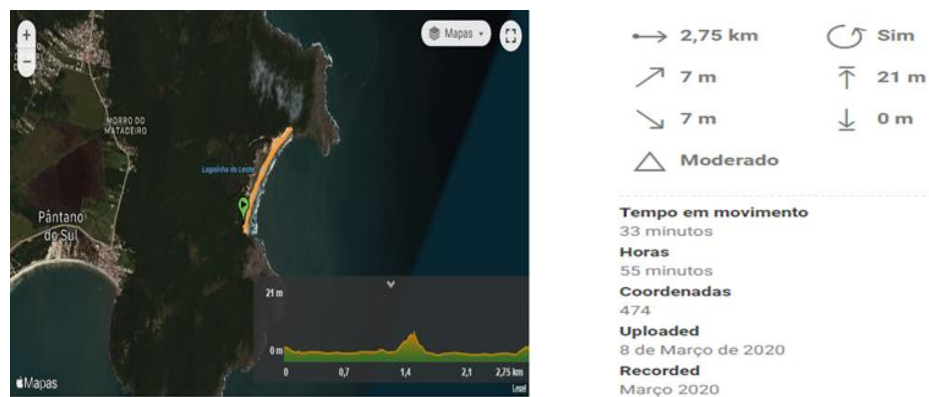
Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações do Aplicativo Wikiloc (2020).

Figura 11 – Mapa de satélite com trajeto de volta, com reconhecimento do percurso da Lagoinha do Leste.



Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações do Aplicativo Wikiloc (2020).

Figura 12 - Mapa – de satélite com trajetos de ida e volta para a Praia da Lagoinha do Leste.



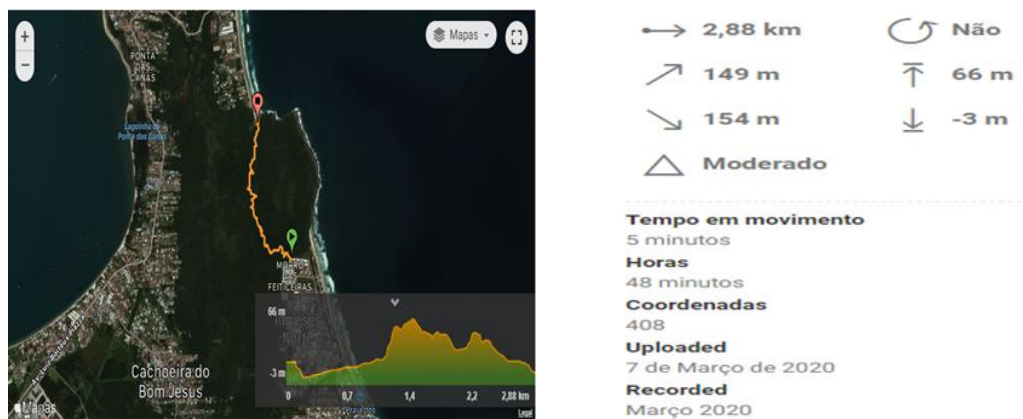
Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações do Aplicativo Wikiloc (2020).

3.4.5 Caminho do Morro das Feiticeiras

Durante todo percurso, com duração de 48 minutos, o caminhante se depara com a mata nativa e preservada. O caminho tem como uma de suas características ser um trajeto estreito e de mata fechada, proporcionando ao visitante a possibilidade de encontrar atrações da fauna que habitam esse caminho.

O trajeto conta com vários desníveis, terra batida arenosa e argilosa, conforme o aplicativo *Wikiloc* tem como uma de suas características de percurso moderado (Figura 13).

Figura 13 - Mapa de satélite com reconhecimento do percurso de ida do Caminho do Morro das Feiticeiras.

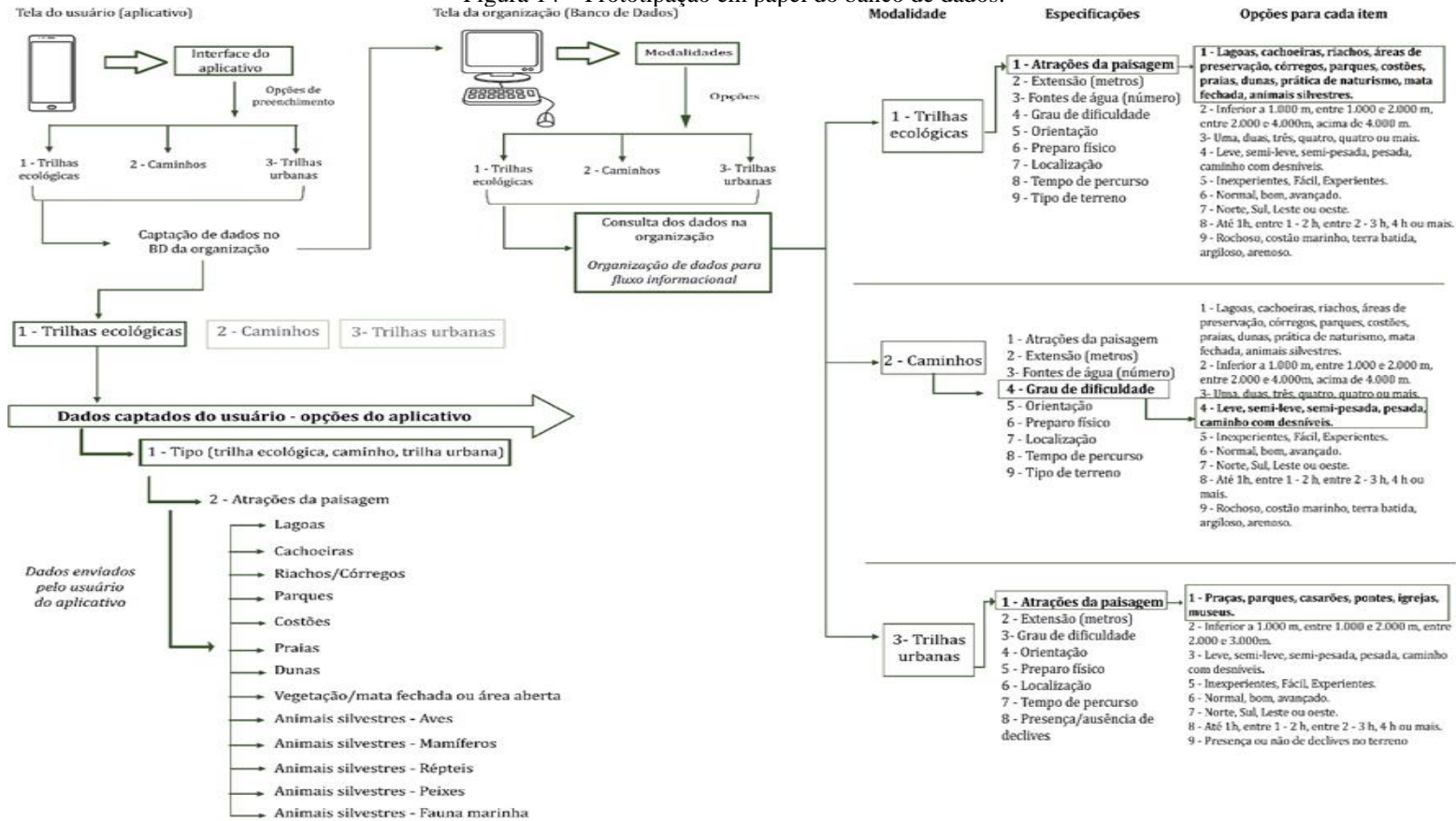


Fonte: Elaborado pelo autor com base nas informações do Aplicativo *Wikiloc* (2020).

Na trilha e caminho selecionados, houve uma confrontação e análise sobre as particularidades de cada trajeto, fazendo uma analogia entre o material bibliográfico encontrado e as pesquisas de campo. Entre o Caminho do Morro das Feiticeiras (início pelo final da rua das Gaivotas) e a Trilha da Lagoinha do Leste (início pelo Pântano do Sul) a análise foi feita entre pesquisas de campo no caminho e trilha. Na trilha da Lagoinha foi feita uma nova análise entre o material bibliográfico encontrado e a pesquisa de campo, confrontando e analisando as diferenças entre os dados, conforme Quadro 9, que apresenta a confrontação entre pesquisa de campo e bibliográfica – Trilha da Lagoinha do Leste, iniciando pelo Pântano do Sul.

Prototipou-se em papel o Banco de dados da Organização, conforme apresentado na Figura 14. Nessa estrutura visualiza-se como o BD poderá funcionar, recebendo os dados captados em campo por meio de um aplicativo, já com suas devidas categorias, e sendo recepcionados pela Organização, onde os dados são cruzados possibilitando assim a cada saída de campo ter informações atualizadas de cada percurso e similaridades entre trajetos.

Figura 14 – Prototipação em papel do banco de dados.



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Com a perspectiva de ter dados de trajetos, de trilhas ecológicas, urbanas e caminhos, abrem-se várias alternativas de confrontação desses dados, possibilitando assim encontrar similaridades entre os trajetos e informações de percurso sempre atualizadas. Esse sistema poderá ser alimentado e atualizado continuamente, por meio dos dados captados a cada saída de campo e enviados para o BD, fortalecendo assim o diferencial competitivo da Organização. Os dados das atrações da paisagem encontrados durante o percurso serão captados via aplicativo. Os dados que se referem às atrações da paisagem, encontradas durante o percurso, serão enviados para o BD da Organização e posteriormente cruzados. Esse cruzamento de dados proporcionará ao tomador de decisão a visualização de roteiros com características semelhantes. O compartilhamento de modo externo será feito via *Web site* da Organização.

4 CONSIDERAÇÕES

O objetivo geral do presente estudo analisou a Gestão da Informação da Organização “Nas Trilhas da Ilha”, como apoio à tomada de decisão. Para alcançar o objetivo geral, seguiu-se uma sequência de objetivos específicos, com vistas a responder à questão de pesquisa. Um dos desafios encontrados foi a localização de material bibliográfico sobre as trilhas da Ilha de Santa Catarina, ecológicas ou urbanas. A revisão da literatura mostrou que, na maioria dos arquivos que retornaram na pesquisa aplicando-se apenas termos isolados, não houve associações à gestão da informação nem para a tomada de decisão. Na comparação entre o material bibliográfico e as pesquisas de campo, confirmou-se as incoerências existentes entre as publicações oficiais e as pesquisas de campo em trilha ecológica. Na análise do fluxo informacional, confirmou-se que com os sistemas informatizados a gestão da informação na Organização pode ser mais eficaz. Na relação entre a gestão da informação com a tomada de decisão, evidenciou-se que estão diretamente entrelaçadas, sendo uma dependente da outra e, para a presente Organização, pode ser um diferencial competitivo. Confrontando o Caminho do Morro das Feiticeiras com a trilha da Lagoinha do Leste, uma no Sul e outro no Norte, confirmou-se que há possibilidades de oferecer outras atividades com características similares em diferentes regiões da Ilha, pois alguns caminhos e trilhas contemplam similaridades entre as atrações da paisagem, tempo de percurso, grau de dificuldade e tipo de terreno.

Na confrontação entre as pesquisas bibliográficas sobre a trilha ecológica da Lagoinha do Leste com as pesquisas de campo, mesmo com o projeto recente de 2015, “Roteiros do Ambiente”, evidenciou-se que há pouca informação disponível. Além disso, essas informações bibliográficas de sinalização nas trilhas e pesquisas de campo são controversas, conforme apresentado no Quadro 9 desta pesquisa. Sugere-se a inserção de informações sobre o tempo de percurso que um caminhante ou grupo executa, contando as paradas para contemplação ao longo do trajeto e para descanso. Placas com mais indicações, como: não levar animais domésticos para a os caminhos ou trilhas, não alimentar animais encontrados durante o trajeto, também devem ser inclusas. No Apêndice E (fotos 11 e 14), apresentando a pesquisa de campo, conseguiu-se capturar o exato momento em que um caminhante alimenta os saguis encontrados durante a trilha (foto 11), e flagrou-se também durante o trajeto, próximo a outros grupos de saguis, alimentos processados (Apêndice E, foto 14), que foram deixados ao longo da trilha e serviram assim de alimentação para as aves, répteis e mamíferos que habitam a trilha.

Sobre a Gestão da Informação em Caminhos e Trilhas Ecológicas, não se confirmou

uma gestão da informação eficaz, pois apesar de haver um Programa de revitalização das trilhas, com objetivos bem definidos, acredita-se que haja retenção de dados e informações no ambiente interno da Organização do Programa. Constatou-se pouca ou quase nenhuma disseminação desses dados e informações, em estado bruto ou tratados, para pesquisadores e público geral externo de ecoturistas.

Em termos de material produzido pelo programa, a pesquisa localizou somente um folder com informações básicas sobre algumas trilhas, conforme Anexo C. Assim acredita-se que a gestão da informação possa melhorar, com a elaboração de um BD, pelo Programa “Roteiros do Ambiente” (2015) já citado, como um dos objetivos do presente Programa, gerido pela FLORAM, PMF e outros órgãos do Município.

A pesquisa também constatou a inexistência de roteiros com informações específicas sobre os trajetos em trilhas urbanas. O que se encontrou com a pesquisa foram alguns roteiros básicos sem especificação, roteiros esses elaborados por empresas de turismo e guias de turismo locais.

Outro ponto importante detectado durante as pesquisas foi a falta de oferecimento de cursos específicos para guias condutores em trilhas ecológicas. No tocante a cursos ofertados, identificou-se pouca oferta, sendo que o IFSC- Continente há anos não reabre essa oferta. Para que isso aconteça há a necessidade de sinalização da necessidade por parte das UCs.

Para execução das atividades em trilhas urbanas, sugere-se que sejam feitas aos sábados, após o término do expediente do comércio, e aos domingos e feriados, onde o fluxo de pessoas é menor. Com isso as atrações ficam mais visíveis, e a movimentação em grupo flui com mais agilidade.

Em termos de trilhas ecológicas e caminhos, para facilitar a locomoção durante as trilhas e caminhos, recomenda-se que sejam percorridas durante a semana, de segunda a sexta, onde o fluxo de caminhantes é menor.

A formação do BD, como citado na pesquisa, além de proporcionar às empresas uma fonte de informações para apoio a tomada de decisão para as Organizações, em um formato mais reduzido, pode servir de fonte de pesquisa para a comunidade acadêmica; e também para ecoturistas que procuram roteiros na Ilha de Santa Catarina.

Entende-se que a presente pesquisa possa ter contribuído para fornecer informações recentes sobre os trajetos de caminhos e trilhas ecológicas e urbanas, mostrando que a GI na presente Organização estudada pode ser melhorada; e que os órgãos locais, gestores desses trajetos possam melhorar sua GI em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, contribuindo assim

para o turismo social, o ecoturismo, a gestão de informações em caminhos, trilhas ecológicas e urbanas, proporcionando suporte para a tomada de decisões estratégicas para preservação e divulgação dos caminhos e trilhas da Ilha de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

- ABETA. **Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura**. São Paulo: ABETA, 2019. Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/pagina-inicial/>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- ABETA. **Manual de boas práticas de caminhada e caminhada de longo curso**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009. 136 p.
- ABNT. **ABNT NBR 15505-2: Turismo com atividades de caminhada Parte 2: Classificação de percursos**. São Paulo: ABNT, 2008. Disponível em: <http://www.sistemaafaemg.org.br/agenteturismo/Legisla%C3%A7%C3%A3o%20do%20Agente%20de%20Turismo%20Rural/NBR/15505-2.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- AGÊNCIA DE TURISMO ROTEIROS ECO TRILHAS. **Roteiros Eco Trilhas**. Peruíbe, 2019. Disponível em: <https://roteirosecotrilhas.com.br/>. Acesso em: 13. nov. 2019.
- ALMEIDA, M. B. **Um modelo baseado em ontologias para a representação da memória organizacional**. 2006. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- ALVES, M. **Como Escrever Teses e Monografias: Um roteiro passo a passo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2007.
- ANDERSEN, D. L. Uma janela para o mundo natural: o projeto de instalações ecoturísticas. In: LINDEBERG, K.; HAWKINS, D. E. (org.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 198-199.
- ANDRADE, M. **Introdução à metodologia científica: elaboração de trabalhos na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ANGELONI, M. T. (org.). **Organizações do Conhecimento: infraestrutura, pessoas e tecnologia**. São Paulo: Saraiva, 2002.
- APPLIED GEOGRAPHY: Putting the world's human and physical resource problems in a geographical perspective. USA: Elsevier. Disponível em: <https://www.journals.elsevier.com/applied-geography>. Acesso em: 2 fev. 2019.
- ARAÚJO, W. J.; AMARAL, S. A. A segurança do conhecimento nas práticas da gestão da segurança da informação e da gestão do conhecimento, 2010. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11, 2010, IBICIT, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro 2010. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/51/239>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- ARAÚJO, W. N. C. S. O.; SILVA, E. L. C.; VARVAKIS, G. J. Fluxos de informação em projetos de inovação: estudo em três organizações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 1, 2017. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/22953>. Acesso em: 11 out. 2017.

BAGNO, M. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

BARRETO, A. R. **A informação eficaz na empresa**. Brasília, n. 20, n. 1, jan./jun. 1991. p. 78-81.

BAZERMAN, M. H.; MOORE, D. **Processo Decisório**. 7. ed. São Paulo: Elsevier, Campus, 2010. 319 p.

BDTD. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2019. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind>. Acesso em: 30 out. 2019.

BECKER, D.; BELMONTE, C. **Ilha de Santa Catarina: 360°**. Florianópolis: PMF, 2017. 107 p.

BHATT, G. D. Management strategies for individual knowledge and organizational knowledge. **Journal of Knowledge Management**, v. 6, n. 1, 2002. p. 31-39. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/13673270210417673>. Acesso em: 23 abr. 2019.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente**. Brasília, DF, 2019a. Disponível em: <https://www.mma.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. **Ministério do Turismo**. Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Conceito de Ecoturismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2019c. p. 6-9. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 22 maio 2019. p. 6-9. Acesso em 10 de ago. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Marco conceitual do turismo**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 14 nov. 2019.

BRATMAN, G. N. *et al.* (org.). The benefits of nature experience: Improved affect and cognition. **Landscape And Urban Planning**. USA, 01 fev. 2015. p. 41-50. Disponível em: <https://innerlijkefocus.nl/wp-content/uploads/Benefits-of-nature-experience-improved-affect-and-cognition.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BUFREM, L. S. *et al.* Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/>. Acesso em: 4 nov. 2019.

CAMARGO, L. O. de L. Turismo, Hotelaria e Hospitalidade. **Revista Turismo em Análise**,

São Paulo, v. 13, n. 1, 2002. Disponível em:
<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63576>. Acesso em: 24 dez. 2019.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O Conceito de informação. **Perspectivas em ciência da informação**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. p. 148-207.

CARAVANTES, G.; PANNO, C.; KLOECKNER, M. **Administração: teorias e processo**. São Paulo: Pearson, 2005. 572 p.

CASE, D. O. **Looking for information: a survey of research on information seeking, needs, and behavior**. 3. ed. Bingley, UK: Emerald, 2012. 491 p.

CERTO, S. C. Tomada de decisões. *In*: CERTO, S. C. **Administração moderna**. 9. ed. São Paulo: Pearson, 2005. p. 123-145.

CÉSAR, A. (org.). **Caminhos e Trilhas da Ilha de Santa Catarina: Relatório técnico final** apresentado ao Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Florianópolis: IPUF, 2000.

CHIAVENATO, I. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2003. 630 p.

CHOO, C. W. **A Organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. 3.ed. São Paulo: Senac, 2011. 415p.

CISNE, R. **Roteiro Turístico, Tradição e Superação: Tempo, Espaço, Sujeito e (Geo)Tecnologia como Categorias de Análise**. 2010. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. 2010.

COËFFE, V. Le Tourisme, fabrique d'urbanité: matériaux pour une théorie de l'urbain. **Mondes du Tourisme**, Paris, v. 2, 2010. p. 57-69. Disponível em
<https://tourisme.revues.org/277> Acesso em 01 fev. 2020.

COSTA, H. A. **Destinos do turismo: percursos para a sustentabilidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2013. 166 p.

DE LONG, D. W. **Lost Knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

DETLOR, B. Information management. **International Journal of Information Management**, v. 18, n. 5, 2010. p. 103-108.

DRUCKER, P. **Administração na era das grandes transformações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

DUARTE, E. N. Conexões temáticas em gestão da informação e do conhecimento no campo da ciência da informação: proposta de redes humanas. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v.21, n.1, 2011. p. 159-173.

ECOBRAIL (org.). **Acordo de Mohonk**. Manaus: Ecobrasil, 2019a. Disponível em:

<http://www.ecobrasil.eco.br/turismo/ecoturismo>. Acesso em: 22 maio 2019.

ECOBASIL (org.). **Instituto EcoBrasil**: ecoturismo e ecodesenvolvimento. Manaus: Ecobrasil, 2019b. Disponível em: <http://www.ecobrasil.eco.br/turismo/ecoturismo>. Acesso em: 22 maio 2019.

EDVARDSSON I. R.; OSKARSSON G. K. Knowledge management and value creation in service firms. **Measuring Business Excellence**, v. 15, n. 4, 2011. p. 8-15.

EMBRATUR. **Agência Brasileira de Promoção Nacional do Turismo**. Brasília: Governo Federal, 2019. Disponível em: <http://www.embratur.gov.br>. Acesso em: 14. nov. 2019.

ESTRELA, S. C. L. **A gestão da informação na tomada de decisão**: estudo em PME da região centro. Faro: Sílabas Desafios, 2016. 388 p.

EVANSCHITZKY, H. *et al.* Knowledge management in knowledge-intensive service networks: a strategic management approach. **Management Decisions**, v. 45, n. 2, 2007. p. 255-283.

FECOMÉRCIO (org.). **Turismo de Verão no Litoral Catarinense 2019**. Florianópolis: FECOMÉRCIO, 2019. Disponível em: <http://www.fecomercio-sc.com.br/pesquisas/pesquisa-fecomercio-sc-turismo-de-verao-no-litoral-catarinense-2019/>. Acesso em: 23 maio 2019.

FENNEL, D. A. **Ecoturismo**: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **O novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa Aurélio**. 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2120 p.

FERREIRA, T. E. L. R.; PERUCCHI, V. Gestão e o fluxo da informação nas organizações: um ensaio a partir da percepção de autores contemporâneos. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 16, n. 2, jul. / dez. 2011. p. 446-463. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/781/pdf_61. Acesso em: 24 jan. 2020.

FGV; EAESP. **30ª Pesquisa Anual do FGVcia da FGV/EAESP, 2015**. São Paulo: FGV/EAESP, 2015. Disponível em: <https://eaesp.fgv.br/ensinoeconhecimento/centros/cia/pesquisa>. Acesso em: 14 jan. 2019.

FISHER, S. Philosophy of Architecture. In: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. USA: ed. Edward N. Zalta, 2015. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/architecture/#ArcKno>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FLORAM; IPUF; SETUR (org.). **Roteiros do Ambiente**: Trilhas e Caminhos na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Minha Floripa, 2015. Disponível em: <http://minhafloripa.tur.br/wp-content/uploads/2016/04/ProgramaRoteiros-do-Ambiente-Completo.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto de Lei nº 5979/02**. Florianópolis: Câmara de Vereadores de Florianópolis, 15 de janeiro de 2002, **oficializa localizações e denominações dos aminos e trilhas do município de Florianópolis**. Disponível em:

http://velho.cmf.sc.gov.br/proclegis/TextoOriginal/PL__15949_2014_Original.pdf. Acesso em: 23 jan. 2020.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar n. 482, de 17 de janeiro de 2014**. Institui o Plano Diretor de Urbanismo do Município de Florianópolis que dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano, o Plano de Uso e Ocupação, os Instrumentos Urbanísticos e o Sistema de Gestão. Florianópolis, SC: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2014.

Disponível em:

http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/04_02_2014_12.01.39.ae8afdb369c91e13ca6efcc14b25e055.pdf . Acesso em: 25 ago. 2020.

GARCIA, R.; FADEL, B. Cultura organizacional e as interferências nos fluxos informacionais (IFI). In: VALENTIM, M. (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap.10, p. 211-234.

GEIGER, D.; SCHREYÖGG, G. Coping with the concept of knowledge: Toward a discursive understanding of knowledge. **Management Learning**, v. 40, n. 4, 2009. p. 475-480.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas sociais de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar um Projeto de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

GIORDANO, R. B.; BIOLCHINI, J. C. A. Busca e recuperação da informação científica na web: comportamento informacional de profissionais da informação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v.3, n.1, jan./jun. 2012. p.125-145.

GOMES, L. A. M.; GOMES, C. F. S.; ALMEIDA, A. T. (ed.). **Tomada de Decisão Gerencial: Enfoque Multicritério**. São Paulo: Editora Atlas, 2002. 264 p.

GONÇALVES, C. A.; MEIRELES, A. de M. (ed.). **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2004. 199 p.

GONÇALVES, H. A. (ed.). **Manual de Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2005. 142 p.

GONSALVES, E. P. (org.). **Iniciação à pesquisa científica**. 4. ed. São Paulo: Alínea, 2007. 93 p.

GOUVEIA, L. A Gestão da Informação: um ensaio sobre a sua relevância no contexto organizacional. In: **CXO**. Information Lifecycle Management. Criar a empresa centrada na Informação. Biblioteca de Gestão & TI. CXO Media. DL nº 250834, 2006. p. 174-180. Disponível em: http://homepage.ufp.pt/lmbg/com/gi_cxo_lmbg06.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

GRANT, R. M. Toward a knowledge-based theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, n. 7, 1996. p. 109-122.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: Projetos e Relatórios**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007. 321 p.

GSMA. Connected Society. Los Angeles: GSMA, 2019. 60 p. Disponível em: <https://www.gsma.com/mobilefordevelopment/wp-content/uploads/2019/07/GSMA-State-of-Mobile-Internet-Connectivity-Report-2019.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2020.

HARPER, D. S. Assessing the professional competencies of correctional executives and senior-level leaders'. **The Journal of competency-based education**, v.1, n. 2, jul. 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cbe2.1007>. Acesso em: 18. dez. 2019.

IJSR. International Journal of Science and Research. Índia: IJSR, 2019. Disponível em: https://www.ijsr.net/?gclid=Cj0KCQiAk7TuBRDQARIsAMRrfUa1M45uwDw1v6omqwCSWbF7qpO0yThpuJLt00o0cfM7OE0AIIxcW-EaAhAnEALw_wcB Acesso em: 14 nov. 2019.

JOURNAL OF TRAVEL RESEARCH. Australia: Sage Publishing, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/home/jtr>. Acesso em: 14 nov. 2019.

KAUFMANN, A. **A ciência da tomada de decisão: uma introdução à praxiologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KOTLER, P. (ed.). **Inteligência Competitiva: Como se manter à frente dos movimentos da concorrência e do mercado**. Rio de Janeiro: Palestrante Hsm, 2007. 235 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2019, 133 p.

LE MOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LIMA, G. F. C. **Educação ambiental no Brasil: formação, identidade e desafios**. Campinas: Papirus, 2011. 249 p.

LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. (org.). **Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão**. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2002. 290 p.

MACÊDO, E. **O turismo na praia de Barra Grande-PI: impactos e contribuições ao desenvolvimento local**. 2011. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MACEDO, N. A. M. **Criando uma arquitetura de memória corporativa baseada em um modelo de negócio**. Tese (Doutorado em Informática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MARCOVITH, J. **Tecnologia da informação e estratégia empresarial**. São Paulo: FEA/USP, 1996.

MARTINELLI, M. Cartografia do Turismo e imaginário. *In*: RODRIGUES, A. B. (org.).

Turismo rural: práticas e perspectivas. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 151-170.

MAXIMIANO, A. C. A. **Introdução à Administração**. São Paulo: Atlas, 2009. 294 p.

MCADAM, R.; MOFFETT, S.; PENG, J. Knowledge sharing in Chinese service organizations: a multi case cultural perspective. **Journal of Knowledge Management**, v. 16, n. 1, 2012. p. 129-147.

MCGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento estratégico da informação:** aumente a competitividade e a eficiência da sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica. 17. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1994.

MICHAELIS, H; VASCONCELOS, C. M. **Michaelis moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=laExa>. Acesso em: 23 maio 2019.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social:** teoria, métodos e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010. 108 p.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. Tradução: BERGAMINI, C. W.; CODA, R. São Paulo: Atlas, 2007.

MUNDET, L.; COENDERS, G. Greenways: a sustainable leisure experience concept for both communities and tourists. **Journal of Sustainable Tourism**, UK, v. 18, n. 5, 25 maio 2010. p.657-674. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09669581003668524>. Acesso em: 25 dez. 2019.

NICHOLSON, N. Empower the next generation. **Communication World**, v. 25, n. 2, 2008. p. 14-18.

NICKERSON, J. A.; ZENGER, T. R. A knowledge-based theory of the firm: the problem-solving perspective. **Organization Science**, v. 15, n. 6, 2004. p. 617-632.

NIEFER, I. A. **Ecoturismo ou não?:** Análise preliminar dos visitantes do Parque Nacional de Superagüi. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal), Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/25404/T%20-%20NIEFER,%20INGE%20ANDREA.pdf;jsessionid=4418069845FAAB48E72E01A50CEB6958?sequence=1>. Acesso em: 15 ago. 2019.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **The knowledge-creating company**. New York: Oxford University Press, 1995.

OAIGEN, E. R.; RODRIGUES, M. M. S. Trilhas ecológicas temáticas como ferramenta transversal para educação ambiental diante dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs. *In:*

STROHSCHOEN, A. A. G.; SALVI, L. C. (org.). **Construindo práticas educativas no ensino superior**: roteiros de atividades experimentais e investigativas. Lageado: Editora UNIVATES, 2013.

REVISTA ACADÊMICA OBSERVATÓRIO DE INOVAÇÃO DO TURISMO. Rio de Janeiro: FGV, 2012. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/oit>. Acesso em: 13 nov. 2019.

PEREIRA, M. J. L. de B.; FONSECA, J. G. M. **Faces da Decisão**: As mudanças de Paradigma e o poder da Decisão. São Paulo: Makron Books, 1997.

PERUCCHI, V. **Indicadores de produção dos grupos de pesquisa do Instituto Federal, Ciência e Tecnologia da Paraíba**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://dci2.ccsa.ufb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/604/1/VALMIRA.pdf>. Acesso em: 30 jan.2020.

PORTAL EDUCAÇÃO (org.). **Definição e Origem do Ecoturismo**: turismo-e-hotelaria. São Paulo: Portal Educação, 2019. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/turismo-e-hotelaria/definicao-e-origem-do-ecoturismo/18376>. Acesso em: 31 maio 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico, métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

RAMOS, A.; SILVA, E.; ALVERGA, P. **O papel estratégico da TI nas micro e pequenas empresas**. Natal: SEBRAE/RN, 2009.

RCT. Revista de Turismo Contemporâneo. Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo>. Acesso em: 13 nov. 2019

REVISTA ROSA DOS VENTOS: turismo e hospitalidade. Caxias do Sul: Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/index>. Acesso em: 12 nov. 2019.

RIBEIRO, A. L. **Teorias da Administração**. São Paulo: Saraiva, 2003.

RIBEIRO, W. R. **Asterisk com café: telefonia digital**. São Paulo: Digital Publish & Print, 2012. 143 p.

ROBBINS, S.; JUDGE, T.; SOBRAL, F. **Comportamento organizacional**: teoria e prática no contexto brasileiro. 14. ed. São Paulo: Pearson, 2010. 633 p.

ROBREDO, J. Do documento impresso à informação nas nuvens: reflexões. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, mar. 2011. p. 19-42. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/401/261>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ROCHA, M. B. *et al.* (ed.). Estudos sobre trilhas: uma análise de tendências em eventos de Ensino de Ciências e Educação Ambiental. **Acta Scientiae**, Brasil, 01 mai. 2016. p. 518-530.

Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/viewFile/1848/1623>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RODRIGUES, C.; BLATTMANN, U. Uso das fontes de informação para a geração de conhecimento organizacional. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011. p. 43-58. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/9999/6922>. Acesso em: 27 jul. 2020.

ROSE, N. The always-connected traveller: How mobile will transform the future of air travel. **Travel Tech Consulting Inc**, 2011. p. 1-39. Disponível em: <http://www.amadeus.com/airlineit/the-always-connected-traveller/docs/amadeus-the-always-connected-traveller-2011-en.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2020.

ROSSI, J.; RAMOS, C. M. Q. A relevância do uso de smartphones durante a experiência turística. **Turismo: visão e ação**, v. 21, n. 3, 2009. p. 265-290. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/viewFile/15292/8695>. Acesso em: 24 dez. 2019.

SACCOL, A.; SCHLEMMER, E.; BARBOSA, J. **M-learning e ulearning: novas perspectivas das aprendizagens móvel e ubíqua**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

SANTUR. (org.). **Projeção de Turistas - Florianópolis**. Florianópolis: SANTUR, 2018. 21 p.

SANTUR. **Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina**. Florianópolis: SANTUR, 2019. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SCIELO. São Paulo: SCIELO, 2019. Disponível em: <https://search.scielo.org>. Acesso em: 04 nov. 2019.

SCOPUS PREVIEW. USA: Elsevier, 2019. Disponível em: <https://www.scopus.com/search/form.uri?zone=TopNavBar&origin=resultslist&display=basic>. Acesso em: 22. nov. 2019.

SEBRAE-SC (org.). **MEI: Microempreendedor Individual**. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Florianópolis: SEBRAE-SC, 2019. Disponível em: <https://atendimento.sebrae-sc.com.br/cursos/mei-na-pratica/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo, Cortez, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24. ed. São Paulo, Cortez, 2016.

SILVA, A. da. **Extrativismo do coco babaçu (Orbignyaphalereta, Mart.) no município de Miguel Alves-PI: caminhos para o desenvolvimento local sustentável**. 2011. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

SIMON, H. A. **A capacidade de decisão e de liderança**. Rio de Janeiro: USAID, 1963.

SOUSA, R. T. B. Os princípios arquivísticos e o conceito de classificação. *In*: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. (org.). **Organização e representação do conhecimento**. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 240-271.

SOUZA, M. C. C. Educação Ambiental e as trilhas: contexto para a sensibilização ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 9, n. 2, 2014. p. 239-253.

SPENDER, J. C. Making knowledge the basis of a dynamic theory of the firm. **Strategic Management Journal**, v. 17, 1996. p. 45-62.

TABANEZ, M. F. *et al.* Avaliação de trilhas interpretativas para educação ambiental. *In*: TABANEZ, M. F.; PÁDUA, S. M. (org.). **Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. Brasília: IPÊ, 1997. p. 89-102.

TAVARES, M. G. C. Patrimônio e cidade: uma leitura geográfica da cidade de Belém do Pará. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 13, n. 1, 27 fev. 2018. p.163-180.

TEIXEIRA FILHO, J. **Gerenciamento do Conhecimento**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000. 191 p.

TIES. **What is ecotourism?**. [S. I.]: The International Ecotourism Society (org.), 2015. Disponível em: <https://ecotourism.org/what-is-ecotourism/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

VALENTE, J. **Brasil é 5º país em ranking de uso diário de celulares no mundo**. Agência Brasil, Brasília, 18 jan. 2019. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-01/brasil-foi-5o-pais-em-ranking-de-uso-diario-de-celulares-no-mundo>. Acesso em: 10 jan. 2020.

VALENTIM, M. L. P. Informação estratégica: insumo para tomada de decisão. **Palavra Chave**, São Paulo, n. 7, 1994. p.5-6.

VALENTIM, M. L. P. **Inteligência Competitiva em Organizações**: dado, informação e conhecimento. DataGramaZero, v. 3, n. 4, 2002a.

VALENTIM, M. L. P. A indústria da informação e os produtores de bases de dados em C&T. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, jan./jun. 2002b. p.23-38.

VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e do conhecimento e a importância da estrutura organizacional**. Londrina: Infohome, 2005.

VALENTIM, M. L. P. Processo de Inteligência Competitiva Organizacional. *In*: VALENTIM, M. L. P. *et al.* (org.). **Informação, conhecimento e inteligência organizacional**. Marília: Fundepe, 2006. 282p. 9-24p.

VALENTIM, M. L. P. Ambientes e Fluxos da Informação. *In*: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Ambientes e Fluxos da Informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VALENTIM, M. L. P. Ambientes e fluxos de informação em contextos empresariais: o caso

do setor cárnico de Salamanca/Espanha. **Brazilian Journal of Information Science**, São Paulo, v. 7, n. 1, 28 jul. 2013. p. 299-323. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/article/view/3130>. Acesso em: 20 jul. 2020.

VIGORENA, D. A. L.; BATTISTI, P. S. S. Procedimentos de coleta de dados em trabalhos de conclusão do curso de Secretariado Executivo da Unioeste/PR. **Revista do Secretariado Executivo**, Passo Fundo, n. 7, 2011. p. 95-111. Disponível em: <file:///Users/ClaudioPessoa1/Downloads/2329-85871-PB.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.

WAH, L. Muito além de um modismo. **HSM Management**. Barueri, n. 22, ano 4, set./out. 2000. p. 52-64.

WALSH, P. J.; UNGSON, G. Organizational memory. **The Academic of Management Review**, v. 16, n. 1, 1991. p. 57-91.

WARD, B.; DUBOS, R. **Uma terra somente**: a preservação de um pequeno planeta. São Paulo: E. Blücher / Melhoramentos / EDUSP, 1973. p. 47-48.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo**: Impactos, Potencialidades e possibilidades. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

WESTERN, D. (org.). Como definir o ecoturismo. *In*: LINDEBERG, K.; HAWKINS, D. E. (org.). **Ecoturismo**: um guia para planejamento e gestão. Tradução: D'ÁVILA, L. C. de M. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 15-22.

YASUDA, A.; OLIVEIRA, D. M. T. de. **Pesquisa de marketing**: guia para a prática de pesquisa de mercado. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: planejamento e métodos. 5. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZEFERINO, A. C. **Caminhos e Trilhas da Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: [s.n.], 2000.

ZEFERINO, A. C. **Caminhos e Trilhas de Florianópolis**. 2. ed. Florianópolis: IOESC, 2001. 101 p.

ZEFERINO, A. C.; CARLSON, V. E. **Trilhas e Caminhos da Ilha de Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: Lagoa Editora, 2005. 127 p.

ZUCATTO, L. C. **Análise de uma cadeia de suprimentos orgânica orientada para o desenvolvimento sustentável**: uma visão complexa. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

APÊNDICE A – FICHA DE PESQUISA DE CAMPO

FICHA DE PESQUISA DE CAMPO

Trilha Ecológica, caminho (Mapeamento de trilha, caminho existentes)

NAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA SOB O ENFOQUE DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO		
Trilha, caminho:		
Data:	Início:	Término:
#Linha de Ônibus:		
Atrações da paisagem (fauna e flora)		
Orientação:		
*Tempo de percurso (ida):		
*Tempo de percurso (volta):		
*Total de horas do percurso (ida e volta):		
Tipo de terreno:		

Observações: * O tempo de percurso, ida e volta, apesar de serem computados nesta pesquisa dependem do preparo físico de cada caminhante. Por este motivo, considerou-se somente como uma estimativa. Considerou-se computar o tempo em horas, pois conforme experiência deste pesquisador a maioria dos caminhantes utiliza o tempo em horas para analisar a extensão do trajeto.

Considerou-se listar neste formulário de pesquisa a linha de ônibus que dá acesso ao início de cada caminho ou trilha, pois segundo informações da Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (FLORAM), um número expressivo de caminhantes utiliza o transporte coletivo para se locomover até o início de cada trilha ou caminho.

FICHA DE PESQUISA DE CAMPO

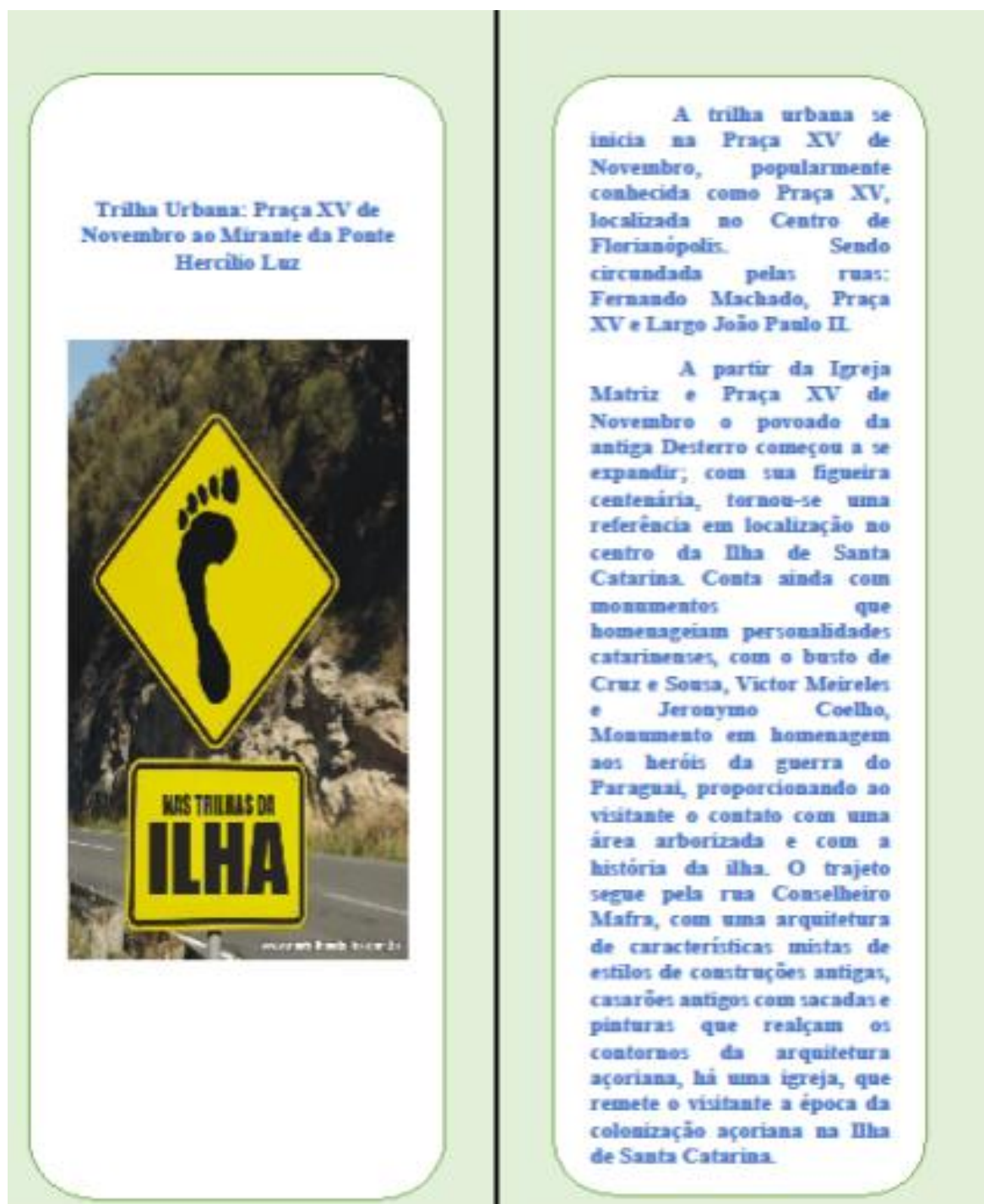
Urbana (Elaboração de percurso)

NAS TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA SOB O ENFOQUE DA GESTÃO DA INFORMAÇÃO		
Trilha:		
Data:	Início:	Término:
Atrações da paisagem:		
Orientação:		
*Tempo de percurso (ida): *Tempo de percurso (volta): *Total de horas do percurso (ida e volta):		
Tipo de terreno:		

Observações: * O tempo de percurso, ida e volta, apesar de serem computados nesta pesquisa dependem do preparo físico de cada caminhante. Por este motivo, considerou-se somente como uma estimativa. Considerou-se computar o tempo em horas, pois conforme a experiência deste pesquisador, a maioria dos caminhantes utiliza o tempo em horas para analisar a extensão do trajeto.

APÊNDICE B – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 1

Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

Nesse período os colonizadores erguiam uma igreja, junto a uma praça, como marco inicial da colonização, sendo que as comunidades se desenvolviam no entorno dessa construção.

No trajeto encontra-se o Mercado Público Municipal de Florianópolis um dos principais pontos turísticos do centro de Florianópolis. Ao lado do Mercado Público Municipal, revitalizado um espaço que compõe o entorno do Mercado, o Largo da Alfandega. O trajeto finaliza no Mirante da Ponte Hercílio Luz. O percurso tem um tempo aproximado de 1h40, com paradas estratégicas, uma orientação fácil com poucas possibilidades do caminhante se perder durante o trajeto.

O percurso possui apenas um pequeno aclave antes de chegar na Alameda Adolfo Konder se a opção for cortar caminho pela rua Conselheiro Mafra, seguindo pela rua Felipe Schmidt, adentrando ao Parque da Luz, dando acesso ao Mirante da Ponte Hercílio Luz.

Nesse local tem-se uma vista privilegiada de um dos maiores cartões postais da Ilha de Santa Catarina, a Ponte Hercílio Luz, onde o roteiro é finalizado

A duração do percurso é de 46min, "ida" com uma distância 2,3mi (3,70 quilômetros) e volta 20min e 53s 1,1 mi (1,77 quilômetros).

Trilha Urbana: Praça XV de Novembro ao Mirante da Ponte Hercílio Luz

Trilha Urbana: Potencial Urbano Arquitetônico em Turismo.

Percurso inicial: Praça XV de Novembro, Conselheiro Mafra, Largo da Alfândega; Término do percurso: Mirante Ponte Hercílio Luz, Parque da Luz; Tempo do percurso aproximado, em horas: 1h40; Atrações da paisagem: Praça, Parque, Arquitetura local; Preparo Físico: Bom;

Orientação: Fácil, percurso urbano sinalizado; Tipo de percurso: Urbano;

Tipo de Terreno: Pavimentado



Praça XV de Novembro (casarão)



Praça XV de Novembro (Figueira)



Praça XV de Novembro
Monumentos: Busto Victor Meirelles e Monumento em homenagem aos heróis da guerra do Paraguai

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



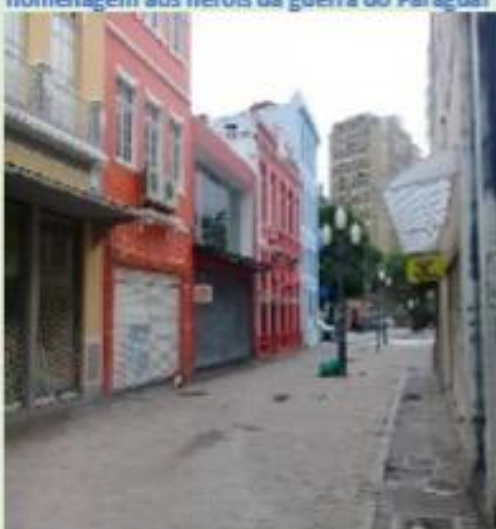
Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Praça XV de Novembro: Monumento em homenagem aos heróis da guerra do Paraguai



Conselheiro Mafra
Casarão antigo



Conselheiro Mafra
Casarões antigos



Conselheiro Mafra
Casarões antigos



Conselheiro Mafra
Mercado Público Municipal



Conselheiro Mafra
Casarão antigo

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Conselheiro Mafra
Casarões antigos



Monumento em homenagem ao ex-governador
Hercílio Luz



Conselheiro Mafra
Igreja Nossa Senhora do Parto n. 674



Monumento em homenagem ao ex-governador
Hercílio Luz

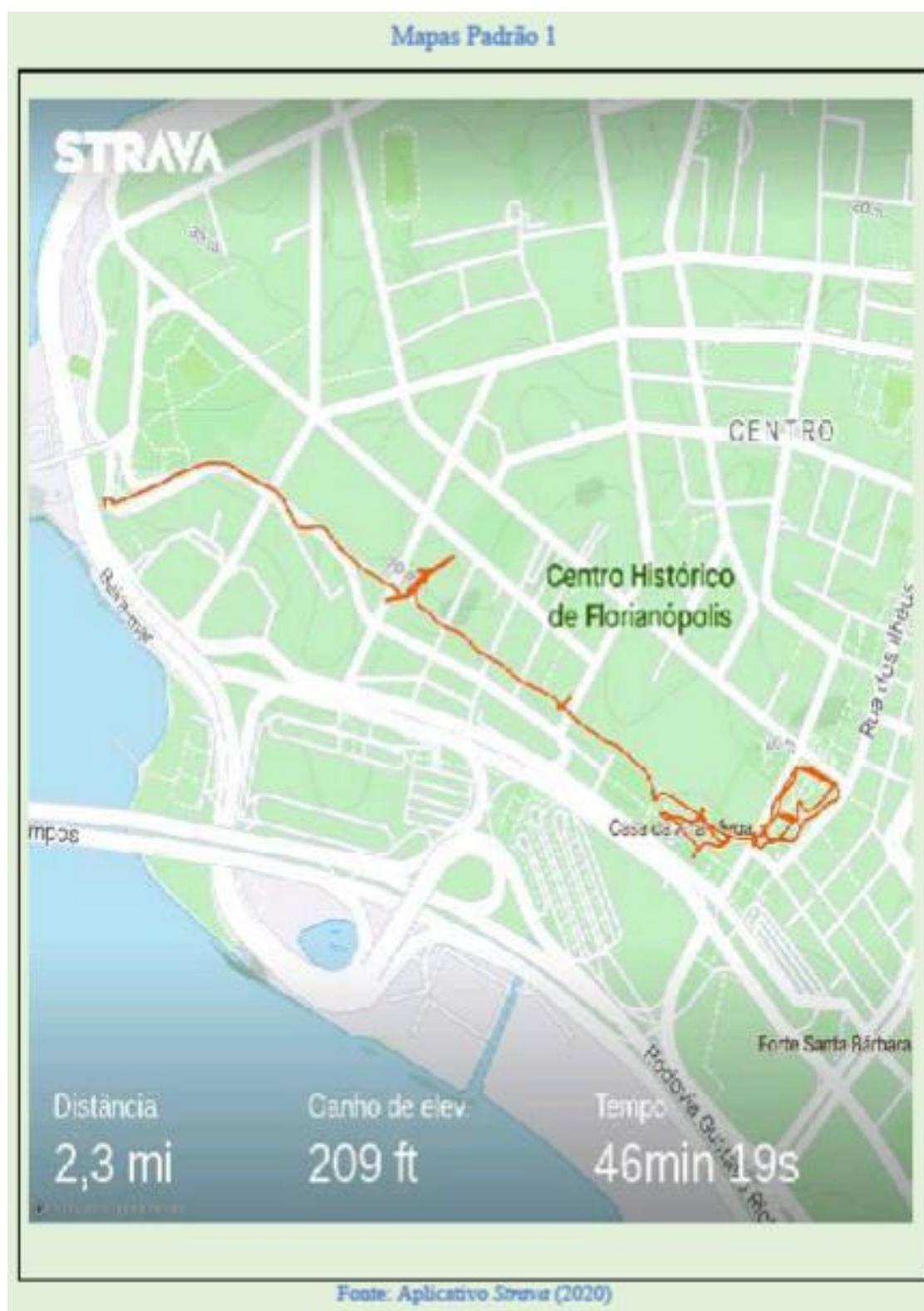


Conselheiro Mafra
Casarões antigos



Mirante da Ponte Hercílio Luz

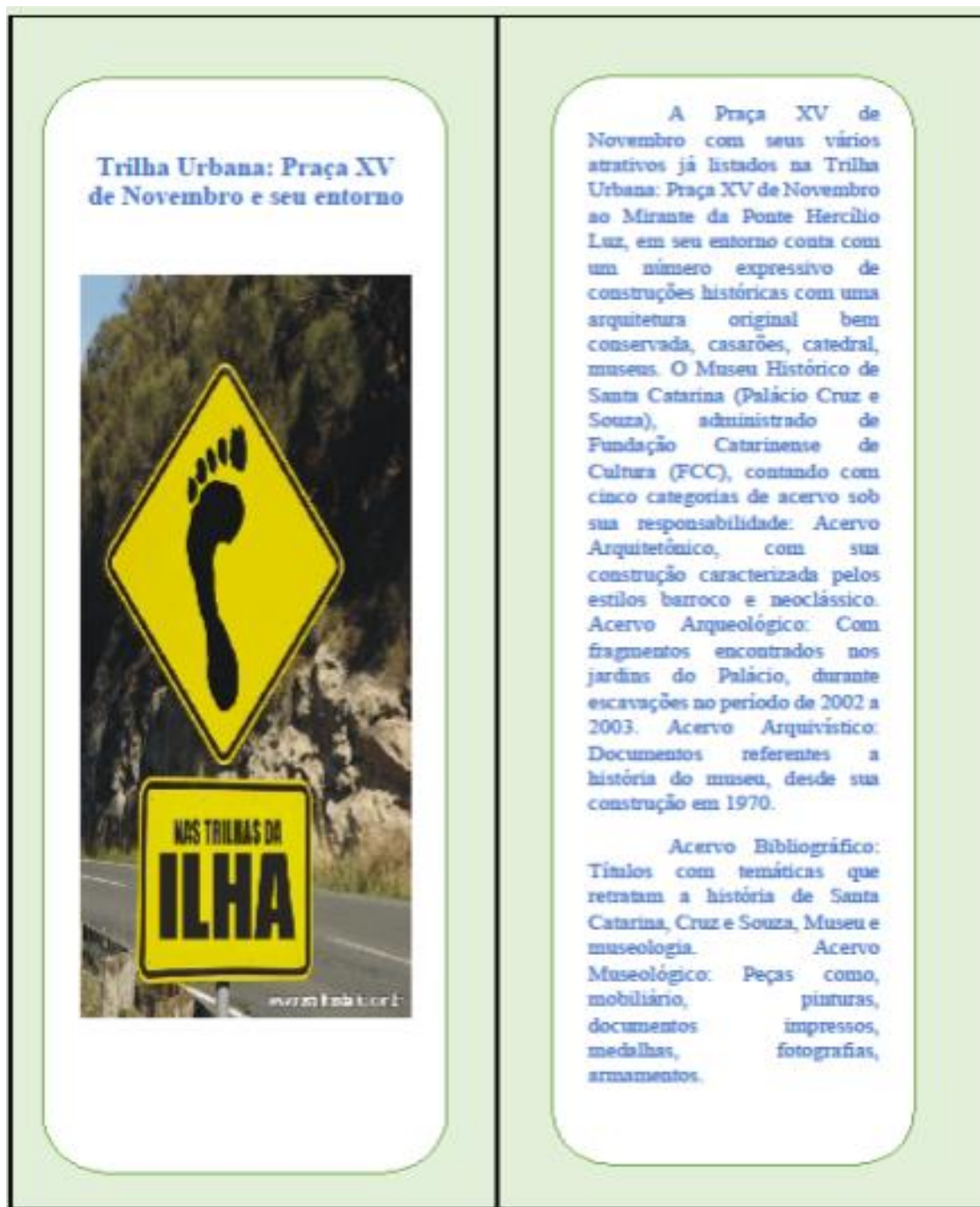
Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo Strava (2020).

APÊNDICE C – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 2

Trilha Urbana: Praça XV de Novembro e seu entorno.



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

O imóvel situado na esquina da Praça XV, n. 270, com a Rua Victor Meirelles, construído em 1830, sendo na época sede da polícia militar no térreo e Assembleia Legislativa. Já abrigou o Tribunal de Contas, a partir de 2017 está subordinado a FCC, abrigando atualmente uma Galeria de Artesanatos.

O Museu Victor Meirelles, localizado na Rua Victor Meirelles n. 59, um sobrado com características ímpares de construção do século XIX, que abrigou o comércio da família Meirelles e hoje abriga as obras do artista.

O Museu de Florianópolis, antigo prédio onde abrigava a Casa de Cadeia e Câmara, localizado na Rua Praça XV n. 214, administrado pelo Serviço Social do Comércio (SESC), será o terceiro museu nas imediações da Praça XV de Novembro.

A Casa da Memória, um casarão que serve como centro de documentação, construído no final da década de 1920, uma arquitetura marcada por longas aberturas que guarda a memória do município de Florianópolis. Sua visitação anual está em torno de 7.500 pesquisadores. Durante todo o trajeto arquitetura local chama a atenção pelas linhas heterogêneas, conforme fotos das atrações da paisagem.

Trilha Urbana: Potencial Urbano Arquitetônico em Turismo.

Percurso inicial: Praça XV de Novembro e entorno;
Término do percurso: Praça XV de Novembro;
Tempo do percurso aproximado, em horas: 1h 30min;
Atrações da paisagem: Praça, Arquitetura local;
Preparo Físico: Normal;

Grau de dificuldade: Leve;

Orientação: Fácil; trilha sinalizada;

Tipo de percurso: Urbano;

Tipo de terreno: Pavimentado.



Figueira da Praça XV de Novembro



Praça XV de Novembro



Praça XV de Novembro



Praça XV de Novembro



Casarão Antigo: Localização Esquina da Praça XV (Loja de Artesanato) n. 270

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Casarão Antigo: Localização Esquina da Praça XV (Loja de Artesanato) n. 270



Casarão Antigo: Praça XV de Novembro (Arquivo Histórico Municipal) n. 180



Casarão Antigo: Praça XV de Novembro (Museu de Florianópolis) n. 214



Museu Victor Meirelles



Casarão Antigo: Praça XV de Novembro (Arquivo Histórico Municipal) n. 180



Museu Victor Meirelles(rua) n.59

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Mapa Padrão 1



Fonte: Aplicativo Strava – Elaborado pelo autor (2020)

Fonte: Elaborado pelo autor - Aplicativo Strava (2020).

APÊNDICE D – ATRAÇÕES DA PAISAGEM DA TRILHA URBANA 3

Trilha Urbana: Parque da Luz a Ponte Hercílio Luz



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

Trilha Urbana: Parque da Luz a Ponte Hercílio Luz

Trilha Urbana: Potencial Urbano Arquitetônico em Turismo.

Percurso Inicial: Parque da Luz, Ponte Hercílio Luz.

Início: Parque da Luz;

Término: Ponte Hercílio Luz;

Tempo aproximado do percurso: 1h20

Atrações: Meio natural e urbano.

Preparo físico: Normal;

Grau de dificuldade: Leve;

Orientação: Fácil;

Tipo de percurso: Urbano;

Tipo de Terreno: Parque da Luz: trilha central pavimentada, entorno a essa pavimentação; terra batida. Ponte Hercílio Luz, percurso central com piso de grades, passarela de pedestres; com piso metálico rugoso;

Próximo ao n. 1066.



Foto 1 - Parque da Luz (Entrada pela Rua Felipe Schmidt, proximidades do n. 1066)



Foto 2



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 14



Foto 15



Foto 16 (Ponte Hercílio Luz)



Foto 17



Foto 18



Foto 19

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 20



Foto 23



Foto 21



Foto 24



Foto 22



Foto 25

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Fonte: Elaborado pelo autor - Aplicativo *Strava* (2020).

APÊNDICE E – TRILHA DA LAGOINHA DO LESTE

<p>COLOQUE OS PÉS NOS CAMINHOS E TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA.</p> 	<p>Trilha da Lagoinha do Leste – (Início: Pântano do Sul)</p> <p>Percurso Inicial: Rua Manoel Pedro de Oliveira, Pântano do Sul, até o início da trilha; Término: Praia da Lagoinha do Leste; Tempo aproximado do percurso para que os visitantes contemplem o ambiente: 1h30min;</p> <p>Tempo de reconhecimento do percurso: 46 minutos; Atrações: córregos, vegetação preservada, fauna;</p> <p>Preparo físico: bom;</p> <p>Grau de dificuldade: moderado;</p> <p>Orientação: fácil;</p> <p>Tipo de percurso: em meio natural;</p> <p>Tipo de Terreno: terra batida argilosa e arenosa.</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

O Parque Municipal da Lagoinha do Leste foi criado em 1992, por meio da Lei Municipal nº 3701/92 e do Decreto Municipal nº 8.70, com o objetivo de salvaguardar a fauna e flora local, proteger o manancial hídrico da Bacia Hidrográfica da Lagoinha do Leste.

Gerido atualmente pela FLORAM e DEPUC, o Parque está inserido em uma área de proteção ambiental, ficando próximo a áreas de preservação permanente no Pântano do Sul, atualmente o Parque é denominado de Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste.

A trilha da Lagoinha do Leste pelo Pântano do Sul com acesso no início da entrada da trilha pela Rua Manoel Pedro de Oliveira, está rodeado pela Mata Atlântica, podendo avistar durante seu percurso, aves, mamíferos e répteis característicos da região, e é considerada por muitos caminhantes uma das trilhas mais belas da Ilha de Santa Catarina.

A trilha é frequentada por turistas de várias nacionalidades, pescadores e principalmente por surfistas em busca de ondas. Não só para caminhadas de ida e volta durante o mesmo dia, mas também essa trilha é muito procurada por visitantes que acampam em vários pontos junto à vegetação que a praia oferece.

Para trilhar por esses ambientes naturais, salas de aula ao ar livre, na maioria dos casos o caminhante precisa observar algumas práticas que irão facilitar sua estada nos caminhos e trilhas.

Conhecer o trajeto previamente, contar com um guia / condutor habilitado, torna-se necessário analisar o tempo de percurso ida e volta, para que não seja surpreendido com a chegada da noite e a falta da luz durante o trajeto.

Consultar a previsão do tempo para o dia da caminhada, observar o peso da mochila que deve ser impermeável e não deve ultrapassar 5% de seu peso corporal.

Utilizar roupas leves de modo que permitam a movimentação corporal fácil, de preferência de algodão, tãtel ou micro fibra, bonê, protetor solar, trazer de volta seu lixo produzido, levando sacos para adiciona-lo, não descartar sobras de material orgânico durante o trajeto, pois restos de frutos normalmente possuem sementes e com esse descarte podem ser inseridas na vegetação nativa espécies invasoras, descaracterizando o local. Um apito pode ser uma excelente opção para casos de "emergência".

Não utilizar perfumes com odores fortes, pois esses odores podem atrair insetos e espantar a fauna, não coletar material encontrado durante os caminhos e trilhas: pedras, galhos, conchas, mudas de plantas e até mesmo aves, répteis ou mamíferos que com a presença humana constante, costumam ficar mais dóceis.

Assim outros visitantes poderão ter as mesmas experiências agradáveis que você vivenciou. Não tente manipular ou alimentar animais encontrados durante sua trilha ou caminho, observe-os à distância, assim não há interferência na rotina do meio. Trate os moradores das imediações e outros caminhantes ao longo do percurso com cortesia. Deixe seu animal doméstico em casa, pois eles podem afugentar a fauna. Evite vestimentas com cores muito fortes. Tome cuidado com animais peçonhentos, com a precaução de não ficar durante o início da noite na trilha ou caminho esse risco diminui, pois normalmente as serpentes saem para caçar à noite.

Uma junção entre vegetação preservada, um mar com ondas perfeitas e uma Lagoa que dá nome ao Local. Sendo assim além da trilha a praia oferece várias possibilidades de lazer. Uma fonte de água potável pode ser encontrada ao término da caminhada, (pelo Pântano do Sul) no lado direito da praia da Lagoinha do Leste.

Os alimentos não devem exigir preparo, normalmente se leva doces e salgados: barras de cereais, frutas secas e frescas, biscoitos, porções de embutidos, azeitonas. Jamais fazer fogueiras, por esse motivo sugeriu-se levar alimentos prontos, pois em grande parte dos casos onde o fogo se alastra nesses locais de natureza preservada, houve uma ação humana inconsequente. Mesmo com a premissa de não ser surpreendido com a escuridão, e com as mudanças bruscas do tempo, torna-se necessário incluir na mochila uma lanterna, um par de pilhas sobressalentes e uma capa de chuva compacta.

Para registrar todos os momentos, uma câmera fotográfica, preferencialmente com proteção contra a areia fina encontrada nas praias e dunas, pois em grande parte dos casos essa areia penetra nas engrenagens da câmera, provocando danos.

Para se hidratar, água potável (cantil com um litro), pois em parte dos caminhos e trilhas não há fontes de água confiáveis, ou até mesmo a utilização de um filtro portátil, tipo canudo, para filtrar a água encontrada e consumida durante o percurso. Um celular carregado no dia anterior é imprescindível, sugere o uso de uma operadora de telefonia celular que tenha cobertura na maioria das trilhas e caminhos. É aconselhável iniciar o trajeto no primeiro horário da manhã onde o sol não está a pique, calculando o tempo de ida e volta para não ser surpreendido com a escuridão da noite.

Alongamentos antes de iniciar esses trajetos podem reduzir a fadiga do corpo no dia seguinte, pausas estratégicas de descanso e alimentação durante o percurso podem tornar a caminhada mais agradável.

O silêncio durante a caminhada pode ser um pouco desconfortável para os sujeitos urbanos, porém aos poucos o corpo e os sentidos se adaptam ao novo ambiente, proporcionando assim a contemplação do meio, podendo com isso não afugentar a fauna: sons, imagens únicas fazem parte desses ambientes naturais, proporcionando estímulos positivos ao corpo. A interpretação normalmente se relaciona com conhecimentos/experiências prévias do visitante /caminhante. O visitante mesmo em grupo pode ter um tempo a sós com a natureza, assim essa interação poderá ser mais completa, pois o conhecimento tácito é único. Para que não haja surpresas na hora de utilizar os equipamentos eletrônicos, durante a caminhada, sugere-se que sejam testados no e carregados no dia anterior.



Foto 1



Foto 2



Foto 3



Foto 4



Foto 5



Foto 6

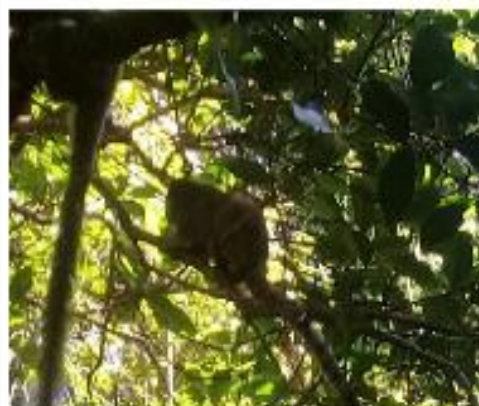


Foto 7



Foto 8



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 15



Foto 18



Foto 16



Foto 19



Foto 17



Foto 20

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 21



Foto 24



Foto 22



Foto 25



Foto 23



Foto 26

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 33



Foto 36



Foto 34



Foto 37




Foto 35



Foto 38

APÊNDICE F – CAMINHO DO MORRO DAS FEITICEIRAS

<p style="text-align: center;">COLOQUE OS PÉS NOS CAMINHOS E TRILHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA.</p> 	<p>Caminho do Morro das Feiticeiras Percurso Inicial: Final da Rua das Gaivotas, próximo ao lado do Condomínio Villa Giardino, n. 2383, Ingleses; Término: Praia Brava; Tempo Aproximado do Percurso: 1h30minutos; Atrações da Paisagem: Mata fechada, atrações da fauna; Preparo Físico: Bom; Grau de Dificuldade: Moderado; Orientação: Fácil; Tipo de Percurso: Moderado; Tipo de Terreno: Terra batida, argilosa e arenosa; Tempo de Reconhecimento do Percurso: 47 minutos.</p> <p>O acesso ao início do Caminho do Morro das Feiticeiras se dá no final da Rua das Gaivotas localizada no Bairro Ingleses, nas proximidades do Condomínio Villa Giardino, número 2383. Ao lado desse Condomínio, há um trajeto que dá acesso ao início do Caminho ligando a Praia Brava.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

Entende-se que as trilhas são consideradas ambientes para caminhadas e contemplação da natureza, já os caminhos além das mesmas atividades feitas em trilhas podem transitar veículos de tração animal.

Ainda não há um consenso do a origem do nome “Feiticeira”, para os moradores locais e trilheiros em geral, identificou-se uma definição mais relacionada as estórias da Ilha da Magia.

Nessas estórias pode-se constatar por meio de conversas com moradores e caminhantes o direcionamento da definição para uma narrativa relacionada as fábulas e crenças locais, onde as Feiticeiras eram definidas como Bruxas que habitam o Caminho.

Segundo a crença local essas Bruxas eram curandeiras que moravam ao longo do trajeto, lidando com ervas e sacrifícios em uma gruta que segundo informações locais, fica ao longo do Caminho.

Há nesse Caminho uma espécie de árvore muito comum, chamada popularmente de “Baga de Feiticeira”, podendo assim o nome ter sido originado com base no nome dessa árvore.

Outra possibilidade da origem do nome é um modelo de uma rede de pesca utilizada por pescadores de nome Feiticeira ou Tresmalho para captura de peixes de todos os tamanhos, muito utilizada em Santa Catarina e no Paraná.

Para trilhar por esses ambientes naturais, salas de aula ao ar livre, na maioria dos casos o caminhante precisa observar algumas práticas que irão facilitar sua estada nos caminhos e trilhas.

Conhecer o trajeto previamente, contar com um guia / condutor habilitado, torna-se necessário analisar o tempo de percurso ida e volta, para que não seja surpreendido com a chegada da noite e a falta da luz durante o trajeto.

Consultar a previsão do tempo para o dia da caminhada, observar o peso da mochila que deve ser impermeável e não deve ultrapassar 5% de seu peso corporal.

Utilizar roupas leves de modo que permitam a movimentação corporal fácil, de preferência de algodão, tãctel ou micro fibra, boné, protetor solar, trazer de volta seu lixo produzido, levando sacos para adiciona-lo, não descartar sobras de material orgânico durante o trajeto, pois restos de frutos normalmente possuem sementes e com esse descarte podem ser inseridas na vegetação nativa espécies invasoras, descaracterizando o local. Um apito pode ser uma excelente opção para casos de “emergência”.

Não utilizar perfumes com odores fortes, pois esses odores podem atrair insetos e espantar a fauna, não coletar material encontrado durante os caminhos e trilhas: pedras, galhos, conchas, mudas de plantas e até mesmo aves, répteis ou mamíferos que com a presença humana constante, costumam ficar mais dóceis.

Assim outros visitantes poderão ter as mesmas experiências agradáveis que você vivenciou. Não tente manipular ou alimentar animais encontrados durante sua trilha ou caminho, observe-os à distância, assim não há interferência na rotina do meio. Trate os moradores das imediações e outros caminhantes ao longo do percurso com cortesia. Deixe seu animal doméstico em casa, pois eles podem afugentar a fauna. Evite vestimentas com cores muito fortes. Tome cuidado com animais peçonhentos, com a precaução de não ficar durante o início da noite na trilha ou caminho esse risco diminui, pois normalmente as serpentes saem para caçar à noite.

Deixe sempre as mãos livres e visualize o local onde se apoia, leve um *kit* de primeiros socorros, calçados fechados de preferência com cano longo e antiderrapante ou um tênis que já foi amaciado pelo uso. Mantenha-se na trilha ou caminho, não utilizando atalhos, pois estes danificam as raízes das árvores e provocam a erosão do solo.

Não utilizar sabão ou similares para se banhar em fontes de água encontradas durante o trajeto, esses produtos possuem em sua composição produtos químicos que descartados nas correntes d'água provocam danos ao ecossistema. Não deixe evidências de sua passagem nesses locais, certifique-se que o trajeto permaneça de modo intacto, como se o caminhante nunca estivesse passado por lá.

Os alimentos não devem exigir preparo, normalmente se leva doces e salgados: barras de cereais, frutas secas e frescas, biscoitos, porções de embutidos, azeitonas. Jamais fazer fogueiras, por esse motivo sugeriu-se levar alimentos prontos, pois em grande parte dos casos onde o fogo se alastra nesses locais de natureza preservada, houve uma ação humana inconsequente. Mesmo com a premissa de não ser surpreendido com a escuridão, e com as mudanças bruscas do tempo, torna-se necessário incluir na mochila uma lanterna, um par de pilhas sobressalentes e uma capa de chuva compacta.

Para registrar todos os momentos, uma câmera fotográfica, preferencialmente com proteção contra a areia fina encontrada nas praias e dunas, pois em grande parte dos casos essa areia penetra nas engrenagens da câmera, provocando danos.

Para se hidratar, água potável (cantil com um litro), pois em parte dos caminhos e trilhas não há fontes de água confiáveis, ou até mesmo a utilização de um filtro portátil, tipo canudo, para filtrar a água encontrada e consumida durante o percurso. Um celular carregado no dia anterior é imprescindível, sugere o uso de uma operadora de telefonia celular que tenha cobertura na maioria das trilhas e caminhos.

É aconselhável iniciar o trajeto no primeiro horário da manhã onde o sol não está a pico, calculando o tempo de ida e volta para não ser surpreendido com a escuridão da noite.

Alongamentos antes de iniciar esses trajetos podem reduzir a fadiga do corpo no dia seguinte, pausas estratégicas de descanso e alimentação durante o percurso podem tornar a caminhada mais agradável.

O silêncio durante a caminhada pode ser um pouco desconfortável para os sujeitos urbanos, porém aos poucos o corpo e os sentidos se adaptam ao novo ambiente, proporcionando assim a contemplação do meio, podendo com isso não afugentar a fauna: sons, imagens únicas fazem parte desses ambientes naturais, proporcionando estímulos positivos ao corpo. A interpretação normalmente se relaciona com conhecimentos/experiências prévias do visitante /caminhante. O visitante mesmo em grupo pode ter um tempo a sós com a natureza, assim essa interação poderá ser mais completa, pois o conhecimento tácito é único. Para que não haja surpresas na hora de utilizar os equipamentos eletrônicos, durante a caminhada, sugere-se que sejam testados no e carregados no dia anterior.



Foto 1 (Percurso, chegando ao início do Caminho)



Foto 2



Foto 3



Foto 5



Foto 4



Foto 6

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 7



Foto 9



Foto 8



Foto 10

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 11



Foto 13



Foto 12



Foto 14

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).



Foto 15



Foto 17



Foto 16



Foto 18 (Final do Caminho – Praia Brava)

Fonte: Elaborado pelo autor – Aplicativo *Strava* (2020).

ANEXO A – REFERÊNCIA DE CLASSIFICAÇÃO DE PERCURSO

Severidade do meio

- 1 Pouco severo;
- 2 Moderadamente severo;
- 3 Severo;
- 4 Bastante severo;
- 5 Muito severo.



Orientação no percurso

- 1 Caminhos e cruzamentos bem definidos;
 - 2 Caminho ou sinalização que indica a continuidade;
 - 3 Exige a identificação de acidentes geográficos e de pontos cardeais;
 - 4 Exige habilidades de navegação fora do traçado
- Orientação no percurso;
- 5 Exige navegação para utilizar trajetos alternativos e não conhecidos previamente.



Condições do terreno

- 1 Percurso em superfícies planas;
 - 2 Percurso por caminhos sem obstáculos;
 - 3 Percurso por trilhas escalonadas ou terrenos irregulares;
 - 4 Percurso com obstáculos
- Condições do terreno;
- 5 Percurso que requer técnicas verticais.



Intensidade de esforço físico

- 1 Pouco esforço;
- 2 Esforço moderado;
- 3 Esforço significativo;
- 4 Esforço intenso;
- 5 Esforço extraordinário.

Fonte: ABNT (2008-2019).

ANEXO B – PROJETO DE LEI N.º 15.951/14 E LEI N.º 5979/02 (BRASIL, 2002)



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
GABINETE DO VEREADOR PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)

PROJETO DE LEI N.º 15.951/14

Câmara Municipal de Florianópolis	
DIRETORIA LEGISLATIVA	
N.º	75
DATA	04/08/14
ASS:	<i>[assinatura]</i>

Altera a Lei 5979/2002 (oficializa caminhos e trilhas) incluindo-se a "Trilha do Morro da Praia Mole" nos mapas 1 e 2 integrantes da referida lei.

Art. 1º Fica incluída nos mapas 1 e 2 da Lei n. 5979/2002 a "Trilha do Morro da Praia Mole", na sua extensão de 560 metros, com acesso pela rodovia SC-406, conforme demarcação no mapa anexo, parte integrante deste projeto de lei.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis, em 18 de julho de 2014

[Assinatura manuscrita]

PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)
Vereador de Florianópolis- Líder do PP

ENCAMINHE-SE PARA PROCESSAMENTO
04/08/14
<i>[Assinatura]</i>
PRESIDENTE

Rua: Anita Garibaldi, nº 35 – Centro – Florianópolis – SC
CEP 88.010-500 – Fone: 48 3027.5700 - www.cmf.sc.gov.br

CÂMARA MUNICIPAL - FLORIANÓPOLIS - 18/07/2014 17:55 002685





ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
GABINETE DO VEREADOR PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)

JUSTIFICATIVA

A presente alteração visa a ampliar o rol de caminhos e trilhas oficializados no nosso município, os quais passarão a fazer parte dos “mapas 1 e 2” integrantes da Lei 5979/2002 (oficializa caminhos e trilhas).

Cabe informar que a iniciativa de elaboração da referida lei deu-se em razão de uma solicitação da Prefeitura Municipal de Florianópolis, por meio do IPUF, para que fossem realizados estudos sobre as trilhas e caminhos passíveis de oficialização e consequente proteção/tombamento ambiental.

Para tanto, foi formada uma equipe técnica, liderada pelo Mestre em Geografia Urbana, Ph.D. em Planejamento Urbano e Regional e, Professor Augusto César Zeferino, os geógrafos Maurício Ruiz Câmara e André Luis Santos e corpo técnico do IPUF (1 engenheiro, 1 geógrafo e 3 arquitetos).

Quanto à metodologia adotada, foram feitas entrevistas com usuários e moradores ao longo das trilhas e caminhos; levantamento fotográfico para registro da paisagem e elementos de apoio ao usuário; registro gráfico dos traçados dos caminhos e trilhas tradicionais existentes de forma a constatar os percursos remanescentes, na forma de mapas e plantas específicas de cada caminho e trilha. Completou-se o mapeamento com as verificações de campo dos percursos dos caminhos e trilhas para a descrição de suas atuais características. Por fim, o traçado de cada caminho foi feito a partir das coordenadas levantadas em campo com o uso de GPS (Global Positioning System).

Como resultado, obteve-se o mapeamento de 31 caminhos e trilhas, o qual foi compilado em um livro denominado “Caminhos e Trilhas de Florianópolis”, com a sua edição no ano de 2001 pela Prefeitura de Florianópolis (IPUF e Secretaria Municipal de Turismo) e Ministério de Esporte e Turismo (EMBRATUR) com apoio do Governo do Estado de Santa Catarina (SANTUR). Após a sua edição, o material do livro foi incorporado aos mapas integrantes da Lei Municipal 5979/2002, oficializando-se, assim, tais caminhos e trilhas, garantindo-se a preservação dos seus entornos.

De forma a dar continuidade e maior abrangência ao referido trabalho, foi editado em 2005, por iniciativa do mesmo autor, um novo livro contemplando alguns dos traçados previstos na edição anterior, além da inclusão de 20 outros caminhos e trilhas, dentre os quais a “Trilha do Morro da Praia Mole”, à qual se tem acesso pela rodovia SC-406, conforme demarcação no mapa anexo.



Rua: Anita Garibaldi, nº 35 – Centro – Florianópolis – SC
CEP 88.010-500 – Fone: 48 3027.5700 - www.cmf.sc.gov.br



ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
GABINETE DO VEREADOR PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)

Trata-se de uma das trilhas mais curtas da Ilha de Santa Catarina que proporciona uma vista panorâmica das praias e é muito utilizada por praticantes de parapente

A importância de se preservar os bens naturais e locais de relevância socioambiental está materializada e difundida no nosso ordenamento jurídico, cabendo ao Poder Público implementar políticas públicas de forma a assegurar a proteção do patrimônio ambiental em todas as esferas federativas.

Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988, em capítulo dedicado exclusivamente ao meio ambiente, prevê como direito de todos um “meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”. Ademais, de maneira a assegurar tal direito, incumbe ao Poder Público o dever de “preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais” e “definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos”.

A legislação infraconstitucional, por meio da Política Nacional do Meio Ambiente- Lei 6938/1981, dentre outros inúmeros dispositivos legais, tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, observando-se alguns princípios, tais como: ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo; planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais; proteção dos ecossistemas, com a preservação de áreas representativas; recuperação de áreas degradadas e proteção de áreas ameaçadas de degradação.

Ademais, importante citar a Lei 11.428/2006, a qual dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa da Mata Atlântica, bioma esse tão ameaçado e no qual está inserido o município de Florianópolis, em toda a sua extensão. A referida lei, em seu art. 6º, *caput*, prevê, como objetivos específicos, *dentre outros*: “a **salvaguarda da biodiversidade, da saúde humana, dos valores paisagísticos, estéticos e turísticos (...)**”.

No que concerne à competência para a proposição do presente PL, a Lei Orgânica do município de Florianópolis dispõe no seu art. 9º e incisos, como competência do município, dentre outras: “prover o que é de interesse local e do bem-estar de sua população como, dentre outras, as seguintes atribuições: legislar sobre assuntos de **interesse local**, bem como **promover a proteção do patrimônio histórico-cultural, paisagístico, arquitetônico e ecológico local e sítios**

Rua: Anita Garibaldi, nº 35 – Centro – Florianópolis – SC
CEP 88.010-500 – Fone: 48 3027.5700 - www.cmf.sc.gov.br





ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
GABINETE DO VEREADOR PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)

Trata-se de uma das trilhas mais curtas da Ilha de Santa Catarina que proporciona uma vista panorâmica das praias e é muito utilizada por praticantes de parapente

A importância de se preservar os bens naturais e locais de relevância socioambiental está materializada e difundida no nosso ordenamento jurídico, cabendo ao Poder Público implementar políticas públicas de forma a assegurar a proteção do patrimônio ambiental em todas as esferas federativas.

Nesse sentido, a Constituição Federal de 1988, em capítulo dedicado exclusivamente ao meio ambiente, prevê como direito de todos um “meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”. Ademais, de maneira a assegurar tal direito, incumbe ao Poder Público o dever de “preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais” e “definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos”.

A legislação infraconstitucional, por meio da Política Nacional do Meio Ambiente- Lei 6938/1981, dentre outros inúmeros dispositivos legais, tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, observando-se alguns princípios, tais como: ação governamental na manutenção do equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser necessariamente assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo; planejamento e fiscalização do uso dos recursos ambientais; proteção dos ecossistemas, com a preservação de áreas representativas; recuperação de áreas degradadas e proteção de áreas ameaçadas de degradação.

Ademais, importante citar a Lei 11.428/2006, a qual dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa da Mata Atlântica, bioma esse tão ameaçado e no qual está inserido o município de Florianópolis, em toda a sua extensão. A referida lei, em seu art. 6º, *caput*, prevê, como objetivos específicos, *dentre outros*: “**a salvaguarda da biodiversidade, da saúde humana, dos valores paisagísticos, estéticos e turísticos (...)**”.

No que concerne à competência para a proposição do presente PL, a Lei Orgânica do município de Florianópolis dispõe no seu art. 9º e incisos, como competência do município, dentre outras: “prover o que é de interesse local e do bem-estar de sua população como, dentre outras, as seguintes atribuições: legislar sobre assuntos de **interesse local**, bem como **promover a proteção do patrimônio histórico-cultural, paisagístico, arquitetônico e ecológico local e sítios**

Rua: Anita Garibaldi, nº 35 – Centro – Florianópolis – SC
CEP 88.010-500 – Fone: 48 3027.5700 - www.cmf.sc.gov.br





ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
GABINETE DO VEREADOR PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)

arqueológicos, observadas as legislações federal e estadual.

Nesse sentido, o art. 39 do referido dispositivo legal, dispõe caber à “Câmara Municipal, com a sanção do Prefeito, dispor sobre todas as matérias de competência do Município, e especialmente sobre”:

I- assuntos de interesse local, inclusive suplementando a legislação Federal e a Estadual, notadamente no que diz respeito:

(...)

b) à proteção de (...) bens de valor histórico, artístico e cultural, como os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos do Município;

c) a impedir a evasão, destruição e descaracterização de obras de artes e outros bens de valor histórico, artístico, cultural e natural do Município;

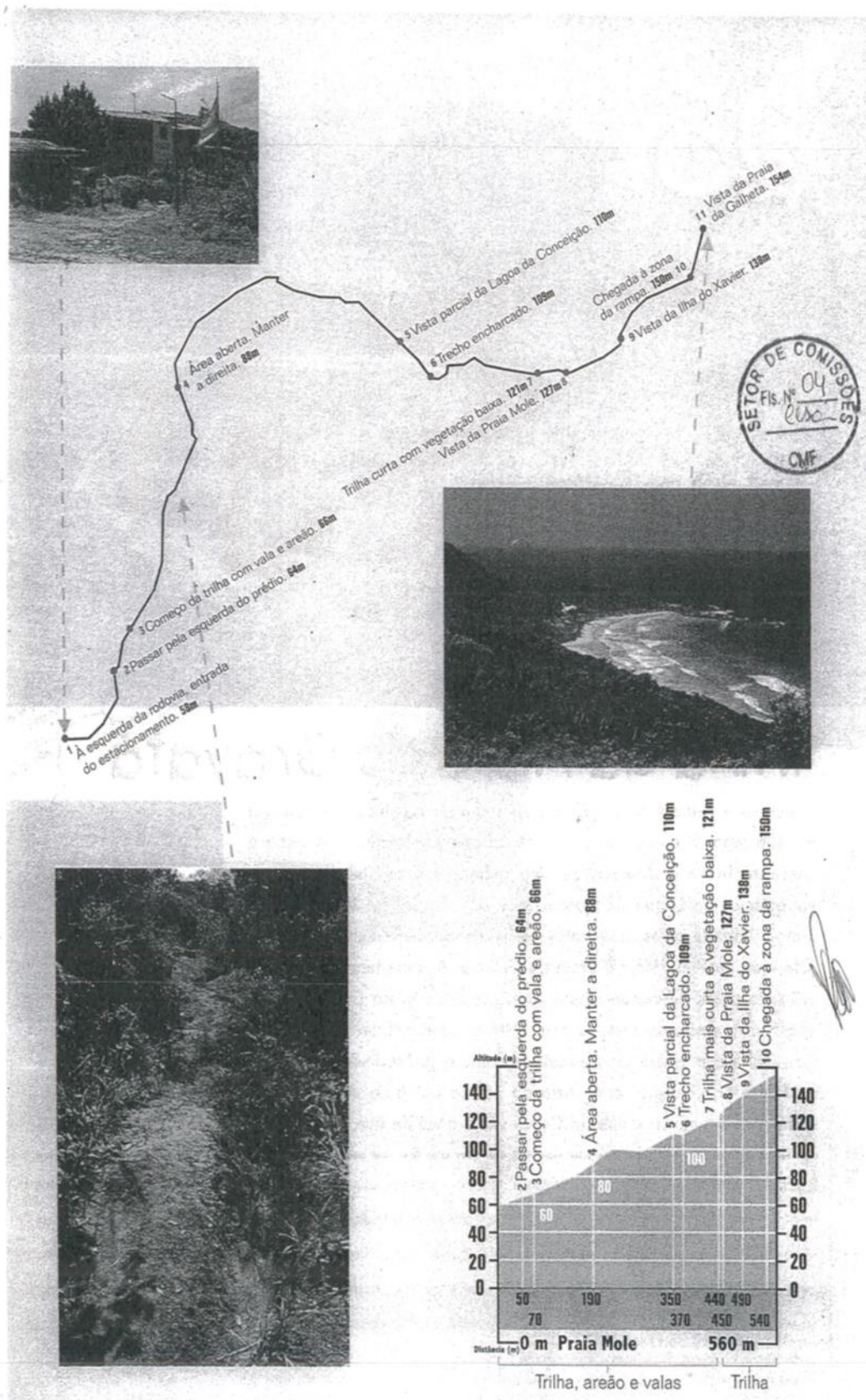
(...)

e) à proteção ao meio ambiente, ao combate à poluição e à melhoria da qualidade de vida;

Assim sendo, pelas exposições acima, entende este Vereador que a inclusão da “Trilha do Morro da Praia Mole” nos mapas 1 e 2 integrantes da Lei 5979/2002 é de grande importância para o município como forma de preservar um bem ambiental-cultural e beneficiar não apenas os moradores do seu entorno, mas a população em geral e os visitantes da trilha.

PEDRO DE ASSIS SILVESTRE (PEDRÃO)
Vereador de Florianópolis- Líder do PP







ESTADO DE SANTA CATARINA
CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS
PALÁCIO DIAS VELHO



LEI Nº 5979/02

OFICIALIZA LOCALIZAÇÕES E
DENOMINAÇÕES DOS CAMINHOS E TRILHAS
DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS.

Faço saber a todos os habitantes do município de Florianópolis, que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Ficam oficializadas as localizações e denominações dos caminhos e trilhas do território do município de Florianópolis conforme descrições contidas no guia de referência e mapas 1 e 2 em anexo, partes integrantes desta Lei.

- § 1º - Fica garantida a preservação do entorno das trilhas e caminhos, mesmo que a legislação vigente permita a ocupação e execução de obras ao longo de acessos públicos oficiais conforme Planos Diretores dos Balneários e do Distrito Sede.
- § 2º - Ficam proibidas quaisquer atividades e/ou ações danosas à flora, à fauna e ao meio ambiente, bem como o direito de ocupação/construção.
- § 3º - Fica mantido como "non aedificandi" as APPs - Áreas de Preservação Permanente, com a garantia de que os caminhos e trilhas sejam públicos e que não possam ser fechados.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

DOE – 15/01/2002

Florianópolis, aos 02 de janeiro de 2002.

ANGELA REGINA HEINZEN AMIN HELOU
PREFEITA MUNICIPAL

9 Trilha da Lagoinha do Leste



É o principal acesso ao Parque Natural Municipal da Lagoinha do Leste, partindo do Pântano do Sul. Segue em meio à Mata Atlântica e destaca-se por rara beleza cênica. Frequentada por pescadores, surfistas, trilheiros e turistas.

Informações básicas:



Local de início: Servidão Manoel Pedro de Oliveira

Local de chegada: Praia da Lagoinha do Leste

Distância do Centro: 28 km

Extensão: 2,2 km

Duração: 1h

Fonte: FLORAM (2020).